



Bodleian Libraries

UNIVERSITY OF OXFORD

This book is part of the collection held by the Bodleian Libraries and scanned by Google, Inc. for the Google Books Library Project.

For more information see:

<http://www.bodleian.ox.ac.uk/dbooks>



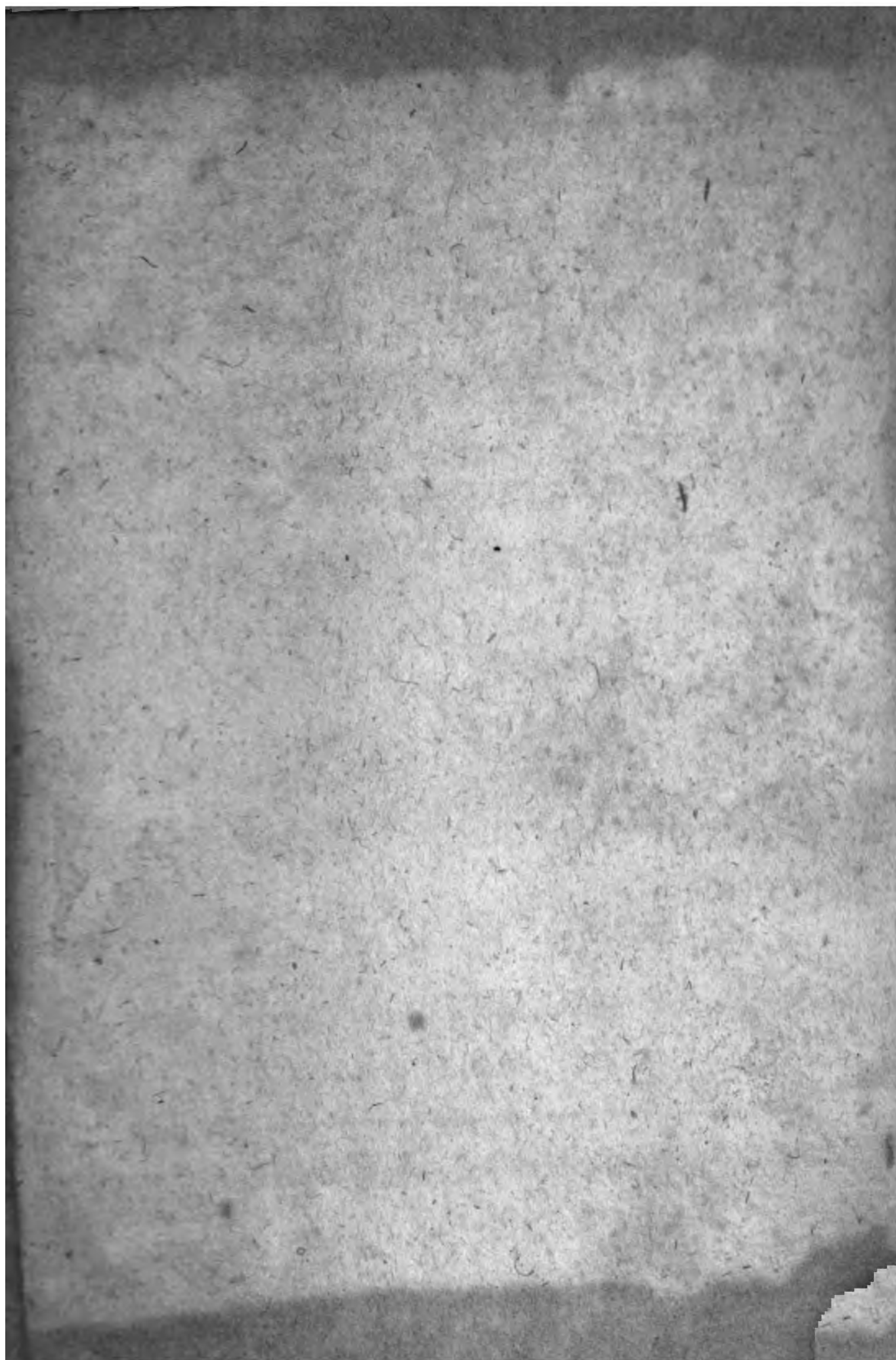
This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 2.0 UK: England & Wales (CC BY-NC-SA 2.0) licence.



278610

H. 81.

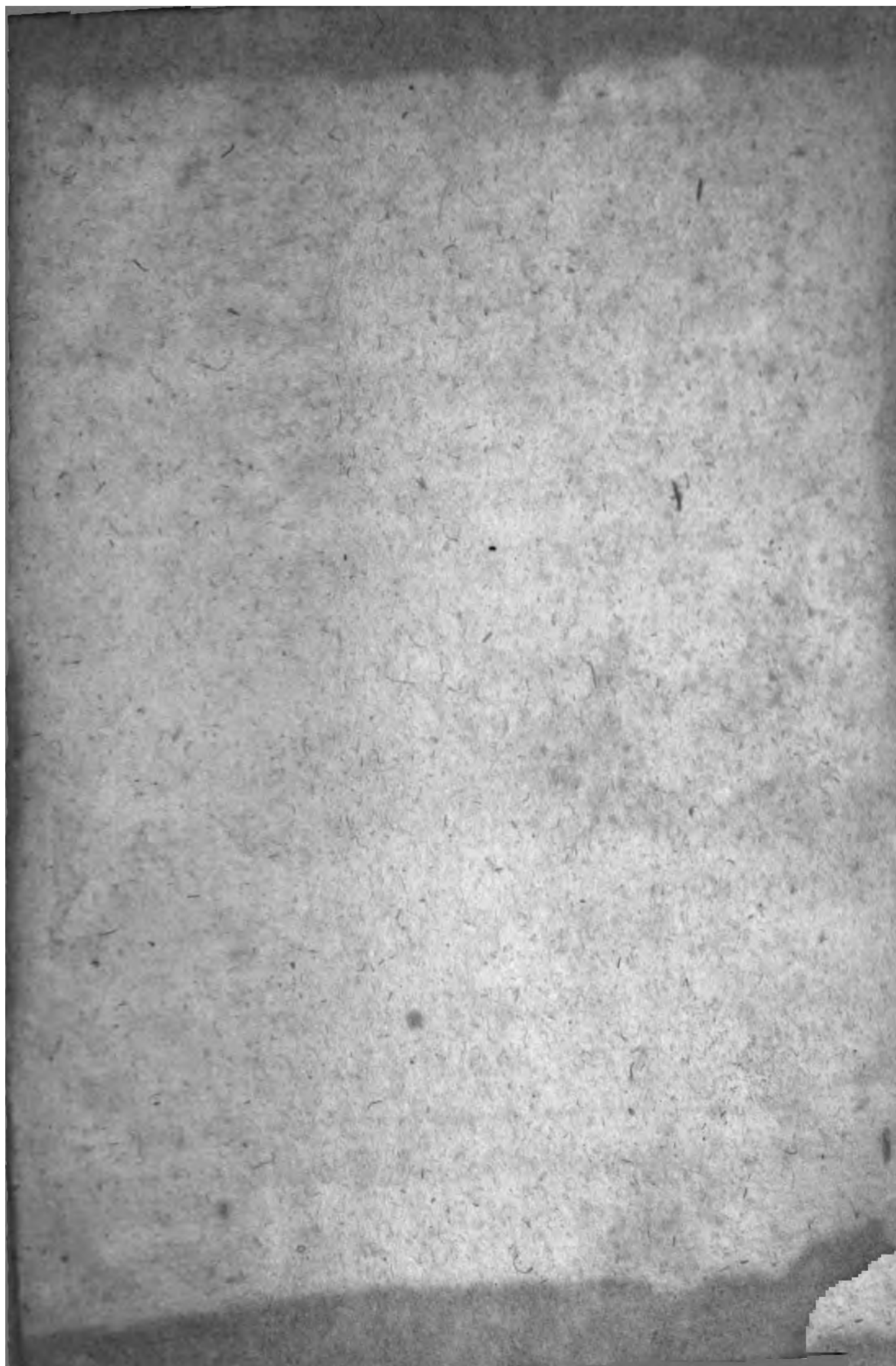




1211
278610

H. 81







O B R A S
D E
L U I S D E C A M Õ E S,

PRINCIPE DOS POETAS DE HESPAÑHA.

SEGUNDA EDIÇÃO,

Da que , na Officina Luifiana , se fez em Lisboa
nos annos de 1779 , e 1780.

T O M O I . P A R T E II.



L I S B O A.

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA.

A N N O M . D C C . L X X X I I .

Com licença da Real Meza Censoria.

O R I G I N A L

RE

RECEIVED

AT THE OFFICE OF THE

SECRETARY OF THE

DEPARTMENT OF THE INTERIOR

WASHINGTON, D. C.

T O M O R R O W



A R T I C L E

NO. 1000

AND

—

—

ADVERTENCIA DO EDITOR.

*A*ttendendo ao inconveniente de ficar este primeiro tomo de formosamente volumoso, se fez necessario, para melhor commodo dos Estudiosos, dividi-lo em primeira, e segunda parte; ficando com tudo ao arbitrio, parecer, e gosto dos mesmos o encadernarem-se huma, e outra juntas, ou separadas.

A R G U M E N T O DO CANTO SEXTO.

S Alhe Vasco da Gama de Melinde, e em quanto navega prosperamente, desce Baccho ao mar: descripção do Palacio de Neptuno: convoca o mesmo Baccho os Deoses maritimos, e lhes persuade destruaõ aos navegantes: em quanto isto se passa, refere Velloso, por entreter aos seus companheiros, a historia dos doze de Inglaterra: levanta-se horrorosa tormenta: he aplacada por Venus, e pelas Nymphas: com bonança chegaõ finalmente a Calecut, ultimo, e desejado termo desta navegaçaõ.

Outro argumento.

*Parte-se de Melinde o Illustre Gama,
Com Pilotos da terra, e mantimento:
Desce Lyeo ao mar, Neptuno chama
Todos os deoses do humido elemento:
Conta Velloso, aos seus dando honra, e fama,
Dos doze de Inglaterra o vencimento:
Soccorre Venus a affligida armada,
E á India çbega tanto desejada.*



L U S I A D A

D O G R A N D E

L U I S D E C A M Õ E S .

C A N T O S E X T O .

I.



Aõ fabia em que modo festejasse
O Rei Pagão os fortes navegantes,
Para que as amizades alcançasse
Do Rei Christão, das gentes tão possan-
Peza-lhe que tão longe o aposentasse (tes;
Das Europeas terras abundantes
A ventura, que não o fez visinho
Donde Hercules ao mar abriu caminho.

II.

II.

Com jogos , danças , e outras alegrias ,
 A segundo a policia Melindana ,
 Com usadas e ledas pescarias ,
 Com que a Lageia a Antonio alegre , e engana :
 Este famoso Rei todos os dias
 Festeja a companhia Lusitana ,
 Com banquetes , manjares defusados ,
 Com fructas , aves , carnes , e pescados.

III.

Mas vendo o Capitam , que se detinha
 Já mais do que devia , e o fresco vento
 O convida que parta , e tome asinha
 Os Pilotos da terra , e o mantimento ;
 Não se quer mais deter , que ainda tinha
 Muito para cortar do falso argento :
 Já do Pagaõ benigno se despede ,
 Que a todos amizade longa pede.

III.

Pede-lhe mais , que aquelle porto seja
 Sempre com suas frotas visitado ;
 Que nenhum outro bem maior deseja ,
 Que dar a taes Barões seu Reino , e Estado :
 E que em quanto ao seu corpo o espirito reja ,
 Estará de contino apparelhado
 A pôr a vida , e Reino totalmente ,
 Por taõ bom Rei , por taõ sublime gente.

CANTO VI.

7

V.

Outras palavras taes lhe respondia
O Capitam, e logo as vélas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando.
No Piloto que leva, não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.

VI.

As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Thyoneo, que na alma fente
As venturas que entaõ se apparelhavam
A' gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema, e defatina,

VII.

Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não o pôde estorvar, que destinado
Está de outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce, em fim, desesperado:
Novo remedio em terra busca, e toma:
Entra no humido Reino, e vai-se á Corte
Daquelle a quem o mar cahio em forte.

VIII.

LUSITANIA

VIII.

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde;
Lá donde as ondas sahem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde;
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás Cidades,
Que habitam estas humidas deidades;

IX.

Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas alli de prata fina:
Torres altas se vem no campo aberto
Da transparente massa crystalina.
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro, e radiante.

X.

As portas de ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar que nas conchas nasce,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista pace.
E vê primeiro em cores variadas
Do velho chaos a tão confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados
Em diversos officios occupados.

XI.

XI.

Alli sublime o Fogo estava em cima,
 Que em nenhuma materia se sostinha:
 De aqui as coufas vivas sempre anima,
 Despois que Prometheo furtado o tinha.
 Logo apoz elle leve se sublima
 O invisibil Ar, que mais asinha
 Tomou lugar; e nem por quente, ou frio,
 Algum deixa no Mundo estar vazio.

XII.

Estava a Terra em montes, revestida
 De verdes hervas, e arvores floridas,
 Dando pasto diverso, e dando vida
 A's alimarias nella produzidas.
 A clara fórma alli estava esculpida
 Das Aguas entre a terra desparzidas,
 De pescados criando varios modos,
 Com seu humor mantendo os corpos todos.

XIII.

N'outra parte esculpida estava a guerra
 Que tiveram os deoses co' os Gigantes:
 Está Typhéo debaixo da alta ferra
 De Ethna, que as flammias lança crepitantes.
 Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houveram, e a primeira
 De Minerva pacifica oliveira.

XIII.

Pouca tardança faz Lyeo irado ,
 Na vista destas cousas ; mas entrando
 Nos Paços de Neptuno , que avifado
 Da vinda sua o estava ja aguardando :
 A's portas o recebe , acompanhado
 Das Nymphas , que se estão maravilhando
 De ver que cometendo tal caminho
 Entre no Reino da agua o Rei do vinho.

XV.

O' Neptuno , lhe disse , não te espantes
 De a Baccho nos teus Reinos receberes ;
 Porque tambem co' os grandes , e possantes ,
 Mostra a fortuna injusta seus poderes :
 Manda chamar os deoses do mar , antes
 Que falle mais : se ouvir-m'o mais quizeres :
 Veraõ da desyventura grandes modos :
 Ouçam todos o mal , que toca a todos.

XVI.

Julgando já Neptuno que seria
 Estranho caso aquelle , logo manda
 Tritaõ , que chame os deoses da agua fria ,
 Que o mar habitam d'huma e d'outra banda.
 Tritaõ , que de ser filho se gloria
 Do Rei , e da Salacia veneranda ,
 Era mancebo grande , negro , e feo ,
 Trombeta de seu pai , e seu corréo.

XVII.

XVII.

Os cabellos da barba, e os que descem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Húus limos prenhes d'agua, e bem parecem
 Que nunca brando pentem conhecêram.
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que alli se geram:
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Húa mui grande casca de lagosta.

XVIII.

O corpo nú, e os membros genitais,
 Por não ter ao nadar impedimento,
 Mas porém de pequenos animais
 Do mar, todos cobertos cento, e cento.
 Camarões, e cangrejos, e outros mais
 Que recebem de Phebe crescimento;
 Ostras, e breguigões de musgo fujos,
 A's costas com a casca os caramujos.

XIX.

Na mão a grande concha retorcida
 Que trazia, com força já rocava;
 A voz grande canora foi ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia apercebida
 Dos deoses, para os Paços caminhava
 Do deos que fez os muros de Dardania
 Destruídos depois da Grega infania.

XX.

Vinha o Padre Oceano acompanhado
 Dos filhos e das filhas que gerára ;
 Vem Nereo , que com Doris foi casado ,
 Que todo o mar de Nymphas povoára :
 O Propheta Protheo deixando o gado
 Maritimo pascer pela agua amára ,
 Alli veio tambem , mas já sabia
 O que o Padre Lyeo no mar queria.

XXI.

Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno , de Celo , e Vesta filha ;
 Grave , e léda no gesto , e taõ formosa ,
 Que se amansava o mar de maravilha :
 Vestida huma camisa preciosa
 Trazia de delgada beutilha ,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se :
 Que tanto bem não he para esconder-se.

XXII.

Amphitrite , formosa como as flores ;
 Neste caso não quiz que fallecesse ;
 O Delphim traz consigo , que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse.
 Co' os olhos , que de tudo são senhores ,
 Qualquer parecerá que o Sol venceisse :
 Ambas vem pela mão : igual partido ;
 Pois ambas são esposas de hum marido.

XXIII.

XXIII.

Aquella , que das furias de Athamante
 Fugindo , veio a ter divino estado ,
 Comfigo traz o filho , bello infante ,
 No número dos deoses relatado.
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas , que o salgado
 Mar sempre cria ; e ás vezes pela arêa
 No colo o toma a bella Panopéa.

XXIII.

E o deos que foi hum tempo corpo humano ,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe , e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa ;
 Inda vinha chorando o feo engano
 Que Circe tinha usado co' a formosa
 Scylla , que elle ama , desta sendo amado ;
 Que a mais obriga amor mal empregado.

XXV.

Já finalmente todos assentados
 Na grande sala , nobre , e divinal ,
 As deosas em riquissimos estrados ,
 Os deoses em cadeiras de crystal :
 Foram todos do Padre agasalhados ,
 Que co' o Thebano tinha assento igual :
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce , e Arabia em cheiro passa.

XXVI.

XXVI.

Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Hum pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co' o ferro alheio, falla desta sorte:

XXVII.

Principe, que de juro senhorêas
 D'hum Polo, ao outro Polo o mar irado;
 Tu, que as gentes da terra toda enfrêas
 Que não passem o termo limitado:
 E tu, Padre Oceano, que rodêas
 O Mundo universal, e o tées cercado;
 E com justo decreto assi permites,
 Que dentro vivam só de seus limites:

XXVIII.

E vós, deoses do mar, que não soffreis
 Injúria algũa em vosso Reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra, e ande:
 Que descuido foi este em que viveis?
 Quem póde ser que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos,
 Contra os humanos, fracos, e atrevidos?

XXIX.

XXIX.

Vistes , que com grandissima ousadia
 Foram já cometer o Ceo supremo ;
 Vistes aquella infana phantasia
 De tentarem o mar com véla , e remo :
 Vistes , e ainda vemos cada dia ,
 Soberbas , e insolencias taes , que temo
 Que do mar , e do Ceo , em poucos anos ,
 Venham deoses a ser , e nós humanos.

XXX.

Vedes agora a fraca geração
 Que de hum vassallo meu o nome toma ,
 Com soberbo , e altivo coração ,
 A vós , e a mi , e o Mundo todo doma.
 Vedes , o vosso mar cortando vaõ ,
 Mais do que fez a gente alta de Roma ;
 Vedes , o vosso Reino devassando ,
 Os vossos estatutos vaõ quebrando.

XXXI.

Eu vi , que contra os Mynias , que primeiro
 No vosso Reino este caminho abriram ,
 Boreas injuriado , e o companheiro
 A'quilo , e os outros todos resistiram :
 Pois se do ajuntamento aventureiro
 Os ventos esta injúria assi sentiram ,
 Vós , a quem mais compete esta vingança ,
 Que esperais ? Porque a pondes em tardança ?

XXXII.

XXXII.

E não confinto, deoses, que cuideis
 Que por amor de vós do Ceo desci;
 Nem da mágoa da injúria que soffreis,
 Mas da que se me faz tambem a mi:
 Que aquellas grandes honras, que sabeis
 Que no Mundo ganhei, quando venci
 As terras Indianas do Oriente,
 Todas vejo abatidas desta gente.

XXXIII.

Que o grão Senhor, e fados que destinam,
 Como lhe bem parece, o baixo Mundo,
 Famas móres que nunca, determinam
 De dar a estes Barões no mar profundo:
 Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
 O mal tambem a deoses, que a segundo
 Se vê, ninguem já tem menos valia,
 Que quem com mais razão valer devia.

XXXIII.

E por isso do Olympo já fugi,
 Buscando algum remedio a meus pezares,
 Por ver se o preço que no Ceo perdi,
 Por ventura acharei nos vossos mares.
 Mais quiz dizer, e não passou de aqui,
 Porque as lagrimas já correndo a pares
 Lhe saltáram dos olhos, com que logo
 Se accendem as deidades da agua em fogo.

XXXV.

A ira com que subito alterado
 O coração dos deoses foi n'hum ponto,
 Não soffreo mais conselho bem cuidado,
 Nem dilação, nem outro algum desconto.
 Ao grande Eolo mandam já recado
 Da parte de Neptuno, que sem conto
 Solte as furias dos ventos repugnantes,
 Que não haja no mar mais navegantes.

XXXVI.

Bem quizera primeiro alli Protheo
 Dizer neste negocio o que sentia;
 E segundo o que a todos pareceo,
 Era alguma profunda prophecia.
 Porém tanto o tumulto se moveo
 Subito na divina companhia,
 Que Thetis indignada lhe bradou:
 Neptuno sabe bem o que mandou.

XXXVII.

Já lá o soberbo Hypotades soltava
 Do carcere fechado os furiosos
 Ventos, que com palavras animava
 Contra os Barões audaces, e animosos.
 Subito o Ceo sereno se obumbrava,
 Que os ventos mais que nunca impetuosos,
 Começam novas forças a ir tomando,
 Torres, montes, e casas derribando.

XXXVIII.

Em quanto este concelho se fazia
 No fundo aquoso, a léda lassa frota,
 Com vento socegado proseguia
 Pelo tranquillo mar a longa rota.
 Era no tempo quando a luz do dia
 Do Eoo Hemispherio está remota;
 Os do quarto da prima se deitavam,
 Para o segundo os outros despertavam.

XXXIX.

Vencidos vem do somno, e mal despertos
 Bocejando a miude se encostavam
 Pelas antennas, todos mal cobertos
 Contra os agudos ares que assopravam.
 Os olhos contra seu querer abertos,
 Mas estregando os membros estiravam:
 Remedios contra o somno buscar querem,
 Historias contam, casos mil referem.

XL.

Com que melhor podemos, hum dizia,
 Este tempo passar, que he taõ pezado,
 Senão com algum conto de alegria,
 Com que nos deixe o somno carregado?
 Responde Leonardo, que trazia
 Pensamentos de firme namorado:
 Que contos poderemos ter melhores
 Para passar o tempo, que de amores?

XLI.

Naõ hê, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Naõ soffre amores, nem delicadeza.
 Antes de guerra fêrvida, e robusta,
 A nossa historia seja, pois dureza
 Nossa vida ha de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.

XLII.

Consentem nisto todos, e encommendam
 A Velloso, que conte isto que approva.
 Contarei, disse, sem que me reprehendam
 De contar cousa fabulosa, ou nova.
 E porque os q̃ me ouvirem daqui aprendam
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi na nossa terra;
 E estes sejam os doze de Inglaterra.

XLIII.

No tempo que do Reino a rédea leve
 João, filho de Pedro, moderava;
 Depois que socegado, e livre o teve
 Do visinho poder que o molestava;
 Lá na grande Inglaterra, que da neve
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Erynnis dura, e má cizania,
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.

XLIII.

Entre as damas gentís da Corte Inglesa,
 E nobres Cortezãos, acafo hum dia
 Se levantou discordia em ira accesa,
 Ou foi opiniaõ, ou foi porfia.
 Os Cortezãos, a quem taõ pouco pesa
 Soltar palavras graves de oufadia,
 Dizem: Que provarão, que honras, e famas,
 Em taes damas não ha para fer damas.

XLV.

E que se houver alguem com lança, e espada;
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo razo, ou estacada,
 Lhe daraõ fea infamia, ou morte crua.
 A feminil fraqueza pouco usada,
 Ou nunca, a opprobrios taes, vendo-se nua.
 De forças naturaes, convenientes,
 Soccorro pede a amigos, e parentes.

XLVI.

Mas como fossem grandes, e possantes,
 No Reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem férvidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.
 Com lagrimas formosas, e bastantes
 A fazer que em soccorro os deoses levem
 De todo o Ceo, por rostos d'alabastro,
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

XLVII.

XLVII.

Era este Inglez potente , e militára
Co' os Portuguezes já contra Castella ;
Onde as forças magnanimas provára
Dos companheiros , e benigna estrella :
Naõ menos nesta terra exprimentára
Namorados affectos , quando nella
A filha vio , que tanto o peito doma
Do forte Rei , que por mulher a toma.

XLVIII.

Este que soccorrer lhes naõ queria ,
Por naõ causar discordias intestinas ,
Lhes diz : Quando o direito pertendia
Do Reino lá das terras Iberinas ,
Nos Lusitanos vi tanta ousadia ,
Tanto primor , e partes taõ divinas ,
Que elles sós poderiam , senaõ erro ,
Sustentar vossa parte a fogo , e ferro.

XLIX.

E se , aggravadas damas , sois servidas ,
Por vós lhes mandarei Embaixadores ,
Que por cartas discretas , e polidas ,
De vosso aggravo os façam sabedores.
Tambem por vossa parte encarecidas
Com palavras de affagos , e de amores ,
Lhes sejam vossas lagrimas , que eu creio ,
Que alli tereis soccorro , e forte esteio.

L.

Desta arte as aconselha o Duque experto ,
 E logo lhes nomêa doze fortes :
 E porque cada dama hum tenha ferto ,
 Lhes manda que sobre elles lancem fortes :
 Que ellas só doze faõ : e descoberto
 Qual a qual tem cahido das confortes ,
 Cada hũa escreve ao seu por varios modos ,
 E todas a seu Rei , e o Duque a todos.

LII.

Já chega a Portugal o mensageiro ,
 Toda a Corte alvorôça a novidade :
 Quizera o Rei sublime ser primeiro ,
 Mas não lho soffre a Régia Magestade.
 Qualquer dos Cortezãos aventureiro
 Deseja ser , com férvida vontade ;
 E só fica por bemaventurado ,
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

LII.

Lá na leal Cidade donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal , armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas , e roupas d'uso mais moderno ,
 De elmos , cimeiras , letras , e primores ,
 Cavallos , e concertos de mil cores.

LIII.

LIII.

Já do seu Rei tomado tem licença,
 Para partir do Douro celebrado,
 Aquelles que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Inglez experimentado.
 Não ha na companhia differença
 De Cavalleiro destro, ou esforçado;
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Desta arte falla á forte companhia:

LIIII.

Fortíffimos confocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais aguas, que as do Douro, e Tejo,
 Várias gentes, e leis, e várias manhas.
 Agora que apparelho certo vejo,
 (Pois que do Mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei convosco em Inglaterra.

LV.

E quando calo for, que eu impedido
 Por quem das cousas he ultima linha,
 Não for convosco ao prazo instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que he devido;
 Mas se a verdade o espirito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão que eu convosco lá não seja.

LVI.

LVI.

Affi diz ; e abraçados os amigos ,
 E tomada licença , em fim , se parte :
 Passa Leão , Castella , vendo antigos
 Lugares , que ganhára o patrio Marte :
 Navarra , co' os altíffimos perigos
 Do Perynêo , que Hespanha , e Gallia parte ;
 Vistas , em fim , de França as cousas grandes ,
 No grande Emporio foi parar de Frandes.

LVII.

Alli chegado , ou fosse caso , ou manha ,
 Sem passar se deteve muitos dias ,
 Mas dos onze a illustriífima companhia ,
 Corta do mar do Norte as ondas frias.
 Chegados de Inglaterra á costa estranha ,
 Para Londres já fazem todos vias :
 Do Duque saõ com festa agasalhados ,
 E das damas servidos , e animados.

LVIII.

Chega-se o prazo , e dia assignalado
 D'entrar em campo já co' os doze Inglezes ,
 Que pelo Rei já tinham segurado :
 Armam-se de elmos , grevas , e de arnezes :
 Já as damas tem por si fulgente , e armado ,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes :
 Vestem-se ellas de cores , e de sedas
 De ouro , e de joias mil , ricas , e ledas.

LIX.

LIX.

Mas aquella , a quem fora em sorte dado
 Magriço , que não vinha , com tristeza
 Se veste , por não ter quem nomeado
 Seja seu Cavalleiro nesta empreza :
 Bem que os onze apregoam , que acabado
 Será o negocio assi na Corte Ingleza ;
 Que as damas vencedoras se conheçam
 Postoque dous e tres dos seus falleçam.

LX.

Já n'hum sublime e público theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a Corte :
 Estavam tres e tres , e quatro e quatro ,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do Sol , do Tejo ao Barro ,
 De força , esforço , e de animo mais forte ,
 Outros doze fahir como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.

LXI.

Mastigam os cavallos , escumando
 Os aureos freos com feroz semblante :
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal , ou rigido diamante.
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando ,
 Partido desigual , e dissonante ,
 Dos onze contra os doze , quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.

LXII.

LXII.

Víram todos o rosto adonde havia
 A causa principal do reboliço :
 Eis entra hum Cavalleiro , que trazia
 Armas , cavallo , ao bellico serviço :
 Ao Rei e ás damas falla , e logo se hia
 Para os onze , que este era o grão Magriço :
 Abraça os companheiros como amigos ,
 A quem não falta certo nos perigos.

LXIII.

A dama , como ouvio que este era aquelle
 Que vinha a defender seu nome , e fama ,
 Se alegre , e veste alli do animal de Helle ,
 Que a gente bruta , mais que virtude ama.
 Já dão signal , e o som da tuba impelle
 Os bellicosos animos que inflama :
 Picam de esporas , largam rédeas logo ,
 Abaixam lanças , fere a terra fogo.

LXIII.

Dos cavallos o estrepito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme :
 O coração no peito , que estremece
 De quem os olha , se alvoroça , e teme :
 Qual do cavallo vôa , que não dece ;
 Qual co' o cavallo em terra dando , geme ;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas ;
 Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

LXV.

LXV.

Algun de alli tomou perpétuo fono ,
 E fez da vida ao fim breve intervallo :
 Correndo algum cavallo vai sem dono ,
 E n'outra parte o dono sem cavallo :
 Cahe a soberba Ingleza de feu throno ,
 Que dous , on tres , já fóra vaõ do vallo :
 Os que de espada vem fazer batalha ,
 Mais acham já que arnez , escudo , e malha .

LXVI.

Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros , cruas estocadas ,
 He desses gastadores , que sabemos ,
 Maos do tempo , com fabulas sonhadas :
 Basta por fim do caso , que entendemos
 Que com finezas altas , e affamadas ,
 Co' os nossos fica a palma da victoria ,
 E as damas vencedoras , e com gloria .

LXVII.

Recolhe o Duque os doze vencedores
 Nos seus Paços com festas , e alegria :
 Cozinheiros occupa , e caçadores ,
 Das damas a formosa companhia ;
 Que querem dar aos seus libertadores
 Banquetes mil cada hora , e cada dia ,
 Em quanto se detem em Inglaterra ,
 Até tornar á doce e chara terra .

LXVIII.

LXVIII.

Mas dizem , que com tudo o grão Magriço
 Desejoso de ver as coufas grandes ,
 Lá se deixou ficar , onde hum serviço
 Notavel á Condeffa fez de Frandes :
 E como quem não era já noviço
 Em todo trance , onde tu Marte mandes ,
 Hum Francez mata em campo , que o destino
 Já teve de Torquato , e de Corvino.

LXIX.

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança , e teve hum fero desafio
 Co' hũ Germano enganoso , que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio.
 Contando assi Velloso , já a companha
 Lhe pede , que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço , e vencimento ,
 Nem deixe o de Alemanha em esquecimento.

LXX.

Mas neste passo assi promptos estando ,
 Eis o Mestre , que olhando os ares anda ,
 O apito toca , acorda despertando
 Os marinheiros d'hũa e d'outra banda.
 E porque o vento vinha refrescando ,
 Os traquetes das gaveas tomar manda.
 A'lerta , disse , estai , que o vento crece
 Daquella nuvem negra que apparece.

LXXI.

LXXI.

Naõ 'eram os traquetes bem tomados ;
Quando dá a grande , e subita procella :
Amaina , disse o Mestre a grandes brados ;
Amaina , disse , amaina a grande vella.
Naõ esperam os ventos indignados
Que amainassem ; mas juntos dando nella ;
Em pedaços a fazem , co' hum ruido
Que o Mundo pareceo fer destruido.

LXXII.

O Ceo fere com gritos nisto a gente ;
Com subito temor , e desacordo ,
Que no romper da véla , a nao pendente
Toma grão somma de agua pelo bordo.
Alija , disse o Mestre , rijamente :
Alija tudo ao mar , naõ falte acordo :
Vaõ outros dar á bomba , naõ cessando :
A' bomba , que nos imos alagando.

LXXIII.

Correm logo os soldados animosos
A dar á bomba , e tanto que chegaram ;
Os balanços que os mares temerosos
Deram á nao , n'hum bordo os derribáram :
Tres marinheiros duros , e forçosos ,
A manear o leme naõ bastáram ;
Talhas lhe punham d'huma , e outra parte ,
Sem aproveitar de homées força , e arte.

LXXIII.

LXXIII.

Os ventos eram taes , que não puderam
 Mostrar mais força de impeto cruel ,
 Se para derribar então vieram
 A fortissima torre de Babel :
 Nos altissimos mares , que crescêram ,
 A pequena grandura de hum batel
 Mostra a possante nao , que move espanto ,
 Vendo que se sostem nas ondas tanto.

LXXV.

A nao grande em que vai Paulo da Gama
 Quebrado leva o mastro pelo meio :
 Quasi toda alagada a gente chama
 A' quelle que a salvar o Mundo veio.
 Não menos gritos vãos ao ar derrama
 Toda a nao de Coelho , com receio ,
 Com quanto teve o Mestre tanto tento ,
 Que primeiro amainou , que dêsse o vento,

LXXVI.

Agora sobre as nuvêes os subiam
 As ondas de Neptuno furibundo :
 Agora a ver parece que desciam
 As íntimas entranhas do profundo.
 Noto , Austro , Boreas , A'quilo queriam
 Arruinar a máchina do Mundo :
 A noite negra , e fea , se allumia
 Co' os raios em que o Polo todo ardia.

LXXVII.

As Halcyoneas aves triste canto
 Junto da costa brava levantáram,
 Lembrando-se de seu passado pranto,
 Que as furiosas aguas lhe causáram.
 Os delphijs namorados entretanto,
 Lá nas covas maritimas se entráram,
 Fugindo á tempestade, e ventos duros,
 Que nem no fundo os deixa estar seguros.

LXXVIII.

Nunca tão vivos raios fabricou
 Contra a fera soberba dos Gigantes,
 O grão Ferreiro sórdido que obrou
 Do enteado as armas radiantes.
 Nem tanto o grão Tonante arremessou
 Relampagos ao Mundo fulminantes,
 No grão diluvio, donde fós vivêram
 Os dous; que em gente as pedras convertêram.

LXXIX.

Quantos montes entaõ que derribáram
 As ondas que batiam denodadas!
 Quantas arvores velhas arrancáram
 Do vento bravo as furias indignadas!
 As forçosas raizes não cuidáram
 Que nunca para o Ceo fossem viradas;
 Nem as fundas arêas que pudessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.

LXXX.

LXXX.

Vendo Vasco da Gama , que taõ perto
 Do fim de seu desejo se perdia ;
 Vendo ora o mar até o Inferno aberto ,
 Ora com nova furia ao Ceo subia ;
 Confuso de temor , da vida incerto ,
 Onde nenhum remedio lhe valia ,
 Chama aquelle remedio sancto , e forte ,
 Que o impossibil póde , desta forte :

LXXXI.

Divina Guarda , Angelica , Celeste ,
 Que os Ceos , o mar , e a terra senhorêas ;
 Tu , que a todo Israel refugio déste ,
 Por metade das aguas Erythreas :
 Tu , que livraste Paulo , e defendeste
 Das Syrtes arenosas , e ondas fêas ,
 E guardaste co' os filhos o segundo
 Povoador do alagado , e vacuo Mundo :

LXXXII.

Se tenho novos medos perigosos
 De outro Scylla e Charybdis já passados ,
 Outras Syrtes , e baixos arenosos ,
 Outros Acroceraunios infamados :
 No fim de tantos casos trabalhosos ,
 Porque somos de ti desamparados ,
 Se este nosso trabalho não te offende ,
 Mas antes teu serviço só pertende ?

LXXXIII.

LXXXIII.

Oh ditosos aquelles que puderam
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer, em quanto fortes fostiveram
 A sancta Fé nas terras Mauritanas,
 De quem feitos illustres se souberam,
 De quem ficam memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perdella,
 Doce fazendo a morte as horas della!

LXXXIII.

Affí dizendo, os ventos que lutavam,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta accrescentavam,
 Pela miuda enxarcia affloviando:
 Relampagos medonhos não cessavam,
 Feros trovões, que vem representando
 Cahir o Ceo dos eixos sobre a terra,
 Comfigo os elementos terem guerra.

LXXXV.

Mas já a amorosa estrella scintillava
 Diante do Sol claro, no Horizonte
 Mensageira do dia, e visitava
 A terra, e o largo mar com léda fronte:
 A deosa que nos Ceos a governava,
 De quem foge o ensifero Oriente,
 Tanto que o mar, e a chara armada víra,
 Tocada junto foi de medo, e de ira.

LXXXVI.

Estas obras , de Baccho faõ por certo ,
 Disse ; mas naõ será que avante leve
 Taõ damnada tençaõ , que descoberto
 Me será sempre o mal a que se atreve.
 Isto dizendo , desce ao mar aberto ,
 No caminho gastando espaço breve ,
 Em quanto manda s Nymphas amorosas ;
 Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.

LXXXVII.

Grinaldas manda pôr de várias cores ,
 Sobre cabellos louros  porfia.
 Quem naõ dirá que nascem roxas flores ,
 Sobre ouro natural que amor enfia ?
 Abrandar determina por amores
 Dos ventos a nojosa companhia ,
 Mostrando-lhe as amadas Nymphas bellas ,
 Que mais formosas vinham que as estrellas.

LXXXVIII.

Assi foi , porque tanto que chegarm
 A' vista dellas , logo lhes fallecem
 As forças com que d'antes pelejáram ,
 E já como rendidos lhe obedecem :
 Os ps , e mãos parece que lhe atram
 Os cabellos que os raios escurecem.
 A Boreas , que do peito mais queria ,
 Assi disse a bellissima Orithyia :

LXXXIX.

Não crêas , fero Boreas que , te crêo ,
 Que me tiveste nunca amor constante ;
 Que brandura he de amor mais certo arrêo ,
 E não convém furor a firme amante :
 Se já não pões a tanta infania frêo ,
 Não esperes de mi , daqui em diante ,
 Que possa mais amar-te , mas temer-te ,
 Que amor contigo em medo se converte .

XC.

Assi mesmo a formosa Galatêa
 Dizia ao fero Noto , que bem sabe
 Que dias ha que em vê-la se recrea ,
 E bem crê que com elle tudo acabe .
 Não sabe o bravo , tanto bem se o crêa ,
 Que o coração no peito lhe não cabe :
 De contente de ver que a dama o manda ,
 Pouco cuida que faz se logo abranda .

XCI.

Desta maneira as outras amansavam
 Subitamente os outros amadores ;
 E logo á linda Venus se entregavam ,
 Amansadas as iras , e os furores :
 Ella lhes prometteo , vendo que amavam ,
 Sempiterno favor em seus amores ,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhes serem leaes esta viagem .

XCII.

Já a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gavea os marinheiros
 Enxergáram terra alta pela proa.
 Já fóra de tormenta, e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito voa.
 Diffe alegre o Piloto Melindano:
 Terra he de Calecut, se não me engano.

XCIII.

Esta he por certo a terra que buscais
 Da verdadeira India, que apparece;
 E se do Mundo mais não desejaes,
 Vosso trabalho longo aqui fenece.
 Soffrer aqui não pode o Gama mais,
 De lédo em ver que a terra se conhece:
 Os gíolhos no chão, as mãos ao Ceo,
 A mercê grande a Deos agradeceo.

XCIII.

As graças a Deos dava, e razão tinha,
 Que não sómente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho experimentava;
 Mas via-se livrado tão asinha
 Da morte, que no mar lhe apparelhava
 O vento duro, férvido, e medonho,
 Como quem despertou d'horrendo sonho.

XCV.

Por meio destes horridos perigos ,
Destes trabalhos graves , e temores ,
Alcançam os que são de fama amigos ,
As honras immortaes , e graos maiores.
Naõ encoitados sempre nos antigos
Troncos nobres de seus Antecessores ;
Naõ nos leitos dourados , entre os finos
Animaes de Moscovia Zebellinos.

XCVI.

Naõ co' os manjares novos , e exquisitos ;
Naõ co' os passêos molles , e ociosos ;
Naõ co' os varios deleites , e infinitos ,
Que affeminam os peitos generosos :
Naõ co' os nunca vencidos appetitos ,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos ,
Que não soffre a nenhum , que o passo mude
Para algũa obra heroica de virtude :

XCVII.

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras , que elle chame proprias suas ;
Vigiando , e vestindo o forjado aço ,
Soffrendo tempestades , e ondas cruas :
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul , e Regiões de abrigo nuas ,
Engolindo o corrupto mantimento ,
Temperado co' hum arduo soffrimento.

XCVIII.

XCVIII.

E com forçar o rosto, que se enfia,
 A parecer seguro, lédo, inteiro,
 Para o pelouro ardente, que assovia,
 E leva a perna ou braço ao companheiro.
 Desta arte o peito hum callo honroso cria,
 Desprezador das honras, e dinheiro;
 Das honras, e dinheiro, que a ventura
 Forjou, e não virtude justa, e dura.

XCIX.

Desta arte se esclarece o entendimento,
 Que experiencias fazem repousado;
 E fica vendo, como de alto assento,
 O baixo trato humano embarçado:
 Este, onde tiver força o regimento
 Direito, e não de affectos occupado,
 Subirá (como deve) a illustre mando,
 Contra vontade sua, e não rogando.

Fim do Canto sexto.



Handwritten text at the top of the page, possibly a header or introductory paragraph.

Main body of handwritten text, appearing to be a list or series of entries.

Lower section of handwritten text, continuing the list or entries.

Final lines of handwritten text at the bottom of the page.

A R G U M E N T O DO CANTO SEPTIMO.

POr occasiãõ deste famoso descobrimento da India se faz huma notavel, e poetica exhortaçãõ aos Principes Christãõs, acordando-lhes semelhantes emprezas: descripçãõ do Reino do Malabar, em que jaz o Imperio de Calecut, em cujo porto a Armada dá fundo: recebe o Imperador, ou Samori ao Gama com honradas demonstrações: apparece o Mouro Monçaide, que informando ao Gama, informa tambem aos naturaes da terra: vai o Catual, ou Governador de Calecut ver a Armada.

Outro argumento.

*Dá fundo a frota a Calecut chegada ;
Manda-se mensageiro ao Rei potente ;
Chega Monçaide a ver a Lusa armada ,
E da Provincia informa largamente :
Faz Gama ao Samori sua embaixada ;
E recebido bem da Indica gente ,
Co' o Regedor da terra ao mar se torna ,
Que de toldos e flammulas se adorna.*



L U S I A D A

D O G R A N D E

L U I S D E C A M Õ E S .

C A N T O S E P T I M O .

I.



A' se'lviam chegados junto á terra,
 Que desejada já de tantos fora,
 Qu'entre as corrétes Indicas se encerra,
 E o Ganges, q' no Ceo terreno mora.
 Ora lus, gente forte, que na guerra
 Quereis levar a palma vencedora;
 Já sois chegados, já tendes diante
 A terra de riquezas abundante.

II.

II.

A vós , ó geração de Luso , digo ,
 Que tão pequena parte sois no Mundo ;
 Não digo inda no Mundo , mas no amigo
 Cural de quem governa o Ceo rotundo :
 Vós , a quem não sómente algum perigo
 Estorva conquistar o povo immundo ;
 Mas nem cobiça , ou pouca obediencia
 Da Madre , que nos Ceos está em essencia :

III.

Vós , Portuguezes poucos , quanto fortes ,
 Que o fraco poder vosso não pezais ;
 Vós , que á custa de vossas várias mortes
 A Lei da vida eterna dilatais :
 Assi do Ceo deitadas são as fortes ,
 Que vós por muito poucos que sejais ,
 Muito façais na sancta Christandade :
 Que tanto , ó Christo , exaltas a humildade !

III.

Vedes os Alemães , soberbo gado ,
 Que por tão largos campos se apascenta ,
 Do successor de Pedro , rebellado ,
 Novo Pastor e nova feita inventa :
 Vêde-lo em feás guerras oocupado ,
 Que inda co' o cego error se não contenta ;
 Não contra o superbissimo Othomano ,
 Mas por fahir do jugo soberano.

V.

Vedes o duro Inglez , que se nomêa
Rei da velha e sanctissima Cidade ,
Que o torpe Ismaelita senhorêa :
Quem vio honra taõ longe da verdade ?
Entre as Boreacs neves se recrêa ,
Nova maneira faz de Christandade :
Para os de Christo tem a espada nua ,
Naõ por tomar a terra que era sua.

VI.

Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A Cidade Hierosolyma terrestre ,
Em quanto elle naõ guarda a sancta Lei
Da Cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti , Gallo indigno , que direi ?
Que o nome Christianissimo quizeste ,
Naõ para defendê-lo , nem guardá-lo ,
Mas para ser contra elle , e derribá-lo.

VII.

Achas que tées direito em senhorios
De Christãos , sendo o teu taõ largo , e tanto ;
E naõ contra o Cyniphio , e Nilo , rios ,
Inimigos do antigo nome santo ?
Alli se haõ de provar da espada os fios ,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto.
De Carlos , de Luis o nome , e a terra ,
Herdaste , e as causas naõ da justa guerra ?

VIII.

VIII.

Pois que direi daquelles, que em delicias,
 Que o vil ocio no Mundo traz consigo,
 Gastam as vidas, logram as divicias,
 Esquecidos de seu valor antigo?
 Nascem da tyrannia inimicicias,
 Que o povo forte tem de si inimigo.
 Comtigo Italia fallo, já submersa
 Em vicios mil, e de ti mesma adversa.

IX.

Oh miserós Christãos! Pela ventura,
 Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
 Que hús aos outros se dão a morte dura,
 Sendo todos de hum ventre produzidos?
 Não vedes a divina Sepultura
 Possuida de cães, que sempre unidos
 Vos vem tomar a vossa antiga terra,
 Fazendo-se famosos pela guerra?

X.

Vedes que tem por uso, e por decreto,
 Do qual são tão inteiros observantes,
 Ajuntarem o exército inquieto,
 Contra os povos que são de Christo amantes?
 Entre vós nunca deixa a fera Aleto
 De semear cizanias repugnantes.
 Olhai se estais seguros de perigos,
 Que elles, e vós sois vossos inimigos.

XI.

XI.

Se cobiça de grandes senhorios
 Vos faz ir conquistar terras alhêas ;
 Não vedes que Pactolo , e Hermo , rios ,
 Ambos volvem auríferas arêas ?
 Em Lydia , Assyria lavram d'ouro os fios ;
 Africa esconde em si luzentes vêas :
 Mova-vos já sequer riqueza tanta ,
 Pois mover-vos não pôde a Casa santa.

XII.

Aquellas invenções feras , e novas ,
 De instrumentos mortaes da artilheria ,
 Já devem de fazer as duras provas
 Nos muros de Byzancio , e de Turquia.
 Fazei que torne lá ás sylvestres covas
 Dos Caspios montes , e da Scythia fria ,
 A Turca geração , que multiplica
 Na policia da vossa Europa rica.

XIII.

Gregos , Thraces , Armenios , Georgianos ,
 Bradando-vos estaõ , que o povo bruto
 Lhe obriga os charos filhos aos profanos
 Preceitos do Alcoraõ : (duro tributo !)
 Em castigar os feitos inhumanos
 Vos gloriai de peito forte , e astuto ;
 E não queirais louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.

XIII.

XIII.

Mas em tanto que cegos, e sedentos,
 Andais de vosso sangue, ó gente infana,
 Não faltarão Christãos atrevimentos
 Nesta pequena Casa Lusitana:
 De Africa tem maritimos assentos;
 He na Asia mais que todas soberana;
 Na quarta parte nova os campos ara;
 E se mais Mundo houvera lá chegára.

XV.

E vejamos em tanto, que acontece
 A'quelles tão famosos navegantes,
 Depois que a branda Venus enfraquece
 O furor vão dos ventos repugnantes;
 Depois que a larga terra lhe apparece,
 Fim de suas porfias tão constantes,
 Onde vem semear de Christo a Lei,
 E dar novo costume, e novo Rei.

XVI.

Tanto que á nova terra se chegaram,
 Leves embarcações de pescadores
 Acharam, que o caminho lhes mostraram
 De Calecut, onde eram moradores.
 Para lá logo as proas se inclinaram;
 Porque esta era a Cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O Rei, que a terra toda possuia.

XVII.

A' lém do Indo jaz , e áquem do Gange ,
Hum terreno mui grande , e affaz famoso ,
Que pela parte Austral o mar abrange ,
E para o Norte o Emodio cavernoso.
Jugo de Reis diversos o constrange
A várias leis ; algúus o vicioso
Mafoma , algúus os idolos adoram ,
Algúus os animaes que entre elles moram.

XVIII.

Lá bem no grande monte , que cortando
Taõ laíga terra , toda Asia discorre ,
Que nomes taõ diversos vai tomando ,
Segundo as Regiões por onde corre ;
As fontes sahem , donde vem manando
Os rios , cuja grão corrente morre
No mar Indico , e cercam todo o peso
Do terreno fazendo-o Chersoneso.

XIX.

Entre hum , e outro rio , em grande espaço
Sahe da larga terra húa longa ponta ,
Quasi pyramidal , que no regaço
Do mar , com Ceilaõ Insula confronta :
E junto donde nasce o largo braço
Gangetico , o rumor antigo conta ,
Que os visinhos da terra moradores ,
Do cheiro se mantém das finas flores.

XX.

Mas agora de nomes , e de ufança ,
 Novos , e varios são os habitantes ;
 Os Delijs , os Patanes , que em possança
 De terra , e gente , são mais abundantes :
 Decânis , Oriás , que a esperança
 Tem de sua salvação nas resonantes
 Aguas do Gange ; e a terra de Bengala ,
 Fertil de forte , que outra não lhe iguala.

XXI.

O Reino de Cambaia bellicoso ,
 (Dizem que foi de Poro , Rei potente)
 O Reino de Narsinga , poderoso
 Mais d'ouro , e pedras , que de forte gente :
 Aqui se enxerga lá do mar undoso
 Hum monte alto que corre longamente ,
 Servindo ao Malabar de forte muro ,
 Com que do Canará vive seguro.

XXII.

Da terra os naturaes lhe chamam Gate ,
 Do pé do qual pequena quantidade
 Se estende hũa fralda estreita , que combate
 Do mar a natural ferocidade :
 Aqui de outras Cidades , sem debate ,
 Calecut tem a illustre dignidade
 De cabeça de Imperio , rica , e bella :
 Samori se intitula o Senhor della.

XXIII.

Chegada a frota ao rico senhorio ,
 Hum Portuguez , mandado , logo parte
 A fazer sabedor o Rei Gentio.
 Da vinda sua a taõ remota parte.
 Entrando o mensageiro pelo rio,
 Que alli nas ondas entra , a naõ vista arte ,
 A côr , o gesto estranho , o traje novo ,
 Fez concorrer a vê-lo todo o povo.

XXIIII.

Entre a gente que a vê-lo concorria ,
 Se chega hum Mahometa , que nascido
 Fora na Região da Barbaria ,
 Lá onde fora Anthêo obedecido :
 Ou pela vizinhança já teria
 O Reino Lusitano conhecido ,
 Ou foi já assignalado de seu ferro ,
 Fortuna o trouxe a taõ longo desterro.

XXV.

Em vendo o mensageiro com jucundo
 Rosto , como quem sabe a lingua Hispana ,
 Lhe disse : Quem te trouxe a est'outro Mundo ,
 Taõ longe da tua patria Lusitana ?
 Abrindo (lhe responde) o mar profundo ,
 Por onde nunca veio gente humana ,
 Vimos buscar do Indo a grão corrente ,
 Por onde a Lei Divina se accrescente.

XXVI.

Espantado ficou da grão viagem
 O Mouro, que Monçaide se chamava,
 Ouvindo as oppressões que na passagem
 Do mar o Lusitano lhe contava.
 Mas vendo, em fim, que a força da mensagem
 Só para o Rei da terra relevava,
 Lhe diz, que estava fóra da Cidade,
 Mas de caminho pouca quantidade.

XXVII.

E que em tanto que a nova lhe chegasse
 De sua estranha vinda, se queria,
 Na sua pobre casa repoufasse,
 E do manjar da terra comeria:
 E despois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria;
 Que alegria não póde ser tamanha,
 Que achar gente visinha em terra estranha.

XXVIII.

O Portuguez acceita de vontade
 O que o lédo Monçaide lhe offerece:
 Como se longa fora já a amizade,
 Com elle come, e bebe, e lhe obedece:
 Ambos se tornam logo da Cidade
 Para a frota, que o Mouro bem conhece:
 Sobem á Capitaina, e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.

XXIX.

O Capitam o abraça em cabo ledo ;
 Ouvindo clara a lingua de Castella ;
 Junto de si o assenta ; e prompto , e quedo ,
 Pela terra pergunta , e cousas della.
 Qual se ajuntava em Rhodope o arvoredos ,
 Só por ouvir o amante da donzella .
 Eurydice , tocando a lyra de ouro ;
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.

XXX.

Elle começa : O' gente , que a natura
 Visinha fez de meu paterno ninho ;
 Que destino tão grande , ou que ventura ;
 Vos trouxe a cometterdes tal caminho ?
 Não he sem causa , não , occulta , e escura ;
 Vir do longinquo Tejo , e ignoto Minho ,
 Por mares nunca d'outro lenho arados ,
 A Reinos tão remotos , e apartados.

XXXI.

Deos por certo vos traz , porque pertende
 Algum serviço seu , por vós obrado :
 Por isso só vos guia , e vos defende
 Dos inimigos , do mar , do vento irado .
 Sabei , que estais na India , onde se estende
 Diverso povo , rico , e prosperado ,
 De ouro luzente , e fina pedraria ,
 Cheiro suave , ardente especiaría.

XXXII.

Esta Provincia , cujo porto agora
 Tomado tendes , Malabar se chama :
 Do culto antigo os idolos adora ,
 Que cá por estas partes se derrama :
 De diversos Reis he , mas d'hum só fora
 N'outro tempo , segundo a antigua fama :
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei , que este Reino teve unido , e inteiro.

XXXIII.

Porém como a esta terra então viessem ,
 De lá do seio Arabico outras gentes ,
 Que o culto Mahometico trouxessem ;
 (No qual me instituiram meus parentes)
 Succedeo , que prégando convertessem
 O Perimal : de sabios , e eloquentes ,
 Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto ,
 Que presuppoz de nella morrer fanteo.

XXXIII.

Naos arma , e nellas mete curioso
 Mercadoria , que offereça , rica ,
 Para ir nellas a ser religioso ,
 Onde o Propheta jaz , que a lei publica :
 Antes que parta , o Reino poderoso
 Co' os seus reparte , porque não lhe fica
 Herdeiro proprio ; faz os mais acceitos ,
 Ricos de pobres , livres de sujeitos.

XXXV.

XXXV.

A hum Cochim , e a outro Cananor ,
 A qual Chalé , a qual a Ilha da pimenta ;
 A qual Coulaõ , a qual dá Cranganor ,
 E os mais , a quem o mais serve , e contenta.
 Hum só moço , a quem tinha muito amor ,
 Depois que tudo deo , se lhe apresenta :
 Para este Calecut sómente fica ,
 Cidade já por trato , nobre , e rica.

XXXVI.

Esta lhe dá co' o titulo excellente
 De Imperador , que sobre os outros mande.
 Isto feito se parte diligente
 Para onde em sancta vida acabe , e ande.
 E daqui fica o nome de potente
 Samori , mais que todos digno , e grande ,
 Ao moço , e descendentes , donde vem
 Este que agora o Imperio manda , e tem.

XXXVII.

A lei da gente toda , rica , e pobre ,
 De fabulas composta se imagina :
 Andam nús , e sómente hum panno cobre
 As partes , que a cobrir natura ensina :
 Dous modos ha de gente ; porque a nobre
 Naires chamados são ; e a menos dina
 Poleás tem por nome ; a quem obriga
 A lei não misturar a casta antiga.

XXXVIII.

XXXVIII.

Porque os q̄ usaram sempre hũ mesmo officio ;
 D'outro naõ podem receber consorte ;
 Nem os filhos teraõ outro exercicio ,
 Senaõ o de seus passados , até á morte.
 Para os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados , de tal sorte ,
 Que quando algum se toca , por ventura ,
 Com ceremonias mil se alimpa , e apura.

XXXIX.

Destã forte o Judaico povo antigo
 Naõ tocava na gente de Samária :
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de ufança vária :
 Os Naires fõs saõ dados ao perigo
 Das armas ; fõs defendem da contrária
 Banda o seu Rei , trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga , e na direita a espada.

XL.

Brachmanes saõ os seus Religiosos ,
 Nome antigo , e de grande preeminencia :
 Observam os preceitos taõ famosos
 De hum , que primeiro poz nome á sciencia :
 Naõ matam cousa viva , e temerosos ,
 Das carnes tem grandissima abstinencia :
 Sómente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença , e menos regimento.

XLI.

XLI.

Géraes faõ as mulhores ; mas sómente
Para os da geração de feus maridos :
Ditosa condição , ditosa gente ,
Que não faõ de ciumes offendidos !
Estes , e outros costumes váriamente
São pelos Malabares admittidos :
A terra he grossa em trato , em tudo aquilo ,
Que as ondas podem dar da China ao Nilo.

XLII.

Affi contava o Mouro ; mas vagando
Andava a fama já pela Cidade ,
Da vinda desta gente estranha , quando
O Rei saber mandava da verdade :
Já vinham pelas ruas caminhando ,
Rodeados de todo sexo , e idade ,
Os principaes , que o Rei buscar mandára
O Capitam da armada , que chegára.

XLIII.

Mas elle , que do Rei já rem licença
Para desembarcar , acompanhado
De nobres Portuguezes , sem detença
Parte , de ricos pannos adornado :
Das cores a formosa differença
A vista alegre ao povo alvoroçado :
O remo compassado fere frio
Agora o mar , depois o fresco rio.

XLIII.

Na praia hum Regedor do Reino estava,
 Que na sua lingua Catual se chama,
 Rodeado de Naires, que esperava
 Com defusada festa o nobre Gama:
 Já na terra nos braços o levava,
 E n'hum portatil leito hũa rica cama
 Lhe offerece em que vá: costume usado;
 Que nos hombros dos homêes he levado.

XLV.

Desta arte o Malabar, desta arte o Luso,
 Caminham lá para onde o Rei o espera:
 Os outros Portuguezes vão ao uso
 Que infantaria segue, esquadra fera:
 O povo, que concorre, vai confuso
 De ver a gente estranha, e bem quizerá
 Perguntar; mas no tempo já passado,
 Na torre de Babel lhe foi vedado.

XLVI.

O Gama e o Catual hiam fallando
 Nas cousas que lhe o tempo offerencia:
 Monçaide entre elles vai interpretando
 As palavras que de ambos entendia.
 Assi pela Cidade caminhando,
 Onde huma rica fabrica se erguia
 De hum sumptuoso Templo, já chegavam,
 Pelas portas do qual juntos entravam.

XLVII.

XLVII.

Alli estão das deidades as figuras
 Esculpidas em pao, e em pedra fria;
 Varios de gestos, varios de pinturas,
 A segundo o demonio lhes fingia:
 Vem-se as abominaveis esculpturas;
 Qual a Chimera em membros se varia:
 Os Christãos olhos, a ver Deos usados
 Em fórma humana, estão maravillados.

XLVIII.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
 Qual Jupiter Hammon em Lybia estava:
 Outro em hum corpo, rostos tinha unidos,
 Bem como o antigo Jano se pintava:
 Outro com muitos braços divididos,
 A Briareo parece que imitava:
 Outro fronte canina tem de fóra,
 Qual Anubis Memphitico se adora.

XLIX.

Aqui, feita do barbaro Gentio
 A supersticiosa adoração,
 Direitos vão sem outro algum desvio,
 Para onde estava o Rei do povo vão:
 Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co' os que vem ver o estranho Capitaõ:
 Estão pelos telhados, e janellas,
 Velhos, e moços; donas, e donzellas.

L.

Já chegam perto , e não com passos lentos ,
 Dos jardins odoríferos , formosos ,
 Que em si escondem os Régios aposentos ,
 Altos de torres não , mas sumptuosos :
 Edificam-se os nobres seus assentos ,
 Por entre os arvoredos deleitosos :
 Assi vivem os Reis daquela gente ,
 No campo , e na Cidade juntamente.

LI.

Pelos portaes da cerca a subtileza
 Se enxerga da Dedálea faculdade ,
 Em figuras mostrando por nobreza
 Da India a mais remota antiguidade :
 Affiguradas vão com tal viveza
 As historias daquela antiga idade ,
 Que quem dellas tiver noticia inteira ,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

LII.

Estava hum grande exército que pisa
 A terra Oriental , que o Hydaspe lava ;
 Rege-o hum Capitam de fronte lisa ,
 Que com frondentes thyrsos pelejava :
 Por elle edificada estava Nisa
 Nas ribeiras do rio , que manava ;
 Taõ proprio , que se alli estiver Semelle ;
 Dirá por certo , que he seu filho aquelle.

LIII.

LIII.

Mais avante bebendo fêcca o rio
 Mui grande multidaõ da Assyria gente,
 Sujeita ao feminino senhorio
 De hũa taõ bella, como incontinente:
 Alli tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia.
 Amor nefando, bruta incontinencia!

LIIII.

Daqui mais apartadas tremolavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira Monarchia, e sobjugavam
 Até as aguas Gangeticas undosas:
 De hum Capitam mancebo se guiavam,
 De palmas rodeado valerosas,
 Que já não de Philippo, mas sem falta,
 De progenie de Jupiter se exalta.

LV.

Os Portuguezes vendo estas memorias,
 Dizia o Carual ao Capitaõ:
 Tempo cedo virá, que outras victorias,
 Estas que agora olhais abateráõ:
 Aqui se escreveráõ novas historias
 Por gentes estrangeiras que viráõ;
 Que os nossos sabios Magos o alcançaram,
 Quando o tempo futuro especuláram.

LVI.

LVI.

E diz-lhe mais a Magica sciencia ,
 Que para se evitar força tamanha ,
 Não valerá dos homêes resistencia ,
 Que contra o Ceo não val da gente manha :
 Mas tambem diz , que a bellica excellencia
 Nas armas , e na paz , da gente estranha ,
 Será tal , que será no Mundo ouvido
 O vencedor por gloria do vencido.

LVII.

Assi fallando entravam já na sala ,
 Onde aquelle potente Imperador
 N'hum camilha jaz , que não se ignala
 De outra alguma no preço , e no lavor :
 No recoitado gesto se assignala
 Hum venerando e próspero Senhor :
 Hum panno de ouro cinge , e na cabeça
 De preciosas gemmas se adereça.

LVIII.

Bem junto delle hum velho reverente ,
 Co' os giolhos no chão , de quando em quando
 Lhe dava a verde folha da herva ardente ,
 Que a seu costume estava ruminando.
 Hum Brachmane , pessoa preeminente ,
 Para o Gama vem com passo brando ,
 Para que ao grande Principe o apresente ,
 Que diante lhe acena que se assente.

LIX.

LIX.

Sentado o Gama junto ao rico leito ,
 Os seus mais affastados , prompto em vista
 Estava o Samori no trajo , e geito
 Da gente , nunca de antes d'elle vista :
 Lançando a grave voz do sabio peito ,
 Que grande auctoridade logo aquista
 Na opiniaõ do Rei , e do povo todo ,
 O Capitam lhe falla deste modo :

LX.

Hum grande Rei de lá das partes , onde
 O Ceo volubil , com perpétua roda ,
 Da terra a luz Solar co' a terra esconde ,
 Tingindo a que deixou de escura nodã ;
 Ouvindo do rumor que lá responde
 O ecco , como em ti da India toda
 O Principado está , e a Magestade ,
 Vínculo quer contigo de amizade.

LXI.

E por longos rodêos a ti manda ,
 Por te fazer saber , que tudo aquilo
 Que sobre o mar , que sobre as terras anda
 De riquezas , de lá do Tejo ao Nilo ;
 E desde a fria plaga de Gelandã ,
 Até bem donde o Sol não muda o estilo
 Nos dias , sobre a gente de Ethiopia ,
 Tudo tem no seu Reino em grande copia.

LXII.

LXII.

E se queres com pactos , e lianças
 De paz , e de amizade sacra , e nua ,
 Commercio consentir das abundanças
 Das fazendas das terras , sua , e tua ;
 Porque cresçam as rendas , e abastanças ,
 Por quem a gente mais trabalha , e sua ;
 De vossos Reinos será certamente ,
 De ti proveito , e d'elle gloria ingente.

LXIII.

E sendo assi , que o nó desta amizade
 Entre vós firmemente permaneça ,
 Estará prompto a toda adversidade ,
 Que por guerra a teu Reino se offereça ,
 Com gente , armas , e naos ; de qualidade
 Que por irmão te tenha , e te conheça ;
 E da vontade em ti sobre isto posta
 Me dês a mi certissima resposta.

LXIII.

Tal embaixada dava o Capitão ,
 A quem o Rei Gentio respondia ,
 Que em ver Embaixadores de nação
 Taõ remota , grão gloria recebia :
 Mas neste caso a ultima tenção
 Com os de feu Conselho tomaria ,
 Informando-se certo de quem era
 O Rei , e a gente , e a terra que dislera.

LXV.

E que em tanto , podia do trabalho
Passado ir repoufar , e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justo talho ,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
A's humanas canseiras , porque ceve
De doce somno os membros trabalhados ,
Os olhos occupando ao ocio dados.

LXVI.

Agasalhados foram juntamente
O Gama , e Portuguezes no aposento
Do nobre Regedor da Indica gente ,
Com festas , e geral contentamento.
O Catual , no cargo diligente
De seu Rei , tinha já por regimento
Saber da gente estranha , donde vinha ,
Que costumes , que lei , que terra tinha.

LXVII.

Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio , que a luz renova ,
Manda chamar Monçaide , desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto , e curioso ,
Se tem noticia inteira , e certa prova ,
Dos estranhos quem são ; que ouvido tinha ,
Que he gente de sua patria mui visinha.

LXVIII.

LXVIII.

Que particularmente alli lhe dêsse
 Informaçãõ mui larga , pois fazia
 Nisso serviço ao Rei , porque soubesse
 O que neste negocio se faria.
 Monçaide torna : Postoque eu quizesse
 Dizer-te nisto mais , não saberia :
 Sómente fei , que he gente lá de Hespanha ,
 Onde o meu ninho , e o Sol no mar se banha.

LXIX.

Tem a lei de hum Propheta , que gérado
 Foi , sem fazer na carne detrimento
 Da Mãi ; tal que por Baso está approvedo
 Do Deos , que tem do Mundo o regimento.
 O que entre meus antigos he vulgado
 Delles , he que o valor sanguinolento
 Das armas , no seu braço resplandece ,
 O que em nossos passados se parece.

LXX.

Porque elles , com virtude sobre humana ,
 Os deitaram dos campos abundosos
 Do rico Tejo , e fresca Guadiana ,
 Com feitos memoraveis , e famosos :
 E , não contentes inda , na Africana
 Parte , cortando os mares procellosos ,
 Nos não querem deixar viver seguros ,
 Tomando-nos Cidades , e altos muros.

LXXI.

LXXI.

Naõ menos tem mostrado esforço , e manha ,
 Em quaesquer outras guerras que aconteçam ,
 Ou das gentes belligeras de Hespanha ,
 Ou lá de algũus que do Pyrene deçam :
 Assi que nunca , em fim , com lança estranha
 Se tem , que por vencidos se conheçam ;
 Nem se sabe inda , naõ , te affirmo , e affello ,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

LXXII.

E se esta informação naõ for inteira ,
 Tanto quanto convém , delles pertende
 Informar-te , que he gente verdadeira ,
 A quem mais falsidade enoja , e offende :
 Vai ver-lhe a frota , as armas , e a maneira
 Do fundido metal , que tudo rende ;
 E folgarás de veres a policia
 Portugueza na paz , e na milicia.

LXXIII.

Já com desejos o Idolátra ardia
 De ver isto que o Mouro lhe contava :
 Manda equipar bateis , que ir ver queria
 Os lenhos em que o Gama navegava :
 Ambos partem da praia , a quem seguia
 A Naira geração , que o mar coalhava :
 A' Capitaina sobem , forte , e bella ,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.

LXXIII.

Purpureos faõ os toldos ; e as bandeiras
 Do rico fio faõ , que o bicho gera :
 Nellas estaõ pintadas as guerreiras
 Obras , que o forte braço já fizera :
 Batalhas tem campaes , aventureiras ,
 Desafios cruéis , pinrura fera ,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta ,
 Attento nella os olhos apascenta.

LXXV.

Pelo que vê pergunta : mas o Gama
 Lhe pedia primeiro que se assente ,
 E que aquelle deleite que tanto ama
 A feita Epicurêa experimente.
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor que Noé mostrára á gente :
 Mas comer o Gentio não pertende ,
 Que a feita que seguia lho defende.

LXXVI.

A trombeta , que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra , rompe os ares :
 Co' o fogo , o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gentio nota ; mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homêes , que em retrato breve
 A muda Poesia alli descreve.

LXXVII.

LXXVII.

Alça-se em pé , com elle os Gamas junto ,
 Coelho de outra parte ; e o Mauritano
 Os olhos põe no bellico trafunto
 De hum velho branco , aspeito venerando ;
 Cujó nome não pode ser defunto
 Em quanto houver no Mundo trato humano ;
 No trajo a Grega usança está perfeita ;
 Hum ramo por insignia na direita.

LXXVIII.

Hum ramo na mão tinha. Mas oh cego
 Eu , que cometto infano , e temerario ,
 Sem vós , Nymphas do Tejo , e do Mondego ,
 Por caminho tão arduo , longo , e vario !
 Vosso favor invoco , que navego
 Por alto mar , com vento tão contrario ,
 Que se não me ajudais , hei grande medo
 Que o meu fraco batel se alague cedo.

LXXIX.

Olhai , que ha tanto tempo que cantando
 O vosso Tejo , e os vossos Lusitanos ,
 A fortuna me traz peregrinando ,
 Novos trabalhos vendo , e novos danos ;
 Agora o mar , agora experimentando
 Os perigos Mavorcios inhumanos ;
 Qual Canace , que á morte se condenna ,
 N'hũa mão sempre a espada , e n'outra a penna.

LXXX.

Agora com pobreza aborrecida,
 Por hospícios alhêos degradado;
 Agora da esperança já adquirida,
 De novo, mais que nunca, derribado:
 Agora ás costas escapando a vida,
 Que de hum fio pendia tão delgado,
 Que não menos milagre foi salvar-se,
 Que para o Rei Judaico accrescentar-se.

LXXXI.

E ainda, Nymphas minhas, não bastava
 Que tamanhas misérias me cercassem,
 Senão que aquelles que eu cantando andava,
 Tal premio de meus versos me tornassem:
 A troco dos descansos que esperava,
 Das capellas de louro que me honrassem,
 Trabalhos nunca usados me inventaram,
 Com que em tão duro estado me deitaram.

LXXXII.

Vede, Nymphas, que engenhos de Senhores
 O vosso Tejo cria valerosos,
 Que assi sabem prezar com taes favores
 A quem os faz cantando gloriosos!
 Que exemplos a futuros Escriptores,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria!

LXXXIII,

LXXXIII.

Pois logo em tantos males he forçado ,
 Que só vosso favor me não falleça ,
 Principalmente aqui , que sou chegado ,
 Onde feitos diversos engrandeça :
 Dai-mo vós fós , que eu tenho já jurado ,
 Que não o empregue em quem o não mereça ,
 Nem por lisonja louve algum subido ,
 Sobpena de não ser agradecido.

LXXXIII.

Nem creais , Nymphas , não , que fama desse
 A quem ao bem commum , e do seu Rei,
 Antepuzer seu proprio interesse ,
 Imigo da divina e humana Lei :
 Nenhum ambicioso , que quizesse
 Subir a grandes cargos , cantarei ,
 Só por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.

LXXXV.

Nenhum que use de seu poder bastante ,
 Para servir a seu desejo feo :
 E que por comprazer ao vulgo errante
 Se muda em mais figuras que Prothêo :
 Nem , Camenas , tambem cuideis que cante
 Quem com hábito honesto , e grave véo ;
 Por contentar ao Rei no officio novo ,
 A despir , e roubar o pobre povo.

LXXXVI.

LXXXVI

Nem quem acha que he justo, e que he direito;
 Guardar-se a lei do Rei severamente,
 E não acha que he justo, e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente:
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende, e cuida que he prudente,
 Para taixar com mão rapace, e escassa,
 Os trabalhos alheos, que não passa.

LXXXVII

Aquelles sós direi, que aventuráram,
 Por seu Deos, por seu Rei a amada vida,
 Onde perdendo-a, em fama a dilatáram,
 Tambem de suas obras merecida.
 Apollo, e as Múfas, que me acompanháram,
 Me dobraráõ a furia concedida,
 Em quanto eu tomo alento descansado,
 Por tornar ao trabalho mais folgado.

Fim do Cantó Septimo.



U. S. DEPARTMENT OF THE INTERIOR
BUREAU OF LAND MANAGEMENT

WATER RESOURCES DIVISION
RIVER RESTORATION SECTION
1015 G ST., N.W.
WASHINGTON, D.C. 20540
TELEPHONE (202) 755-1200
FACSIMILE (202) 755-1201
WWW.BLM.GOV

WATER RESOURCES DIVISION

1015 G ST., N.W.
WASHINGTON, D.C. 20540
TELEPHONE (202) 755-1200
FACSIMILE (202) 755-1201
WWW.BLM.GOV

A R G U M E N T O DO CANTO OITAVO.

VÊ o Governador de Calecut varias pinturas nas bandeiras da Armada, e ouve a declaraçãõ que dellas lhe faz Paulo da Gama: origem do nome Lusitania: feitos gloriosos dos Reis de Portugal (e de seus vassallos) até ElRei D. Afonso V: manda o Samori aos Haruspices, que especulem o futuro a respeito da Armada; elles o informaõ contra os navegantes: pretendem destruir ao Gama, o qual satisfaz ao Rei com huma notavel falla.

Outro argumento.

*Vem-se de Lusitania os Fundadores,
E aquelles, que por feitos valerosos,
De alta memoria sãõ merecedores
De hymnos, e de versos numerosos:
Como de Calecut os Regedores,
Consultam os Haruspices famosos,
E corruptos com dadivas possantes,
Tratam de destruir os navegantes.*



A antigas fadigas suas respaldarem
 Co' o nome em que os seus feitos:
 Este que ves he Paulo, donde se chama
 Ao nosso Reino, e a sua lingua as que

L U S I A D A
D O G R A N D E

L U I S D E C A M Õ E S .

C A N T O O I T A V O .

I.

NA primeira figura se detinha
 O Caval, q' vira estar pintada,
 Que por divisa hũ ramo na mão tinha,
 A barba branca, longa, e penteada:
 Quem era, e porque causa lhe convinha
 A divisa que tem na mão tomada;
 Paulo responde, cuja voz discreta
 O Mauritano sabio lhe interpreta.

II.

II.

Estas figuras todas que apparecem ,
 Bravos em vista , e feros nos aspeitos ,
 Mais bravos , e mais feros se conhecem ,
 Pela fama , nas obras , e nos feitos :
 Antiguos são , mas inda resplandecem
 Co' o nome entre os engenhos mais perfeitos :
 Este que vês he Luso , donde a fama
 Ao nosso Reino Lusitania chama.

III.

Foi filho e companheiro do Thebano ,
 Que tão diversas partes conquistou :
 Parece vindo ter ao ninho Hispano ,
 Seguindo as armas que continuo usou :
 Do Douro , Guadiana , o campo ufano ,
 Já dito Elysio , tanto o contentou ,
 Que alli quiz dar aos já cansados ossos
 Eterna sepultura , e nome aos nossos.

III.

O ramo que lhe vês para divisa ,
 O verde thyrsó foi de Baccho usado ,
 O qual á nossa idade amostra , e avisa ,
 Que foi seu companheiro , e filho amado .
 Vês outro que do Tejo a terra pisa ,
 Depois de ter tão longo mar arado ,
 Onde muros perpetuos edifica ,
 E Templo a Pallas , que em memoria fica ?

V.

Ulyffes he o que faz a sancta casa
 A' deosa, que lhe dá lingua facunda;
 Que se lá na Asia Troia insigne abraza,
 Cá na Europa Lisboa ingente funda.
 Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
 De mortos, com presença furibunda?
 Grandes batalhas tem desbaratadas,
 Que as Aguias nas bandeiras tem pintadas.

VI.

Affi o Gentio diz: responde o Gama:
 Este que vês, pastor já foi de gado;
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais, que no cajado.
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencibil, affamado;
 Não tem com elle, não, nem ter puderam
 O primor que com Pyrrho já tiveram.

VII.

Com força não, com manha vergonhosa,
 A vida lhe tiraram, que os espanta;
 Que o grande aperto em gente, ainda q' honrosa,
 A's vezes leis magnanimas quebranta.
 Outro está aqui, que contra a patria irosa
 Degradado como se se alevanta:
 Escolheo bem com quem se levantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.

VIII.

VIII.

Vês? Comnosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aves de Jupiter validas;
 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós fouberam ser vencidas:
 Olha taõ subtis artes, e maneiras,
 Para adquirir os povos, taõ fingidas;
 A fatidica Cerva que o avisa;
 Elle he Sertorio, e ella sua divisa.

IX.

Olha est'outra bandeira, e vê pintado
 O grão Progenitor dos Reis primeiros:
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
 Crem ser em Lotharingia os Estrangeiros:
 Depois de ter os Mouros superado,
 Gallegos, e Leonezes Cavalleiros,
 A' Casa sancta passa o sancto Henrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.

X.

Quem he, me dize, est'outro, q me espanta,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões, que gente tanta,
 Com taõ pouca, tem roto, e destrocado?
 Tantos muros asperimos quebranta,
 Tantas batalhas dá nunca cansado,
 Tantas corôas tem por tantas partes
 A seus pés derribadas, e estendantes?

XI.

XI.

Este he o primeiro Afonso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma;
 Por quem no Estygio lago jura a fama,
 De mais não celebrar nenhum de Roma:
 Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro imigo doma;
 Para quem de seu Reino abaixa os muros,
 Nada deixando já para os futuros.

XII.

Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
 Taõ pequeno poder, taõ pouca gente,
 Contra tantos imigos, quantos eram
 Os que desbaratava este excellente:
 Não crêas que seus nomes se estendêram
 Com glorias immortaes taõ largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Vê que os de seus vassallos são notaveis.

XIII.

Este que vês olhar com gesto irado,
 Para o rompido Alumno, mal soffrido
 Dizendo-lhe, que o exército espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Para leaes vassallos claro espelho.

XIII.

Vê-lo cá vai co' os filhos a entregar-se ,
 A corda ao colo , nú de seda , e pano ,
 Porque não quiz o moço sujeitar-se ,
 Como elle promettêra ao Castelhana :
 Fez com fiso , e promessas levantar-se
 O cerco , que já estava soberano :
 Os filhos , e mulher obriga á pena ;
 Para que o senhor salve , a si condena.

XV.

Naõ fez o Consul tanto , que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante ,
 Quando a passar por baixo , foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante :
 Este pelo seu povo injuriado ,
 A si se entrega só , firme , e constante ;
 Est'outro a si , e aos filhos naturais ,
 E a consorte sem culpa , que doe mais.

XVI.

Vês este que sahindo da cilada
 Dá sobre o Rei , que cerca a Villa forte ;
 Já o Rei tem preso , e a Villa descercada ,
 Illustre feito , digno de Mavorte ?
 Vê-lo cá vai pintado nesta armada ,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte ,
 Tomando-lhe as galés , levando a gloria
 Da primeira maritima victoria :

XVII.

XVII.

He Dom Fuas Roupinho , que na terra ,
 E no mar resplandece juntamente ,
 Co' o fogo que accendeo junto da ferra
 De Abyla , nas galés da Maura gente.
 Olha como em taõ justa , e sancta guerra ,
 De acabar pelejando está contente :
 Das mãos dos Mouros entra a felice alma
 Triumphando nos Ceos com justa palma.

XVIII.

Naõ vês hum ajuntamento de estrangeiro
 Trajo , fahir da grande armada nova ,
 Que ajuda a combáter o Rei primeiro
 Lisboa , de si dando sancta prova ?
 Olha Henrique , famoso Cavalleiro ,
 A palma que lhe nasce junto á cova :
 Por elles mostra Deos milagre visto :
 Germanos saõ os Martyres de Christo.

XIX.

Hum Sacerdote vê brandindo a espada
 Contra Arronches , que toma por vingança
 De Leiria , que de antes foi tomada
 Por quem por Mafamede enrista a lança :
 He Theotonio Prior : mas vê cercada
 Santarem , e verás a segurança
 Da figura nos muros , que primeira
 Subindo ergueo das Quinas a bandeira.

XX.

XX.

Vê-lo cá donde Sancho desbarata
 Os Mouros de Vandalia em fera guerra ,
 Os inimigos rompendo , o Alferes mata ,
 E o Hispalico pendaó derriba em terra.
 Mem Moniz he , que em si o valor retrata ,
 Que o sepulchro do pai co' os ossos certa ;
 Digno destas bandeiras , pois sem falta
 A contrária derriba ; a sua exalta.

XXI.

Olha aquelle que desce pela lança
 Com as duas cabeças dos vigias ,
 Onde a cilada esconde , com que alcança
 A Cidade por manhas , e ousadas.
 Ella por armas toma a semelhança
 Do Cavalleiro , que as cabeças frias
 Na mão levava. Feito nunca feito.
 Giraldo Sem-pavor he o forte peito.

XXII.

Naó vês hum Castelhana , que aggravado
 De Afonso nono Rei , pelo odio antigo
 Dos de Lara , co' os Mouros he deitado ,
 De Portugal fazendo-se inimigo ?
 Abrantes Villa toma , acompanhado
 Dos duros infieis que traz consigo ;
 Mas vê que hum Portuguez com pouca gente
 O desbarata , e o prende ousadamente :

XXIII.

Martim Lopes se chama o Cavalleiro,
 Que destes levar pôde a palma, e o louro.
 Mas olha hum Ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago d'ouro.
 Vê-lo entre os duvidosos taõ inteiro,
 Em não negar batalha ao bravo Mouro:
 Olha o signal no Ceo que lhe apparece,
 Com que nos poucos seus o esforço crece.

XXIII.

Vês? Vaõ os Reis de Cordova, e Sevilla,
 Rotos, com outros dous, e não de espaço
 Rotos; mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos, que não de humano braço.
 Vês? Já a Villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Mattheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a corôa de palma alli corôa.

XXV.

Olha hum Mestre que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e já nella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esforço, e com benigna estrella.
 Villas, Castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores?

XXVI.

Vês ? Com bellica astucia ao Mouro ganha
 Silves , que elle ganhou com força ingente :
 He Dom Paio Correa , cuja manha ,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres q̃ em França e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente ,
 Em desafios , justas , e torneos ,
 Nellas deixando publicos tropheos.

XXVII.

Vê-los ? Co' o nome vem de aventureiros
 A Castella , onde o preço fós leváram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros ,
 Que com damno de algũus se exercitáram.
 Vê mortos os soberbos Cavalleiros ,
 Que o principal dos tres defafiáram ,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomêa ,
 Que pôde não temer a lei Lethêa.

XXVIII.

Attenta n'hum que a fama tanto estende ,
 Que de nenhum passado se contenta ,
 Que a patria que de hum fraco fio pende
 Sobre seus duros hombros a sustenta.
 Não o vês tinto de ira , que reprehende
 A vil desconfiança inerte , e lenta ,
 Do povo , e faz que tome o doce freo
 De Rei seu naural , e não de alheo ?

XXIX.

XXIX.

Olha por seu conselho, e ousadia,
 De Deos guiada só, e de sancta estrella,
 Só pôde, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço, e valentia,
 Outro estrago, e victoria clara, e bella,
 Na gente assi feroz, como infinita,
 Que entre o Tarteſſo, e o Guadiana habita.

XXX.

Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do Capitam devoto, que apartado
 Orando invoca a summa, e trina Essencia?
 Vê-lo com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse,
 Porque comfigo esforço aos fracos déſſe?

XXXI.

Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria que logo lhe daria.
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando:
 Pois eu (responde) estou sacrificando.

XXXII.

Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
 Ouvir quizeres como se nomêa,
 Portuguez Scipião chamar-se deve,
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrêa.
 Ditosa patria que tal filho teve;
 Mas antes pai, que em quanto o Sol rodêa
 Este globo de Ceres, e Neptuno,
 Sempre suspirará por tal Aluno.

XXXIII.

Na mesma guerra vê que presas ganha
 Est'outro Capitam de pouca gente;
 Commendadores vence, e o gado apanha,
 Que levavam roubado ousadamente.
 Outra vez vê que a lança em fangue banha
 Destes, só por livrar co' amor ardente
 O preso amigo; preso por leal,
 Pero Rodrigues he do Landroal.

XXXIII.

Olha este desleal o como paga
 O perjurio que fez, e vil engano:
 Gil Fernandes he d'Elvas quem o estraga,
 E faz vir a passar o ultimo dano:
 De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
 Co' o fangue de seus donos Castelhana.
 Mas olha Rui Pereira, que co' o rosto
 Faz escudo ás galés; diante posto.

XXXV.

XXXV.

Olha que dezafete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes, de quatrocentos Castelhanos,
Que em de redor, para os tomar se estendem;
Porém logo sentíram, com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem.
Digno feito de ser no Mundo eterno:
Grande no tempo antigo, e no moderno.

XXXVI.

Sabe-se antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que aos muitos por ser poucos não temamos,
O que depois mil vezes amostremos.

XXXVII.

Olha cá dous Infantes Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane:
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tímida vaidade,
Primeiro entrando as portas da Cidade.

XXXVIII.

XXXVIII.

Vês o Conde Dom Pedro , que sustenta
 Dous cercos contra toda a Barbaria ?
 Vês ? Outro Conde está , que representa
 Em terra Marte , em forças , e ousadia.
 De poder defender se não contenta ,
 Alcacere da ingente companhia ;
 Mas do seu Rei defende a chara vida ,
 Pondo por muro a sua , alli perdida.

XXXIX.

Outros muitos verias que os Pintores
 Aqui tambem por certo pintariam ;
 Mas falta-lhes pincel , faltam-lhes cores ,
 Honra , premio , favor , que as Artes criam.
 Culpa dos viciosos successores ,
 Que degeneram , certo , e se desviam
 Do lustre , e do valor de seus passados ,
 Em gostos , e vaidades atolados.

XL.

Aquelles Pais illustres que já deram
 Princípio á geração que delles pende ,
 Pela virtude muito entãõ fizeram ,
 E por deixar a Casa que descende.
 Cegos ! Que dos trabalhos que tiveram ,
 Se alta fama , e rumor delles se estende ,
 Escuros deixam sempre seus menores ,
 Com lhes deixar descansos corruptores.

XLI.

Outros tambem ha grandes , e abaftados ,
 Sem nenhum tronco illustre donde venham ;
 Culpa de Reis , que ás vezes a privados
 Daõ mais q̃ a mil , q̃ esforço e saber tenham :
 Estes os seus naõ querem ver pintados ,
 Crendo que cores váas lhes naõ convenham :
 E como a seu contrário natural ,
 A' pintura que falla querem mal.

XLII.

Naõ nego , que ha com tudo descendentes
 Do generoso tronco , e casa rica ,
 Que com costumes altos , e excellentes ,
 Sustentam a nobreza que lhes fica.
 E se a luz dos antigos seus parentes ,
 Nelles mais o valor naõ clarifica ,
 Naõ falta ao menos , nem se faz escura :
 Mas destes acha poucos a pintura.

XLIII.

Affi está declarando os grandes feitos
 O Gama , que alli mostra a vária tinta ,
 Que a docta mão taõ claros , taõ perfeitos ,
 Do singular artifice alli pinta.
 Os olhos tinha promptos , e direitos ,
 O Catual na historia bem distinta :
 Mil vezes perguntava , e mil ouvia
 As gostosas batalhas que alli via.

XLIIII.

XLIII.

Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a Lampada grande se escondia
 Debaixo do Horizonte, e luminosa
 Levava aos Antipodas o dia;
 Quando o Gentio, e a gente generosa
 Dos Naires, da nao forte se parria,
 A buscar o repouso, que descança
 Os lassos animaes na noite mansa.

XLV.

Entretanto os Haruspices famosos
 Na falsa opiniaõ, que em sacrificios
 Antevém sempre os casos duvidosos,
 Por signaes diabolicos, e indicios;
 Mandados do Rei proprio, estudiosos
 Exercitavam a arte, e seus officios,
 Sobre esta vinda desta gente estranha,
 Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.

XLVI.

Signal lhes mostra o demo verdadeiro,
 De como a nova gente lhes seria
 Jugo perpétuo, eterno captiveiro,
 Destruicão de gente, e de valia.
 Vai-se espantado o attonito Agoureiro
 Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
 Os signaes temerosos que alcançara
 Nas entranhas das victimas que olhára.

XLVII.

XLVII.

A isto mais se ajunta, que a hum devoto
 Sacerdote da lei de Mafamede,
 Dos odios concebidos não remoto,
 Contra a Divina Fé, que tudo excede;
 Em fôrma de Propheta falso, e noto,
 Que do filho da escrava Agar procede,
 Baccho odioso, em sonhos lhe apparece,
 Que de seus odios inda senão dece.

XLVIII.

E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minha,
 Do mal que se apparelha pelo imigo,
 Que pelas aguas humidas caminha,
 Antes que esteis mais perto do perigo.
 Isto dizendo, acorda o Mouro asinha,
 Espantado do sonho: mas comfigo
 Cuida que não he mais que sonho usado.
 Torna a dormir quieto, e socegado.

XLIX.

Torna Baccho, dizendo: Não conheces
 O grão legislador, que a teus passados
 Tem mostrado o perceito a que obedeces,
 Sem o qual foreis muitos baptizados?
 Eu por ti, rudo, vélo; e tu adormeces?
 Pois saberás, que aquelles que chegados
 De novo são, feraõ mui grande dano
 Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

L.

Em quanto he fraca a força desta gente,
 Ordena como em tudo se resista;
 Porque quando o Sol fahe, facilmente
 Se póde nelle pôr a aguda vista:
 Porém despois que sobe claro, e ardente,
 Se agudeza dos olhos o conquista,
 Taõ cega fica, quanto o ficareis
 Se raizes criar lhe não tolheis.

LI.

Isto dito, elle e o somno se despede:
 Tremendo fica o attonito Agareno:
 Salta da cama, lume aos fervos pede,
 Lavrando nelle o fervido veneno.
 Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
 Mostrára rosto angelico, e sereno,
 Convoca os principaes da torpe feita,
 Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.

LII.

Diverfos pareceres, e contrarios
 Alli se daõ, segundo o que entendiam:
 Astutas traições, enganos varios,
 Perfidias inventavam, e teciam:
 Mas deixando conselhos temerarios,
 Destruição da gente pertendiam,
 Por manhas mais subtis, e ardís melhores,
 Com peitas adquirindo os Regedores.

LIII.

LIII.

Com peitas , ouro , e dadas secretas ,
 Conciliam da terra os principaes ;
 E com razões notaveis , e discretas ,
 Mostram ser perdição dos naturaes ;
 Dizendo : que são gentes inquietas ,
 Que os mares discorrendo Occidentaes ,
 Vivem só de piraticas rapinas ,
 Sem Rei , sem leis humanas , ou divinas .

LIIII.

Oh quanto deve o Rei que bem governa ,
 Olhar que os conselheiros , ou privados ,
 De consciencia , e de virtude interna ,
 E de sincero amor sejam dotados !
 Porque como este posto na superna
 Cadeira , póde mal dos apartados
 Negocios ter noticia mais inteira ,
 Da que lhe der a lingua conselheira .

LV.

Nem tam pouco direi que tome tanto
 Em grosso a consciencia limpa , e certa ,
 Que se enleve em hũ pobre , e humilde manto ,
 Onde ambição acafo ande encoberta .
 E quando hũ bom em tudo he justo , e santo ,
 Em negocios do Mundo pouco acerta :
 Que mal com elles poderá ter conta
 A quieta innocencia em só Deos pronta .

LVI.

LVI.

Mas aquelles avaros Catuais ,
 Que o Gentilico povo governavam ,
 Induzidos das gentes infernais ,
 O Portuguez despacho dilatavam .
 Mas o Gama , que não pertende mais ,
 De tudo quanto os Mouros ordenavam ,
 Que levar a feu Rei hum signal certo
 Do Mundo , que deixava descoberto :

LVII.

Nisto trabalha só , que bem sabia ,
 Que despois que levasse esta certeza ,
 Armas , e naos , e gente mandaria
 Manoel , que exercita a summa alteza ;
 Com que a feu jugo , e lei submetterá
 Das terras , e do mar a redondeza ;
 Que elle não era mais que hum diligente
 Descobridor das terras do Oriente .

LVIII.

Fallar ao Rei Gento determina ,
 Porque com seu despacho se tornasse ;
 Que já sentia em tudo da malina
 Gente impedir-se quanto desejasse .
 O Rei que da noticia falsa , e indina ,
 Não era d'espantar se se espantasse ;
 Que tão crédulo era em seus agouros ,
 E mais sendo affirmados pelos Mouros :

LIX.

Este temor lhe esfria o baixo peito:
 Por outra parte a força da cobiça,
 A quem por natureza está sujeito,
 Hum desejo immortal lhe accende, e atiça:
 Que bem vê, que grandissimo proveito
 Fará, se com verdade, e com justiça,
 O contrato fizer por longos anos,
 Que lhe comette o Rei dos Lusitanos.

LX.

Sobre isto nos conselhos que tomava,
 Achava mui contrarios pareceres:
 Que naquelles com quem se aconselhava,
 Executa o dinheiro seus poderes.
 O Grande Capitam chamar mandava;
 A quem, chegado, disse: Se quizeres
 Confessar-me a verdade limpa, e nua,
 Perdaõ alcançarás da culpa tua.

LXI.

Fu sou bem informado, que a embaixada
 Que de teu Rei me déste, que he fingida;
 Porque nem tu tées Rei, nem patria amada;
 Mas vagabundo vás passando a vida.
 Que quem da Hesperia ultima alongada,
 Rei, ou Senhor de insania desmedida,
 Ha de vir cometter com naos, e frotas,
 Taõ incertas viagées, raõ remotas?

LXII.

LXII.

E se de grandes Reinos poderosos
 O teu Rei tem a Régia Magestade,
 Que presentes me trazes valerosos,
 Signaes de tua incognita verdade?
 Com peças, e dões altos sumptuosos,
 Se lia dos Reis altos a amizade:
 Que signal, nem penhor, não he bastante
 As palavras de hum vago navegante.

LXIII.

Se por ventura vindes desterrados,
 Como já foram homêes de alta forte,
 Em meu Reino sereis agasalhados,
 Que toda a terra he patria para o forte:
 Ou se piratas fois ao mar usados,
 Dizei-mo sem temor de infamia, ou morte:
 Que por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.

LXIII.

Isto assi dito, o Gama que já tinha
 Suspeitas das infidias que ordenava
 O Mahometico odio, donde vinha
 Aquillo que tão mal o Rei cuidava:
 Co' huma alta confiança, que convinha,
 Com que seguro credito alcançava,
 Que Venus Acidalia lhe influia,
 Taes palavras do sabio peito abria:

LXV.

Se os antigos delictos , que a malicia
Humana commetteo na prisca idade ,
Naõ causaram que o vaso da iniquicia ,
Açoute taõ cruel da Christandade ,
Viera por perpétua inimicia
Na geração de Adaõ , co' a falsidade ;
O' poderoso Rei da torpe feita ,
Naõ concebêras tu taõ má suspeita.

LXVI.

Mas porque nenhum grande bem se alcança ,
Sem grandes oppressões , e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança ,
Que em suor vive sempre de seu peito ,
Me mostras tu taõ pouca confiança
Desta minha verdade ; sem respeito
Das razões em contrario , que acharias
Sanaõ cresses a quem naõ crer devias.

LXVII.

Porque se eu de rapinas só vivesse
Undívago , ou da patria desterrado ,
Como crês que taõ longe me viesse
Buscar assento incognito , e apartado ?
Porque esperanças , ou porque interesse ,
Viria experimentando o mar irado ,
Os Antárcticos frios , e os ardores ,
Que soffrem do Carneiro os moradores ?

LXVIII.

LXVIII.

Se com grandes presentes de alta estima
 O credito me pedes do que digo,
 Eu não vim mais que a achar o estranho clima,
 Onde a natura poz teu Reino antigo.
 Mas se a fortuna tanto me sublima,
 Que eu torne á minha patria, e Reino amigo,
 Então verás o dom soberbo, e rico
 Com que minha tornada certifico.

LXIX.

Se te parece inopinado feito,
 Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
 O coração sublime, o Régio peito,
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 Bem parece que o nobre, e grão conceito
 Do Lusitano espirito demande
 Maior credito, e fé de mais alteza,
 Que creia delle tanta fortaleza.

LXX.

Sabe que ha muitos annos, que os antigos
 Reis nossos firmemente propozeram
 De vencer os trabalhos, e perigos,
 Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
 E descobrindo os mares inimigos
 Do quieto descanso, pertendêram
 De saber que fim tinham, e onde estavam
 As derrádeiras praias que lavavam.

LXXI.

Conceito digno foi do ramo claro
 Do venturoso Rei, que arrou primeiro
 O mar por ir deitar do ninho charo
 O morador de Abyla derradeiro :
 Este, por sua industria, e engenho raro,
 N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
 Descobrir pode a parte, que faz clara
 De Argos, da Hydra a luz, da Lebre, e da Ara:

LXXII.

Crescendo co' os successos bõos primeiros
 No peito as ousadias, descobríram
 Pouco a pouco caminhos estrangeiros,
 Que hũus succedendo aos outros profeguíram.
 De Africa os moradores derradeiros
 Ausíraes, que nunca as sete flammias víram,
 Foram vistos de nós, atraz deixando
 Quantos estaõ os Tropicos queimando.

LXXIII.

Assi com firme peito, e com tamanho
 Proposito vencemos a fortuna,
 Até que nós no teu terreno estranho
 Viemos pôr a ultima coluna :
 Rompendo a força do líquido estanho,
 Da tempestade horrífica, e importuna,
 A ti chegámos, de quem só queremos
 Signal que ao nosso Rei de ti levemos.

LXXIII.

Esta he a verdade , Rei : que não faria
 Por taõ incerto bem , taõ fraco premio ,
 Qual , não sendo isto assi , esperar podia ,
 Taõ longo , taõ fingido , e vão proemio :
 Mas antes descanfar me deixaria
 No nunca descanfado e fero gremio
 Da madre Thetis , qual pirata inico ,
 Dos trabalhos alhêos feito rico.

LXXV.

Assi que , ó Rei , se minha grão verdade
 Tées por qual he , syncera e não dobrada ,
 Ajunta-me ao despacho brevidade ,
 Não me impidas o gosto da tomada.
 E se inda te parece falsidade ,
 Cuida bem na razaõ , que está provada ,
 Que com claro juizo pôde ver-se :
 Que facil he a verdade de entender-se.

LXXVI.

Attento estava o Rei na segurança
 Com que provava o Gama o que dizia :
 Concebe delle certa confiança ,
 Credito firme em quanto proferia :
 Pondera das palavras a abastança ,
 Julga na authoridade grão valia ;
 Começa de julgar por enganados
 Os Catuaes corruptos , mal julgados.

LXXVII.

LXXVII.

Juntamente a cobiça do proveito ,
 Que espera do contracto Lusitano ,
 O faz obedecer , e ter respeito
 Co' o Capitam , e não co' o Mauro engano.
 Em fim , ao Gama manda que direito
 A's naos se vá , e seguro de algum dano
 Possa á terra mandar qualquer fazenda ,
 Que pela especiaría troque , e venda.

LXXVIII.

Que mande da fazenda , em fim , lhe manda ,
 Que nos Reinos Gangeticos falleça ;
 Se alguma traz idonea , lá da banda
 Donde a terra se acaba , e o mar começa.
 Já da Real presença veneranda ,
 Se parté o Capitam para onde peça
 Ao Catual , que delle tinha cargo ,
 Embarcação , que a sua está de largo.

LXXIX.

Embarcação que o leve ás naos lhe pede :
 Mas o mao Regedor , que novos laços
 Lhe machinava , nada lhe concede ,
 Interpondo tardanças , e embaraços :
 Com elle parte ao caes , porque o arrede
 Longe quanto puder dos Régios Paços ;
 Onde , sem que seu Rei tenha noticia ,
 Faça o que lhe ensinar sua malícia.

LXXX.

Lá bem longe lhe diz , que lhe daria
 Embarcação bastante em que partisse ;
 Ou que para a luz crástica do dia
 Futuro , sua partida differisse :
 Já com tantas tardanças entendia
 O Gama , que o Gento consentisse
 Na má tenção dos Mouros , torpe , e fera ,
 O que d'elle até alli não entendêra.

LXXXI.

Era este Catual hum dos que estavam
 Corruptos pela Mahometana gente ;
 O principal por quem se governavam
 As Cidades do Samori potente :
 Delle sómente os Mouros esperavam
 Effeito a seus enganos torpemente :
 Elle , que no concerto vil conspira ,
 De suas esperanças não delira.

LXXXII.

O Gama com instancia lhe requiere ,
 Que o mande pôr nas naos ; e não lhe val ;
 E que assi lho mandára , lhe refere ,
 O nobre successor de Perimal.
 Porque razão lhe impede , e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal ?
 Pois aquillo que os Reis já tem mandado ;
 Não pôde ser [por] outrem derogado.

LXXXIII.

LXXXIII.

Pouco obedece o Catual corruto,
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil, e astuto
 Engano diabolico, e estupendo;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido, estava vendo;
 Ou como as naos em fogo lhe abrazasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.

LXXXIII.

Que nenhum torne á patria só pertende
 O conselho infernal dos Mahometanos,
 Porque não saiba nunca onde se estende
 A terra Eoa o Rei dos Lusitanos.
 Não parte o Gama, em fim, que lho defende
 O Regedor dos Barbaros profanos;
 Nem sem licença sua ir-se podia,
 Que as almadias todas lhe tolhia.

LXXXV.

Aos brados, e razões do Capitão,
 Responde o Idolátra, que mandasse
 Chegar á terra as naos, que longe estão,
 Porque melhor dalli fosse, e tornasse.
 Signal he de inimigo, e de ladrao,
 Que lá taõ longe a frota se alargasse,
 (Lhe diz) porque do certo, e fido amigo
 He não temer do seu nenhum perigo.

LXXXVI.

LXXXVI.

Nestas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naos deseja perto
 O Catual, porque com ferro, e flama,
 Lhas affalte, por odio descoberto.
 Em varios pensamentos se derrama:
 Phantasiando está remedio certo,
 Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava.
 Tudo temia; tudo, em fim, cuidava.

LXXXVII.

Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que do raio Solar sendo ferido
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 E sendo da ociosa mão movido,
 Pela casa, do moço curioso,
 Anda pelas paredes, e telhado,
 Trémulo aqui, e alli desfocegado:

LXXXVIII.

Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrára
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co' os batéis, como ordenára:
 Logo secretamente lhe mandava,
 Que se tornasse á frota que deixára,
 Não fosse falteado dos enganos,
 Que esperava dos feros Mahometanos.

LXXXIX.

LXXXIX.

Tal ha de fer quem quer co' o dom de Marte
 Imitar os illustres , e igualá-los ;
 Voar co' o pensamento a toda a parte ,
 Adivinhar perigos , e evitá-los ;
 Com militar engenho , e subtil arte ,
 Entender os imigos , e enganá-los ;
 Crer tudo , em fim ; que nunca louvarei
 O Capitam que diga : Não cuidei.

XC.

Insiste o Malabar em o ter preso ,
 Senão manda chegar á terra a armada ;
 Elle constante , e de ira nobre acceso ,
 Todos seus ameaços teme nada :
 Que antes quer sobre si tomar o peso
 De quanto mal a vil malicia ousada
 Lhe andar armando , que pôr em ventura
 A frota de seu Rei , que tem segura.

XCI.

Aquella noite esteve alli detido ,
 E parte do outro dia , quando ordena
 De se tornar ao Rei ; mas impedido
 Foi da guarda que tinha não pequena.
 Comette-lhe o Genticio outro partido ,
 Temendo de seu Rei castigo , ou pena ,
 Se sabe esta malicia ; a qual asinha
 Saberá , se mais tempo alli o detinha.

XCII.

Diz-lhe , que mande vir toda a fazenda
 Vendibil , que trazia , para a terra ,
 Para que devagar se troque , e venda ,
 Que quem não quer commercio busca guerra.
 Postoque os maos propositos entenda
 O Gama , que o damnado peito encerra ,
 Consente ; porque sabe por verdade ,
 Que compra co' a fazenda a liberdade.

XCIII.

Concertam-se que o negro mande dar
 Embarcações idoneas com que venha ;
 Que os seus batéis não quer aventurar
 Onde lhos tome o imigo , ou lhos detenha :
 Partem as almadias a buscar
 Mercadoria Hispana , que convenha :
 Escreve a seu irmão que lhe mandasse
 A fazenda , com que se resgatasse.

XCIII.

Vem a fazenda á terra , aonde logo
 A agasalhou o infame Catual :
 Com ella ficam Alvaro , e Diogo ,
 Que a pudessem vender pelo que val.
 Se mais que obrigação , que mando , e rogo ,
 No peito vil , o premio póde , e val ,
 Bem o mostra o Gentio a quem o entenda ,
 Pois o Gama soltou pela fazenda.

XCV.

Por ella o solta crendo que alli tinha
 Penhor bastante donde recebesse
 Interesse maior do que lhe vinha,
 Se o Capitam mais tempo detivesse.
 Elle vendo que já lhe não convinha
 Tornar á terra, porque não pudesse
 Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
 Nellas estar se deixa descansado.

XCVI.

Nas naos estar se deixa vagaroso,
 Até ver o que o tempo lhe descobre;
 Que não se fia já do cobiçoso
 Regedor corrompido, e pouco nobre.
 Veja agora o juizo curioso,
 Quanto no rico, assi como no pobre,
 Póde o vil interesse, e sede imiga
 Do dinheiro, que a tudo nos obriga.

XCVII.

A Polydoro mata o Rei Threicio,
 Só por ficar senhor do grão thesouro:
 Entra pelo fortissimo edificio
 Com a filha de Acrisio a chuva de ouro:
 Pode tanto em Tarpeia avaro vicio,
 Que a troco do metal luzente, e louro,
 Entrega aos inimigos a alta torre,
 Do qual quasi affogada em pago morre.

XCVIII.

XCVIII.

Este rende munidas fortalezas ,
 Faz treedores , e falsos os amigos :
 Este a mais nobres faz fazer vilezas ,
 E entrega Capitães aos inimigos :
 Este corrompe virginaes purezas ,
 Sem temer de honra ou fama algũus perigos :
 Este deprava ás vezes as sciencias ,
 Os juizos cegando , e as consciencias.

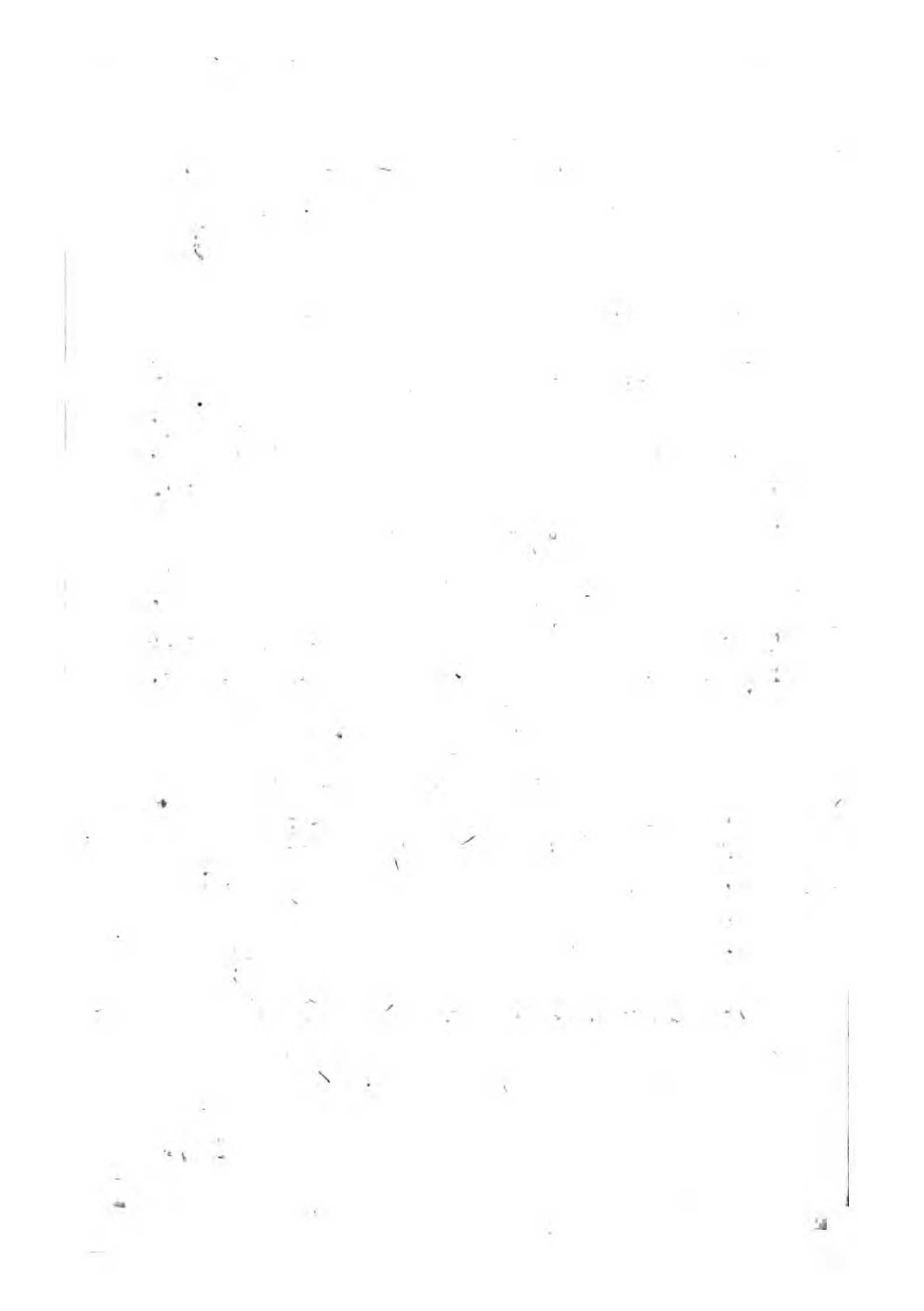
XCIX.

Este interpreta mais que subtilmente
 Os textos: este faz , e desfaz leis :
 Este causa os perjurios entre a gente ,
 E mil vezes tyrannos torna os Reis.
 Até os que sô a Deos Omnipotente
 Se dedicam , mil vezes ouvireis ,
 Que corrompe este encantador , e illude ;
 Mas não sem côr , com tudo , de virtude.

Fim do Canto oitavo.



AR-



A R G U M E N T O DO CANTO NONO.

Livre já das traições, e perigos que o ameaçavaõ, sahe Vasco da Gama de Calecut, e volta para o Reino com as alegres novas do descobrimento da India Oriental: encaminha-o Venus a huma Ilha deliciosa: descripção da mesma Ilha: desembarque dos navegantes: festivas demonstrações com que alli saõ recebidos, das Nereydas os soldados, e de Thetis o Gama.

Outro argumento.

*Parte de Calecut o Lusitano,
Com as alegres novas do Oriente;
E no meio do tumido Oceano,
Venus lhe mostra huma Insula excellente:
Aqui de todo bem soffrido dano,
Acha repouso assaz conveniente,
E com Nymphas gentis o mais do dia
Em festas passa, e jogos de alegria.*



L U S I A D A
 D O G R A N D E
 L U I S D E C A M Õ E S .

C A N T O N O N O .

I.



Iveram longamête na Cidade
 Sem vender-se a fazenda os dous feitores,
 Que os infiéis por manha , e falsidade ,
 Fazem q̃ não lha comprem mercadores :
 Que todo seu proposito , e vontade ,
 Era deter alli os descobridores
 Da India , tanto tempo , que viessem
 De Meca as naos , que as suas desfizessem.

II.

II.

Lá no feio Erythreo , onde fundada
 Arsinoe foi do Egeyptio Ptolemeo ,
 Do nome da irmãa sua assi chamada ,
 Que despois em Suéz se converteo ;
 Não longe o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca , que se engrandeceo
 Com a superstição falsa , e profana ,
 Da religiosa agua Mahometana.

III.

Gidá se chama o porto , aonde o trato
 De todo o Roxo mar mais florecia ,
 De que tinha proveito grande , e grato ,
 O Soldão , que esse Reino possuia.
 Daqui aos Malabares , por contrato
 Dos infiéis , formosa companhia
 De grandes naos , pelo Indico Oceano ,
 Especiaria vem buscar cada ano.

III.

Por estas naos os Mouros esperavam ,
 Que como fossem grandes , e possantes ,
 Aquellas , que o commercio lhes tomavam ,
 Com flammabrazassem crepitantes.
 Neste foccorro tanto confiavam ,
 Que já não querem mais dos navegantes ,
 Senão que tanto tempo alli tardassem ,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

V.

Mas o Governador dos Ceos , e gentes ,
Que para quanto tem determinado ,
De longe os meios dá convenientes ,
Por onde vem a effeito o fim fadado ;
Influo piedosos accidentes
De affeição em Monçaide ; que guardado
Estava para dar ao Gama aviso ,
E merecer por isso o Paraíso.

VI.

Este , de quem se os Mouros não guardavam ,
Por ser Mouro como elles , antes era
Participante em quanto machinavam ,
A tenção lhe descobre torpe , e fera :
Muitas vezes as naos que longe estavam
Visita , e com piedade considera
O damno sem razão , que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.

VII.

Informa o cauto Gama das armadas
Que da Arabica Meca vem cada ano ,
Que agora são dos seus tão desejadas ,
Para ser instrumento deste dano :
Diz-lhe , que vem de gente carregadas ,
E dos trovões horrendos de Vulcano ,
E que póde ser dellas opprimido ,
Segundo estava mal apercebido.

VIII.

VIII.

O Gama , que tambem considerava
 O tempo que para a partida o chama ,
 E que despacho já não esperava
 Melhor do Rei , que os Mahometanos ama ;
 Aos feitores , que em terra estão , mandava
 Que se tornem ás naos : e porque a fama
 Desta subita vinda os não impida ,
 Lhes manda que a fizessem escondida.

IX.

Porém não tardou muito , que voando
 Hum rumor não soasse com verdade ,
 Que foram presos os feitores , quando
 Foram sentidos vir-se da Cidade.
 Esta fama as orelhas penetrando
 Do sabio Capitam , com brevidade
 Faz logo presa em hūus que ás naos vieram
 A vender pedraria que trouxeram.

X.

Eram estes , antigos mercadores ,
 Ricos em Calecut , e conhecidos ;
 Da falta delles , logo entre os melhores
 Sentido foi , que estão no mar retidos.
 Mas já nas naos os bōos trabalhadores ,
 Volvem o cabrestante , e repartidos
 Pelo trabalho , hūus puxam pela amarra ,
 Outros quebram co' opeito duro a barra.

XI.

Outros pendem da verga , e já defatam
 A véla , que com grita se foltava ;
 Quando com maior grita ao Rei relatam
 A pressa com que a armada se levava.
 As mulheres , e filhos , que se matam ,
 Daquelles que vão presos , onde estava
 O Samori , se quixam que perdidos
 Húus tem os pais , as outras os maridos.

XII.

Manda logo os feitores Lusitanos
 Com toda sua fazenda livremente ,
 A pezar dos imigos Mahometanos ,
 Porque lhe torne a sua presa gente.
 Desculpas manda o Rei de seus enganos :
 Recebe o Capitam de melhor mente
 Os presos , que as desculpas ; e tornando
 Algũus negros , se parte , as vélas dando.

XIII.

Parte-se costa abaixo , porque entende
 Que em vão co' o Rei Genticio trabalhava
 Em querer delle paz , a qual pertende
 Por firmar o commercio que tratava.
 Mas como aquella terra , que se estende
 Pela Aurora , sabida já deixava ,
 Com estas novas torna á patria chara ,
 Certos signaes levando do que achára.

XIII.

Leva algũus Malabares, que tomou
 Por força, dos que o Samori mandára,
 Quando os presos feitores lhe tornou:
 Leva pimenta ardente, que comprára:
 A secca flor de Banda não ficou:
 A noz, e o negro cravo, que faz clara
 A nova Ilha Maluco, co' a canella,
 Com que Ceilaõ he rica, illustre, e bella.

XV.

Isto tudo lhe houvera a diligencia
 De Monçaide fiel que tambem leva;
 Que inspirado de angelica influencia,
 Quer no livro de Christo que se escreva.
 Oh ditoso Africano, que clemencia
 Divina affi tirou de escura treva,
 E taõ longe da patria achou maneira
 Para subir á patria verdadeira!

XVI.

Apartadas affi da ardente costa
 As venturosas naos, levando a proa
 Para onde a natureza tinha posta
 A méra Austrina da Esperança Boa;
 Levando alegres novas, e resposta
 Da parte Oriental para Lisboa;
 Outra vez cometendo os duros medos
 Do mar incerto, tímidos, e ledos.

XVII.

O prazer de chegar á patria chara,
 A seus penates charos, e parentes,
 Para contar a peregrina, e rara
 Navegação, os varios Ceos, e gentes;
 Vir a lograr o premio que ganhára
 Por tão longos trabalhos, e accidentes,
 Cada hum, tem por gosto tão perfeito,
 Que o coração para elle he vaso estreito.

XVIII.

Porém a deosa Cypria, que ordenada
 Era para favor dos Lusitanos,
 Do Padre Eterno, e por bom genio dada,
 Que sempre os guia já de longos anos;
 A gloria por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem soffridos danos,
 Lhe andava já ordenando, e pertendia
 Dar-lhe nos mares tristes, alegria.

XIX.

Despois de ter hum pouco revolvido
 Na mente o largo mar que navegáram,
 Os trabalhos que pelo Deos nascido
 Nas Amphioneas Thebas se causáram:
 Já trazia de longe no sentido,
 Para premio de quanto mal passáram,
 Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
 No Reino de crystal líquido, e manso.

XX.

Algun repouso , em fim , com que pudesse
 Refocilar a lasa humanidade
 Dos navegantes seus , como interesse
 Do trabalho que encurta a breve idade.
 Parece-lhe razão , que conta d'esse
 A seu filho , por cuja potestade
 Os deoses faz descer ao vil terreno ,
 E os humanos subir ao Ceo sereno.

XXI.

Isto bem revolvido , determina
 De ter-lhe aparelhada lá no meio
 Das aguas , alguma Insula divina ,
 Ornada de esmaltado , e verde arreo :
 Que muitas tem no Reino que confina
 Da mái primeira co' o terreno feio ;
 Afóra as que possue soberanas ,
 Para dentro das portas Herculanas.

XXII.

Alli quer que as aquaticas donzellas
 Esperem os fortissimos Barões ;
 Todas as que tem titulo de bellas ,
 Gloria dos olhos , dor dos corações ;
 Com danças , e coréas , porque nellas
 Influirá secretas afeições ,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se afeiçoarem.

XXIII.

XXIII.

Tal manha buscou já , para que aquelle ,
 Que de Anchises pario , bem recebido
 Fosse no campo , que a bovina pelle
 Tomou de espaço por subtil partido.
 Seu filho vai buscar , porque só nelle
 Tem todo seu poder , fero Cupido ;
 Que assi como naquella empreza antiga
 A ajudou já , nestoutra a ajude , e figa.

XXIII.

No carro ajunta as aves , que na vida
 Vaõ da morte as exequias celebrando ,
 E aquellas em que já foi convertida
 Peristera , as boninas apanhando.
 Em de redor da deosa , já partida ,
 No ar lascivos beijos se vaõ dando :
 Ella por onde passa , o ar , e o vento ,
 Sereno faz com brando movimento.

XXV.

Já sobre os Idálios montes pende ,
 Onde o filho frêcheiro estava entaõ
 Ajuntando outros muitos , que pertende
 Fazer huma famosa expedição.
 Contra o Mundo rebelde , porque emende
 Erros grandes , que há dias nelle estaõ ,
 Amando cousas , que nos foram dadas ,
 Naõ para ser amadas , mas usadas.

XXVI.

XXVI.

Via Acteon na caça tão austero ,
 De cego na alegria bruta , infana ,
 Que por seguir hum feo animal fero ,
 Foge da gente , e bella forma humana :
 E por castigo quer , doce , e severo ,
 Mostrar-lhe a formosura de Diana ;
 E guarde-se não seja inda comido
 Desses cães , que agora ama , e consumido.

XXVII.

E vê do Mundo todo os principais ,
 Que nenhum no bem público imagina ;
 Vê nelles , que não tem amor a mais ,
 Que a si sómente , e a quem Philaucia ensina :
 Vê que esses que frequentam os Reais
 Paços , por verdadeira , e sãa doutrina
 Vendem adulação , que mal consente
 Mondar-se o novo trigo florecente.

XXVIII.

Vê que aquelles que devem á pobreza
 Amor divino , e ao povo charidade ,
 Amam sómente mandos , e riqueza ,
 Simulando justiça , e integridade.
 Da fea tyrannia , e de aspereza ,
 Fazem direito , e vãa severidade :
 Leis em favor do Rei se estabelecem ;
 As em favor do povo só perecem.

XXIX.

XXIX.

Vê, em fim, que ninguém ama o que deve,
 Senão o que sómente mal deseja:
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo que duro, e justo seja.
 Seus ministros ajunta, porque leve
 Exercitos conformes á peleja
 Que espera ter co' a mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.

XXX.

Muitos destes meninos voadores
 Estaõ em várias obras trabalhando,
 Hũus amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de fétas delgaçando.
 Trabalhando cantando estaõ de amores,
 Varios casos em verso modulando;
 Melodia sonora, e concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.

XXXI.

Nas frágoas immortaes, onde forjavam
 Para as fétas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes:
 As aguas onde os ferros temperavam,
 Lagrimas saõ de miseros amantes:
 A viva flamma, o nunca morto lume,
 Desejo he só que queima, e não consume.

XXXII.

XXXII.

Algũus exercitando a mão andavam
 Nos duros corações da plebe ruda;
 Crebros suspiros pelo ar soavam,
 Dos que feridos vão da setta aguda.
 Formosas Nymphas são as que curavam
 As chagas recebidas, cuja ajuda,
 Não sómente dá vida aos mal feridos,
 Mas põe em vida os inda não nascidos.

XXXIII.

Formosas são algũas, e outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas,
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curam-no ás vezes asperas triagas.
 Algũus ficam ligados em cadeas,
 Por palavras subtis de fábias Magas:
 Isto acontece ás vezes, quando as setas
 Acertam de levarervas secretas.

XXXIII.

Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando.
 E tambem nos Heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando;
 Qual o das moças, Bibli, e Cyniréa;
 Hum mancebo de Assyria, hum de Judéa.

XXXV.

XXXV.

E vós , ó poderosos , por pastoras
Muitas vezes ferido o peito vedes :
E por baixos , e rudos , vós senhoras ,
Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
Húus esperando andais nocturnas horas ,
Outros subís telhados , e paredes :
Mas eu creio , que deste amor indino ,
He mais culpa a da mãe , que a do menino.

XXXVI.

Mas já no verde prado o carro leve
Punham os brancos cisnes mansamente ;
E Dione , que as rosas entre a neve
No rosto traz , descia diligente.
O frécheiro , que contra o Ceo se atreve ,
A recebê-la vem lédo , e contente :
Vem todos os Cupidos servidores
Beijar a mão á deosa dos amores.

XXXVII.

Ella porque não gaste o tempo em vão ,
Nos braços tendo o filho , confiada
Lhe diz : Amado filho , em cuja mão
Toda minha potencia está fundada ;
Filho , em quem minhas forças sempre estão ;
Tu que as armas Typheas téés em nada ,
A foccorrer-me á tua potestade
Me traz especial necessidade.

XXXVIII.

XXXVIII.

Bem vês as Lusitanicas fadigas ,
 Que eu já de muito longe favoreço ,
 Porque das Parcas sei minhas amigas ,
 Que me haõ de venerar , e ter em preço.
 E porque tanto imitam as antigas
 Obras de meus Romanos , me offereço
 A lhes dar tanta ajuda em quanto posso ,
 A quanto se estender o poder nosso.

XXXIX.

E porque das infidias de odioso
 Baccho , foram na India molestados ,
 E das injúrias fós do mar undoso ,
 Puderam ser mais mortos que cansados :
 No mesmo mar , que sempre temeroso
 Lhes foi , quero que sejam repousados ;
 Tomando aquelle premio , e doce gloria ,
 Do trabalho que faz clara a memoria.

XL.

E para isso queria que feridas
 As filhas de Nereo , no Ponto fundo ,
 De amor dos Lusitanos incendidas
 Que vem de descobrir o novo Mundo :
 Todas n'huma Ilha juntas , e subidas ;
 Ilha , que nas entranhas do profundo
 Oceano , terei apparelhada ,
 De dões de Flora , e Zephyro adornada.

XLI.

Alli com mil refrescos , e manjares ,
Com vinhos odoriferos , e rosas ,
Em crystallinos Paços singulares ,
Formosos leitos , e ellas mais formosas ;
Em fim , com mil deleites não vulgares ,
Os esperem as Nymphas amorosas ;
De amor feridas , para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cobiçarem.

XLII.

Quero que haja no Reino Neptunino ,
Onde eu nasci , progenie forte , e bella ,
E tome exemplo o Mundo vil , malino ,
Que contra tua potencia se rebella :
Porque entendam que muro adamantino ,
Nem triste hypocrisia val contra ella :
Mal haverá na terra quem se guarde ,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.

XLIII.

Assi Venus propoz , e o filho inico ,
Para lhe obedecer , já se apercebe :
Manda trazer o arco eburneo , rico ,
Onde as fétas de ponta de ouro embebe.
Com gesto lédo a Cypria , e impudico ,
Dentro no carro o filho seu recebe.
A rédea larga ás aves , cujo canto
A Phaetonteia morte chorou tanto.

XLIIII.

XLIII.

Mas diz Cupido , que era necessaria
 Huma famosa , e célebre terceira ,
 Que postoque mil vezes lhe he contrária ,
 Outras muitas a tem por companheira :
 A deosa Gigantéa , temeraria ,
 Jactante , mentirosa , e verdadeira ,
 Que com cem olhos vê , e por donde vōa ,
 O que vê , com mil bocas apregoa.

XLV.

Vaõ-na a buscar , e mandam-na diante ,
 Que celebrando yá com tuba clara ,
 Os louvores da gente navegante ,
 Mais do que nunca os de outrem celebrára.
 Já murmurando a fama penetrante ,
 Pelas fundas cavernas se espalhára :
 Falla verdade , havida por verdade ,
 Que junto a deosa traz credulidade.

XLVI.

O louvor grande , o rumor excellente
 No coração dos deoses , que indinados
 Foram por Baccho contra a illustre gente ,
 Mudando os fez hum pouco affeioados.
 O peito feminino , que levemente
 Muda quaesquer propositos tomados ,
 Já julga por mau zelo , e por crueza
 Desejar mal a tanta fortaleza.

XLVII.

XLVII.

Despede nisto o fero moço as fétas ,
 Huma apoz outra ; geme o mar co' os tiros :
 Direitas pelas ondas inquietas
 Algũas vão , e algũas fazem giros.
 Cahem as Nymphas ; lançam das secretas
 Entranhas , ardentissimos suspiros ;
 Cahe qualquer , sem ver o vulto que ama :
 Que tanto como a vista pôde a fama.

XLVIII.

Os cornos ajuntou da eburnea Lúa ,
 Com força o moço indomito excessiva ,
 Que Thetis quer ferir mais que nenhũa ,
 Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
 Já não fica na aljava sétta algũa ,
 Nem nos equoreos campos Nympha viva ;
 E se feridas ainda estão vivendo ,
 Será para sentir que vão morrendo.

XLIX.

Dai lugar altas , e ceruleas ondas ,
 Que , vedes , Venus traz a medicina ,
 Mostrando as brancas vélas , e redondas ,
 Que vem por cima da agua Neptunina.
 Para que tu reciproco respondas ,
 Ardente amor , á flamma feminina ,
 He forçado que a pudicicia honesta
 Faça quanto lhe Venus admoeſta.

L.

Já todo o bello Coro se aparelha
 Das Nereidas ; e junto caminhava
 Em corêas gentís , ufança velha ,
 Para a Ilha , a que Venus as guiava.
 Alli a formosa deosa lhe aconselha
 O que ella fez mil vezes quando amava :
 Ellas , que vão do doce amor vencidas ,
 Estaõ a seu conselho offercidas.

LI.

Cortando vão as naos a larga via
 Do mar ingente , para a patria amada ,
 Desejando prover-se de agua fria ,
 Para a grande viagem prolongada.
 Quando juntas , com subita alegria ,
 Houveram vista da Ilha namorada ;
 Rompendo pelo Ceo a mái formosa
 De Memnonio , suave , e delectosa.

LII.

De longe a Ilha víram fresca , e bella ,
 Que Venus pelas ondas lha levava ,
 (Bem como o vento leva branca vella)
 Para onde a forte armada se enxergava :
 Que porque não passassem sem que nella
 Tomassem porto , como desejava ,
 Para onde as naos navegam a movia
 A Acidalia ; que tudo , em fim , podia.

LIII.

LIII.

Mas firme a fez, e immobil, como vio
 Que era dos Nautas vista, e demandada;
 Qual ficou Delos, tanto que pario
 Latona a Phebo, e a deosa á caça usada.
 Para lá logo a proa o mar abriu,
 Onde a costa fazia huma enseada
 Curva, e quieta, cuja branca arêa
 Pintou de ruivas conchas Cytherêa.

LIIII.

Tres formosos outeiros se mostravam
 Erguidos com soberba graciosa,
 Que de gramineo esmalte se adornavam,
 Na formosa Ilha alegre, e deleitosa:
 Claras fontes, e limpidas manavam
 Do cume; que a verdura tem viçosa:
 Por entre pedras alvas se deriva
 A sonora lympha fugitiva.

LV.

N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
 Vinham as claras aguas ajuntar-se,
 Onde huma mesa fazem, que se estende
 Taõ bella; quanto pôde imaginar-se:
 Arvoredo gentil sobre ella pende,
 Como que prompto está para afeitar-se,
 Vendo-se no crystal resplandecente,
 Que em si o está pintando propriamente.

LVI.

LVI.

Mil arvores estaõ ao Ceo subindo ,
 Com pomos odoriferos , e bellos :
 A lorangeira tem no fructo lindo
 A cõr que tinha Daphne nos cabellos :
 Encoستا-se no chãõ , que está cahindo
 A cidreira co' os pesos amarellos :
 Os formosos limões , alli cheirando ,
 Estaõ virgineas tetas imitando.

LVII.

As arvores agrestes , que os outeiros
 Tem com frondente coma ennobrecidos ,
 A'lamos saõ de Alcides , e os loureiros ,
 Do louro deos amados , e queridos :
 Myrtos de Cytheréa , co' os pinheiros
 De Cybele , por outro amor vencidos :
 Está apontando o agudo Cypariso
 Para onde he posto o ethereo Paraíso.

LVIII.

Os dões , que dá Pomona , alli natura
 Produze differentes nos sabores ,
 Sem ter neccssidade de cultura ,
 Que sem ella se daõ muito melhores :
 As cerejas purpureas na pintura ;
 As amoras , que o nome tem de amores ;
 O pomo , que da patria Persia veio ,
 Melhor tornado no terreno alheio.

LIX.

LIX.

Abre a romãa , mostrando a rubicunda
 Côr , com que , tu rubí , teu preço perdes :
 Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
 Vide , co' hũus cachos roxos , e outros verdes.
 E vós , se na vossa arvore fecunda
 Peras pyramidaes , viver quizerdes ,
 Entregai-vos ao damno que co' os bicos
 Em vós fazem os passaros inicos.

LX.

Pois a tapeçaria bella , e fina ,
 Com que se cobre o rustico terreno ,
 Faz ser a de Achemenia menos dina ,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Alli a cabeça a flor Cephisia inclina
 Sobolo tanque lúcido , e sereno :
 Florece o filho , e neto de Cíntas ,
 Por quem tu , deosa Paphia , inda suspiras.

LXI.

Para julgar , difficil cousa fora ,
 No Ceo vendo , e na terra as mesmas cores ,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora ,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava alli Zephyro , e Flora ,
 As violas , da côr dos amadores ;
 O lyrio roxo , a fresca rosa bella ,
 Qual reluze nas faces da donzella.

LXII.

A candida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona;
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
 Taõ queridas do filho de Latona.
 Bem se enxerga nos pomos, e boninas,
 Que competia Chloris com Pomona:
 Pois se as aves no ar cantando voam,
 Alegres animaes o chão povoam.

LXIII.

Ao longo da agua o niveo cisne canta,
 Responde-lhe do ramo philomella:
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon na agua crystallina, e bella:
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou tímida gazella:
 Alli no bico traz ao charo ninho,
 O mantimento o leve passarinho.

LXIII.

Nesta frescura tal desembarcavam
 Já das naos os segundos Argonautas:
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deofas como incautas:
 Algũas doces citharas tocavam,
 Algũas arpas, e sonoras frautas:
 Outras co' os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animaes, que não seguiam.

LXV.

Affilho aconselhára a mestra experta ,
 Que andassem pelos campos espalhadas ;
 Que vista dos Barões a presa incerta ,
 Se fizessem primeiro desejadas .

Algumas , que na fôrma descoberta
 Do bello corpo estavam confiadas ,
 Posta a artificiosa formosura ,
 Nuas lavar se deixam na agua pura .

LXVI.

Mas os fortes mancebos , que na praia
 Punham os pés , de terra cobiçosos ;
 Que não ha nenhum delles , que não faia
 De acharem caça agreste desejosos ;
 Não cuidam que sem laço , ou redes , caia
 Caça naquelles montes delectosos ,
 Taõ suave , domestica , e benina ,
 Qual ferida lha tinha já Erycina .

LXVII.

Algũs , que em espingardas , e nas béstas ,
 Para ferir os cervos se fiavam ,
 Pelos sombrios matos , e florestas ,
 Determinadamente se lançavam .
 Outros nas sombras , que das altas féstas
 Defendem a verdura , passeavam
 Ao longo da agua , que suave , e quêda ,
 Por alvas pedras corre á praia léda .

LXVIII.

Começam de enxergar subitamente
 Por entre verdes ramos varias cores ;
 Cores de quem a vista julga , e sente ,
 Que não eram das rosas , ou das flores ;
 Mas da lãa fina , e seda differente ,
 Que mais incita a força dos amores ,
 De que se vestem as humanas rosas ,
 Fazendo-se por arte mais formosas.

LXIX.

Dá Velloso espantado hum grande grito.
 Senhores ; caça estranha (disse) he esta :
 Se inda dura o Gentio , antigo rito ,
 A deosas he sagrada esta floresta.
 Mais descobrimos do que humano espirito.
 Desejou nunca , e bem se manifesta ,
 Que são grandes as cousas , e excellentes ,
 Que o Mundo encobre aos homêes imprudentes.

LXX.

Sigamos estas deosas , e vejamos
 Se phantasticas são , se verdadeiras.
 Isto dito ; velozes mais que gamos ,
 Se lançam a correr pelas ribeiras.
 Fugindo as Nymphas vão por entre os ramos ;
 Mas mais industrias , que ligeiras ,
 Pouco e pouco forrindo , e gritos dando ,
 Se deixam ir dos galgos alcançando.

LXXI.

De huma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, e d'outra as faldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Huma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguiu por a arenosa praia.

LXXII.

Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavam:
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força se lançavam
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cobiçosas vão negando.

LXXIII.

Outra, como acudindo mais depressa
 A' vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo na agua; outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fóra.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado, (que co' a mora
 De se despír, ha medo que ainda tarde)
 A matar na agoa o fogo que nelle arde.

LXXIII.

LXXIII.

Qual cam de caçador , fagaz , e ardido ,
 Usado a tomar na agua a ave ferida ,
 Vendo no rosto o ferreo cano erguido ,
 Para a garcena ou para conhecida ,
 Antes que soe o estouro , mal soffrido
 Salta na agua , e da presa não duvida ,
 Nadando vai , e latindo ; affi o mancebo
 Remette á que não era irmã de Phebo.

LXXV.

Leonardo , soldado bem disposto ,
 Manhofo , Cavalleiro , e namorado ,
 A quem amor não dera hum só desgosto ,
 Mas sempre fora delle maltratado ;
 E tinha já por firme presuppосто
 Ser com amores mal affortunado ;
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança :

LXXVI.

Quiz aqui sua ventura que corria
 Apoz Ephyre , exemplo de belleza ,
 Que mais caro que as outras dar queria ,
 O que deo para dar-se a natureza.
 Já cansado correndo , lhe dizia :
 O' formosura indigna de aspereza ;
 Pois desta vida te concedo a palma ,
 Espera hum corpo de quem levas a alma.

LXXVII.

LXXVII.

Todas de correr cansam, Nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo:
 Tu só de mim só foges na espessura?
 Quem te disse, que eu era o que te figo?
 Se to tem dito já aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 O' não a crêas, porque eu quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.

LXXVIII.

Naõ canfes, que me canfas; e se queres
 Fugir-me, porque naõ possa tocar-te,
 Minha ventura he tal, que inda que esperes,
 Ella fará que naõ possa alcançar-te.
 Espera: quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te,
 E notarás no fim deste successo,
Tra la spiga, e la man, qual muro è messo.

LXXIX.

O' naõ me fujas, assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura;
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que Imperador, que exército se atreve,
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejei me vai seguindo
 O que tu só farás naõ me fugindo.

LXXX.

LXXXI.

Pões-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração que livre tinha?
 Solta-mo, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha.
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas? Ou despois de presa
 Lhe mudaste a ventura, e menos péfa?

LXXXII.

Nesta esperança só te vou seguindo;
 Que ou tu não soffrerás o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo,
 Se lhe mudará a triste, e dura estrella:
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella;
 E tu me esperarás, se amor te fere;
 E se me esperas, não ha mais que espere.

LXXXIII.

Já não fugia a bella Nympha tanto,
 Por se dar cara aq triste que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas mágoas que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno, e fante,
 Toda banhada em riso, e alegria,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.

LXXXIII.

LXXXIII.

Oh que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso choro que soava!
 Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passam na manhã, e na festa,
 Que Venus com prazeres inflammava,
 Melhor he exprimentá-lo que julgá-lo,
 Mas julgue-o quem não pôde exprimentá-lo.

LXXXIII.

Desta arte, em fim, conformes já as formosas
 Nymphas, co' os seus amados navegantes,
 Os ornam de capellas deleitosas,
 De louro, e de ouro, e flores abundantes:
 As mãos alvas lhes davam como esposas:
 Com palavras formaes, e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida, e morte, de honra, e alegria.

LXXXV.

Hũa dellas maior, a quem se humilha
 Todo o Coro das Nymphas, e obedece,
 Que dizem ser de Celo e Vesta filha,
 O que no gesto bello se parece
 Enchendo a terra, e o mar de maravilha,
 O Capitam illustre, que o merece,
 Recebe alli com pompa honesta, e régia,
 Mostrando-se senhora grande, e egrégia.

LXXXVI.

LXXXVI.

Que depois de lhe ter dito quem era,
 Co' hum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a entender, que alli viera
 Por alta influença do immobil fado;
 Para lhe descobrir da unida esphera,
 Da terra immensa, e mar não navegado,
 Os segredos, por alta prophécia,
 O que esta sua Nação fó merecia:

LXXXVII.

Tomando-o pela mão o leva, e guia,
 Para o cume de hum monte alto, e divino,
 No qual húa rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro, e fino.
 A maior parte aqui passam do dia
 Em doces jogos, e em prazer contino:
 Ella nos Paços logra seus amores,
 As outras pelas sombras entre as flores.

LXXXVIII.

Affi a formosa, e a forte companhia,
 O dia quasi todo estaõ passando,
 N'huma alma, doce, incognita alegria,
 Os trabalhos taõ longos compensando.
 Porque dos feitos grandes, da ousadia
 Forte, e famosa, o Mundo está guardando
 O premio lá no fim bem merecido,
 Com fama grande, e nome alto, e subido.

LXXXIX.

LXXXIX.

Que as Nymphas do Oceano tão formosas ,
 Tethys , e a Ilha angelica pintada ,
 Outra cousa não he , que as deleitosas
 Honras , que a vida fazem sublimada.
 Aquellas preeminencias gloriosas ,
 Os triumphos , a fronte coroada
 De palma , e louro ; a gloria , e maravilha ,
 Estes são os deleites desta Ilha.

XC.

Que as immortalidades que fingia
 A antiguidade , que os illustres ama ,
 Lá no estellante Olympo , a quem subia
 Sobre as azas inclytas da fama ;
 Por obras valerosas que fazia ,
 Polo trabalho immenso , que se chama
 Caminho da virtude alto , e fragoso ,
 Mas no fim doce , alegre , e deleitoso :

XCI.

Naõ eram sennão premios , que reparte
 Por feitos immortaes , e soberanos ,
 O Mundo co' os Barões , que esforço , e arte ,
 Divinos os fizeram sendo humanos.
 Que Jupiter , Mercurio , Phebo , e Marte ,
 Enéas , e Quirino , e os dous Thebanos ,
 Ceres , Palas , e Juno , com Diana ,
 Todos foram de fraca carne humana.

XCII.

XCII.

Mas a fama, trombeta de obras taes,
 Lhes deo no Mundo nomes taõ estranhos,
 De deoses, semideoses immortaes,
 Indigetes, Heroicos, e de Magnos.
 Por isso, ó vós que as famas estimaes,
 Se quizerdes no Mundo ser tamanhos,
 Despertai já do somno do ocio ignavo,
 Que o animo de livre faz escravo.

XCIII.

E pondo na cobiça hum freo duro,
 E na ambição tambem, que indignamente
 Tomais mil vezes; e no torpe, e obscuro
 Vicio da tyrannia infame, e urgente:
 Porque effas honras váas, esse ouro puro,
 Verdadeiro valor não dão á gente:
 Melhor he merecê-los sem os ter,
 Que possui-lo sem os merecer.

XCIII.

Ou dai na paz as leis iguaes, cõstantes,
 Que aos grandes não dem o dos pequenos;
 Ou vos vesti nas armas rutilantes,
 Contra a lei dos imigos Sarracenos:
 Fareis os Reinos grandes, e possantes,
 E todos tereis mais, e nenhum menos:
 Possuireis riquezas, merecidas
 Com as honras, que illustram tanto as vidas.

XCV.

E fareis claro o Rei que tanto amais,
 Agora co' os conselhos bem cuidados;
 Agora co' as espadas, que immortais
 Vos farão como os vossos já passados:
 Impossibilidades não façais;
 Que quem quiz sempre póde: e numerados
 Sereis entre os Heroes esclarecidos,
 E nesta Ilha de Venus recebidos.

Fim do Canto nono.



A R G U M E N T O DO CANTO DECIMO.

C Onvite de Tethys aos navegantes :
 canção prophetica da Sirena, em que
 toca as principaes façanhas, e conquistas
 dos Vice-Reis, dos Governadores, e Ca-
 pitaes Portuguezes na India, até D. Joaõ
 de Castro: sóbe Tethys com o Gama a hum
 monte, desde o qual lhe mostra a Esphera
 celeste, e terrestre: descripção do Orbe,
 especialmente da Asia, e Africa: sahem da
 Ilha os navegantes, e seguindo a sua via-
 gem chegaõ felizmente a Lisboa.

Outro argumento.

*A's mesas de vivificos manjares ;
 Com as Nymphas os Lusos valerosos ;
 Ouvem de seus vindouros singulares
 Façanhas, em accents numerosos :
 Mostra-lhes Tethys tudo quanto os mares ,
 E quanto os Ceos rodêam luminosos ,
 A pequeno volume reduzido ,
 Com E torna a frota ao Tejo tão querido.*



L U S I A D A

D O G R A N D E

L U I S D E C A M Õ E S .

C A N T O D E C I M O .

I.



As já o claro amador da Larifféa
 Adultera, inclinava os animaes
 Lá para o grande lago, que rodêa
 Temistitaõ, nos fins Occidentaes :
 O grande ardor do Sol, Favonio enfrêa
 Co' o sopro, que nos tanques naturaes
 Encrespa a agua serena, e despertava
 Os lyrios, e jasmijis, que a calma aggrava.

II.

II.

Quando as formosas Nymphas, co' os amantes,
 Pela mão já conformes, e contentes,
 Subiam para os Paços radiantes,
 E de metaes ornados reluzentes;
 Mandados da Rainha, que abundantes
 Mesas de altos manjares, excellentes,
 Lhes tinha aparelhadas, que a fraqueza
 Restaurem da cansada natureza.

III.

Alli em cadeiras ricas, crystallinas,
 Se assentam dous, e dous; amante, e dama:
 N'outras, á cabeceira, de ouro finas,
 Está co' abella deosa o claro Gama.
 De iguarias suaves, e divinas,
 A quem não chega a Egypcia antiga fama,
 Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
 Trazidos lá do Atlantico thesouro.

III.

Os vinhos odoríferos, que acima
 Estaõ não só do Italico Falerno,
 Mas da Ambrosia, que Jove tanto estima,
 Com todo o ajuntamento sempiterno;
 Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
 Crespas escumas erguem, que no interno
 Coração movem subita alegria,
 Saltando co' a mistura da agua fria.

V.

Mil práticas alegres se tocavam ,
 Risos doces , subtís , e argutos ditos ,
 Que entre hũ , e outro manjar se alevantavam ,
 Despertando os alegres appetitos.
 Musicos instrumentos não faltavam ,
 Quaes no profundo Reino os nús espiritos
 Fizeram descansar da eterna pena ,
 Com a voz de hũa angelica Sirena.

VI.

Cantava a bella Musa , e co' os accentos ,
 Que pelos altos Paços vão soando ,
 Em consonancia igual , os instrumentos
 Suaves vem a hum tempo conformando.
 Hum subito silencio enfrêa os ventos ,
 E faz ir docemente murmurando
 As agúas ; e nas cascas naturaes
 Adormecer os brutos animaes.

VII.

Com doce voz está subindo ao Ceo
 Altos Barões , que estão por vir ao Mundo ,
 Cujas claras idéas vio Protheo
 N'hum globo vão , diafano , rotundo ;
 Que Jupiter em dom lho concedeo
 Em sonhos , e depois no Reino fundo
 Vaticinando o disse , e na memoria
 Recolheo logo a Nympha a clara historia.

VIII.

Materia he de Cothurno , e não de Soco ;
 Aque a Nympba aprendeo no immenso lago ,
 Qual Iopas não soube , ou Demodoco ,
 Entre os Pheaccs hũ , outro em Carthago.
 Aqui minha Calliope te invoco
 Neste trabalho extremo , porque em pago
 Me tornes , do q̃ escrevo , e em vão pertendo ,
 O gosto de escrever , que vou perdendo.

IX.

Vão os annos descendo , e já do Estio
 Ha pouco que passar até o Outono :
 A fortuna me faz o engenho frio ,
 Do qual já me não jacto , nem me abono :
 Os desgostos me vão levando ao rio
 Do negro esquecimento , e eterno sono :
 Mas tu me dá que cumpra , ó grão Rainha
 Das Musas , co' o que quero á Nação minha.

X.

Cantava a bella deosa , que viriam
 Do Tejo , pelo mar que o Gama abríra ,
 Armadas que as ribeiras venceriam
 Por onde o Oceano Indico suspira :
 E que os Gentios Reis , que não dariam
 A cerviz sua ao jugo ; o ferro , e ira
 Provariam do braço duro , e forte ,
 Até render-se a elle , ou logo á morte.

XI.

XI.

Cantava de hum , que tem os Malabares
 Do summo Sacerdocio a dignidade ,
 Que só por não quebrar co' os singulares
 Barões os nós que dera de amizade ;
 Soffrerá suas Cidades , e lugares ,
 Com ferro , incendios , ira , e crueldade ,
 Ver destruir do Samori potente :
 Que taes odios terá co' a nova gente.

XII.

E canta como lá se embarcaria
 Em Belém o remedio deste dano ,
 Sem saber o que em si ao mar traria ,
 O grão Pacheco , Achilles Lusitano :
 O pezo sentirão , quando entraria
 O curvo lenho , e o férvido Oceano ,
 Quando mais na agua os troncos , q' gemerem ,
 Contra sua natureza se meterem.

XIII.

Mas já chegado aos fins Orientaes ,
 E deixado em ajuda do Gentio
 Rei de Cochim , com poucos naturaes ,
 Nos braços do salgado , e curvo rio ;
 Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cambalaõ , tornando frio
 De espanto o ardor immenso do Oriente ,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.

XIII.

Chamará o Samori mais gente nova;
 Viraõ Reis de Bipur, e de Tanor,
 Das ferras de Narfinga, que alta prova
 Estaraõ promettendo a seu senhor.
 Fará que todo o Naire, em fim, se mova,
 Que entre Calecut jaz, e Cananor,
 De ambas as leis imigas, para a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pela terra.

XV.

E todos outra vez desbaratando,
 Por terra, e mar, o grão Pacheco ousado,
 A grande multidaõ, que irá matando,
 A todo o Malabar terá admirado.
 Cometterá outra vez, não dilatando
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus; fazendo votos
 Em vão aos deoses vãos, furdos, e immotos.

XVI.

Já não defenderá fõmente os passos;
 Mas queimar-lhe-ha lugares, templos, casas;
 Acceso de ira o Cam, não vendo lassos
 Aquelles que as Cidades fazem rasas;
 Fará que os seus, de vida pouco escasos,
 Comettam o Pacheco, que tem asas,
 Por dous passos n'hum tempo; mas voando
 De hum n'outro, tudo irá desbaratando.

XVII.

XVII.

Virá alli o Samori , porque em pessoa
 Veja a batalha , e os seus esforce , e anime ;
 Mas hum tiro , que com zonido voa ,
 De fangue o tingirá no andor sublime.
 Já não verá remedio , ou manha boa ,
 Nem força , que o Pacheco muito estime :
 Inventará traições , e vãos venenos ,
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.

XVIII.

Que tornará a vez septima , cantava ,
 A pelejar co' o invicto , e forte Lufo ,
 A quem nenhum trabalho peza , e aggrava ,
 Mas com tudo este só o fará confuso.
 Trará para a batalha horrenda , e brava ,
 Máquinas de madeiros fóra de uso ,
 Para lhe abalroar as caravelas ;
 Que até alli vão lhe fora comettê-las.

XIX.

Pela agua levará ferras de fogo
 Para abraçar lhe quanta armada tenha :
 Mas a militar arte , e engenho , logo
 Fará ser vâa a braveza com que venha.
 Nenhum claro Barão no Marcio jogo ,
 Que nas azas da fama se sostenha ,
 Chega a este , que a palma a todos toma ,
 E perdoe-me a illustre Grecia , ou Roma.

XX.

Porque tantas batalhas sustentadas
 Com muito pouco máis de cem soldados,
 Com tantas manhas, e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados;
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes Coros invocados
 Descerão ajudá-lo, e lhe darão
 Esforço, força, ardil, e coração.

XXI.

Aquelle que nos campos Marathonios
 O grão poder de Dario estrue, e rende;
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermopylas defende:
 Nem o mancebo Cocles dos Aufonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defença da ponte, ou Quinto Fabio,
 Foi como este na guerra forte, e fabio.

XXII.

Mas neste passo a Nympha o som canoro
 Abaixando, fez ronco, e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 O' Belizario (disse) que no Coro
 Das Musas ferás sempre engrandecido;
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tées com quem podes consolar-te.

XXIII.

XXIII.

Aqui tões companheiro , assi nos feitos ,
 Como no galardão injusto , e duro :
 Em ti e nelle veremos altos peitos ,
 A baixo estado vir , humilde , e escuro :
 Morrer nos hospitaes , em pobres leitos ,
 Os que ao Rei , e á Lei servem de muro.
 Isto fazem os Reis , cuja vontade
 Manda mais que a justiça , e que a verdade.

XXIII.

Isto fazem os Reis , quando embebidos
 N'huma apparencia branda que os contenta ,
 Daõ os premios de Aiace merecidos ,
 A' lingua vãa de Ulysses fraudulenta.
 Mas vingó-me , que os bées mal repartidos
 Por quem ló doces fômbros apresenta ,
 Se não os daõ a fabios Cavalleiros ,
 Daõ-os logo a avarentos lisongeiros.

XXV.

Mas tu , de quem ficou taõ mal pagado
 Hum tal vassallo , ó Rei só nisto inico ,
 Senão es para dar-lhe honroso estado ,
 He elle para dar-te hum Reino rico.
 Em quanto for o Mundo rodeado
 Dos Apollineos raios , eu te fico ,
 Que elle seja entre a gente illustre , e claro ,
 E tu nisto culpado por avaro.

XXVI.

XXVI.

Mas eis outro, cantava, intitulado
 Vem com nome Real, e traz comfigo
 O filho, que no mar será illustrado,
 Tanto como qualquer Romano antigo.
 Ambos daraõ com braço forte, armado,
 A Quiloa fertil aspero castigo,
 Fazendo nella Rei leal, e humano,
 Deitado fóra o perfido Tyrano.

XXVII.

Tambem faraõ Mombaça, que se arrêa
 De casas sumptuosas, e edificios,
 Co' o ferro e fogo seu, queimada, e fêa,
 Em pago dos passados maleficios.
 Depois na costa da India, andando chêa
 De lenhos inimigos, e artificios,
 Contra os Lusos, com vélas, e tom remos,
 O mancebo Lourenço fará extremos,

XXVIII.

Das grandes naos do Samori potente,
 Que encheráõ todo o mar, co' a ferrea pella,
 Que sahe como trovaõ do cobre ardente,
 Fará pedaços leme, mastro, e vella.
 Depois lançando arpéos ousadamente
 Na Capitaina imiga; dentro nella
 Saltando, a fará só com lança, e espada,
 De quatrocentos Mouros despejada.

XXIX.

XXIX.

Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só fabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em fangue, e resistencia,
O mar todo com fogo, e ferro ferve,
Lhe faraõ que com vida senaõ faia
As armadas de Egypto, e de Cambaia.

XXX.

Alli o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos que faltáram, e os perigos
Do mar, que sobejáram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva veraõ, que espedaçado
Naõ fabe fer rendido, nem domado.

XXXI.

Com huma coxa fora, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro que passára,
Se ferve inda dos animosos braços,
E do grão coração que lhe ficára:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co' a alma o corpo se liára:
Ella solta voou da prisaõ fóra,
Onde subito se acha vencedora.

XXXII.

XXXII.

Vai-te alma em paz da guerra turbulenta ,
 Na qual tu mereceste paz serena ;
 Que ao corpo , que em pedaços se apresenta ,
 Quem o gerou vingança já lhe ordena.
 Que eu ouço retumbar a grão tormenta ,
 Que vem já dar a dura , e eterna pena ,
 De esperas , basiliscos , e trabucos ,
 A Cambaicos cruéis , e a Mamelucos.

XXXIII.

Eis vem o pai com animo estupendo ,
 Trazendo furia , e mágoa por antolhos ,
 Com que o paterno amor lhe está movendo
 Fogo no coração , agua nos olhos.
 A nobre ira lhe vinha promettendo ,
 Que o fangue fará dar pelos gíolhos
 Nas inimigas naos : senti-lo-ha o Nilo ,
 Podê-lo-ha o Indo ver , e o Gange ouvi-lo.

XXXIII.

Qual o touro ciofo , que se ensaia
 Para crua peleja , os cornos tenta
 No tronco de hum carvalho , ou alta faia ,
 E o ar ferindo , as forças exprimenta :
 Tal , antes que no seio de Cambaia
 Entre Francisco irado , na opulenta
 Cidade de Dabul a espada ássia ,
 Abaixando-lhe a tumida ousadia.

XXXV.

XXXV.

E logo entrando fero na enseada
 De Dio, illustre em cercos, e batalhas,
 Fará espalhar a fraca, e grande armada
 De Calecut, que remos tem por malhas.
 A de Melique Yaz, acautelada
 Co' os pelouros que tu Vulcano espalhas,
 Fará ir ver o frio, e fundo assento,
 Secreto leito do humido elemento.

XXXVI.

Mas a de Mir Hocem, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verá braços, e pernas ir nadando,
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores.
 Raios de fogo iraõ representando
 No cego ardor os bravos domadores.
 Quanto alli sentiráõ olhos, e ouvidos,
 He fumo, ferro, flammaz, e alaridos.

XXXVII.

Mas ah, que desta próspera victoria,
 Com que despois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Hum successo que triste, e negro vejo!
 O Cabo Tormentorio, que a memoria
 Co' os ossos guardará, não terá pejo
 De tirar deste Mundo aquelle espirito,
 Que não tiráram toda a India, e Egito.

XXXVIII.

XXXVIII.

Alli Cafres selvagêes poderão
 O que destros inimigos não puderam ;
 E rudos paos tostados fós faraõ
 O que arcos , e pelouros não fizeram.
 Occultos os juizos de Deos faõ
 A's gentes váas , que não os entendêram :
 Chamam-lhe fado mau , fortuna escura ,
 Sendo só providencia de Deos pura.

XXXIX.

Mas oh que luz tamanha , que abrir sinto ,
 Dizia a Nympha , e a voz alevantava ,
 Lá no mar de Melinde em fangue tinto
 Das Cidades de Lamo , de Oja , e Brava ,
 Pelo Cunha tambem , que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar que lava
 As Ilhas do Austro , e praias , que se chamam
 De São Lourenço , e em todo o Sul se affamam !

XL.

Esta luz he do fogo , e das luzentes
 Armas , com q̃ o Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Parscos , por seu mal valentes ,
 Que refusam o jugo honroso , e brando.
 Alli veraõ as séttas estridentes
 Reciprocarse , a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou , que Deos peleja
 Por quem estende a Fé da Madre Igreja.

XLI.

XLI.

Alli de fal os montes não defendem
 De corrupção os corpos no combate,
 Que mortos pela praia, e mar se estendem
 De Gerum, de Mascate, e Calaiate:
 Até que á força fó de braço aprendem
 A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
 Obrigação de dar o Reino inico
 Das perlas de Barem tributo rico.

XLII.

Que gloriosas palmas tecer vejo,
 Com que victoria a fronte lhe corôa,
 Quando sem sombra váa de medo, ou pejo,
 Toma a Ilha illustrissima de Goa!
 Depois, obedecendo ao duro ensejo,
 A deixa, e occasião espera boa,
 Com que a torne a tomar; que esforço, e arte,
 Vencerão a fortuna, e o proprio Marte.

XLIII.

Eis já sobre ella torna, e vai rompendo
 Por muros, fogo, lanças, e pelouros,
 Abrindo com a espada o espesso, e horrendo
 Esquadraõ de Gentios, e de Mouros.
 Iraõ soldados inclytos fazendo
 Mais que leões famelicos, e touros,
 Na luz que sempre celebrada, e dina
 Será da Egyptia Sancta Catharina.

XLIII.

XLIH.

Nem tu menos fugir poderás deste,
 Postoque rica, e postoque affentada,
 Lá no gremio da Aurora onde nasceste,
 Opulenta Malaca nomeada.
 As séttas venenosas que fizeste,
 Os Crises com que já te vejo armada,
 Malaios namorados, Jaos valentes,
 Todos farás ao Luso obedientes.

XLV.

Mais estanças cantára esta Sirena
 Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
 Mas lembrou-lhe húa ira que o condena,
 Postoque a fama sua o Mundo cerque.
 O grande Capitam, que o fado ordena,
 Que com trabalhos gloria eterna merque,
 Mais ha de ser hum brando companheiro
 Para os seus, que juiz cruel, e inteiro.

XLVI.

Mas em tempo que fomes, e asperezas,
 Doenças, fréchas, e trovões ardentes,
 A fazaõ, e o lugar fazem cruezas
 Nos soldados a tudo obedientes;
 Parece de selvaticas brutezas,
 De peitos inhumanos, e insolentes,
 Dar extremo supplicio pela culpa
 Que a fraca humanidade, e amor desculpa.

XLVII.

XLVII.

Não ferá a culpa abominoso incesto ,
 Nem violento estupro em virgem pura ;
 Nem menos adulterio deshonesto ,
 Mas co' hũa escrava vil , lasciva , escura.
 Se o peito , ou de cioso , ou de modesto ,
 Ou de usado a crueza féra , e dura ,
 Co' os seus hũa ira infana não refrêa ,
 Põe na fama alva , noda negra , e fea.

XLVIII.

Vio Alexandre a Apelles namorado
 Da sua Campaspe , e deo-lha alegremente ,
 Não sendo seu soldado experimentado ,
 Nem vendo-se em hum cerco duro , e urgente.
 Sentio Cyro que andava já abrazado
 Araspas de Panthea em fogo ardente ,
 Que elle tomára em guarda , e promettia
 Que nenhum maõ desejo o venceria.

XLIX.

Mas vendo o illustre Perfa , que vencido
 Fora de amor , que , em fim , não tem defença ,
 Levemente o perdôa , e foi servido
 Delle em hum caso grande em recompensa.
 Por força , de Judita foi marido
 O ferreo Balduino ; mas dispensa
 Carlos pai della , posto em cousas grandes ,
 Que viva , e povoador seja de Frandes.

L.

Mas profeguindo a Nympha o longo canto,
 De Soares cantava, que as bandeiras
 Faria tremolar, e pôr espanto
 Pelas roxas Arabicas ribeiras.
 Medina abominabil teme tanto,
 Quanto Meca, e Gidá, co' as derradairas
 Praias de Abassia: Barborá se teme
 Do mal de que o Emporio Zeila geme.

LI.

A nobre Ilha tambem da Taprobana;
 Já pelo nome antiguo tão famosa,
 Quanto agora soberba, e soberana,
 Pela cortiça calida, cheirosa;
 Della dará tributo á Lusitana
 Bandeira, quando excelsa, e gloriosa,
 Vencendo se erguerá na torre erguida,
 Em Columbo, dos proprios tão temida.

LII.

Tambem Siqueira, as ondas Erythreas
 Dividindo, abrirá novo caminho,
 Para ti grande Imperio, que te arrêas
 De seres de Candace e Sabá ninho.
 Maçuá, com cisternas de agua chêas,
 Verá, e o porto Arquico alli visinho,
 E fará descobrir remotas Ilhas,
 Que dão ao Mundo novas maravilhas.

LIII.

LIII.

Virá despois Menezes , cujo ferro
 Mais na Africa , que cá terá provado :
 Castigará de Ormuz soberba o erro
 Com lhe fazer tributo dar dobrado.
 Tambem , tu Gama , em pago do desterro
 Em que estás , e serás inda tornado ,
 Co' os titulos de Conde , e honras nobres ,
 Virás mandar a terra que descobres.

LIIII.

Mas aquella fatal necessidade ,
 De que ninguem se exime dos humanos ,
 Illustrado co' a Régia dignidade ,
 Te tirará do Mundo , e seus enganos.
 Outro Menezes logo , cuja idade
 He maior na prudencia que nos anos ,
 Governará : e fará o ditoso Henrique ,
 Que perpétua memoria delle fique.

LV.

Naõ vencerá sòmente os Malabares ,
 Destruindo Pananc , com Coulete ,
 Comettendo as bombardas , que nos arcos
 Se vingam só do peito que as comete ;
 Mas com virtudes , certo singulares ,
 Vence os inimigos da alma todos sete :
 De cobiça triumpho , e incontinnencia ;
 Que em tal idade he summa de excellencia.

LVI.

Mas despois que as estrellas o chamarem,
 Succederás, ó forte Mascarenhas;
 E se injustos o mando te tomarem,
 Prometto-te que fama eterna tenhas.
 Para teus inimigos confessarem
 Teu valor alto, o fado quer que venhas
 A mandar, mais de palmas coroado,
 Que de fortuna justa acompanhado.

LVII.

No Reino de Bintaõ, que tantos danos
 Terá a Malaca muito tempo feitos,
 N'hum só dia as injúrias de mil anos
 Vingará co' o valor de illustres peitos.
 Trabalhos, e perigos inhumanos,
 Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
 Tranqueiras, baluartes, lanças, sétas,
 Tudo fico que rompas, e submetas.

LVIII.

Mas na India cobiça, e ambição,
 Que claramente põe aberto o rosto
 Contra Deos, e justiça, te farão,
 Vituperio nenhum, mas só desgosto.
 Quem faz injúria vil, e sem razão,
 Com forças, e poder, em que está posto,
 Não vence; que a victoria verdadeira,
 He saber ter justiça nua, e inteira.

LIX.

Mas com tudo, não nego que Sampaio
 Será no esforço illustre, e assignalado,
 Mostrando-se no mar hum fero raio,
 Que de inimigos mil verá coalhado.
 Em Bacanor fará cruel ensaio.
 No Malabar, para que amedrontado
 Depois a ser vencido delle venha
 Cutiale, com quanta armada tenha.

LX.

E não menos de Dio a féra frota,
 Que Chaul temerá de grande, e ousada,
 Fará, co' a vista só, perdida, e rota,
 Por Heitor da Sylveira, e destrocada:
 Por Heitor, Portuguez, de quem se nota,
 Que na costa Cambaica sempre armada,
 Será aos Guzarates tanto dano,
 Quanto já foi aos Gregos o Troiano.

LXI.

A Sampaio feroz succederá
 Cunha, que longo tempo tem o leme;
 De Chalé as torres altas erguerá,
 Em quanto Dio illustre delle treme.
 O forte Baçaim se lhe dará,
 Não sem sangue, porém, que nelle geme
 Melique, porque á força só de espada
 A tranqueira soberba vê tomada.

LXII.

Traz este vem Noronha, cujo auspicio
 De Dio os Rumes feros affugenta;
 Dio, que o peito, e bellico exercicio
 De Antonio da Sylveira bem sustenta.
 Fará em Noronha a morte o usado officio,
 Quando bú teu ramo, ó Gama, se exprimenta
 No governo do Impetio; cujo zelo
 Com medo o Roxo mar fará amarelo.

LXIII.

Das mãos do teu Estevão vem tomar
 As rédeas hum, que já será illustrado
 No Brasil, com vencer, e castigar
 O pirata Francez, ao mar usado.
 Depois Capitam mór do Indico mar,
 O muro de Damaão soberbo, e armado,
 Escala, e primeiro entra a porta aberta,
 Que fogo, e fréchas mil teraõ cuberta.

LXIII.

A este o Rei Cambaico soberbissimo
 Fortaleza dará na rica Dio,
 Porque contra o Mogor poderofissimo
 Lhe ajude a defender o senhorio.
 Depois irá com peito esforçadissimo
 A tolher que não passe o Rei Gentio
 De Calecut, que a si com quantos veio
 O fará retirar de sangue cheio.

LXV.

Destruirá a Cidade Répelim,
 Pondo o seu Rei com muitos em fugida,
 E despois junto ao Cabo Comorim
 Hũa façanha faz esclarecida.
 A frota principal do Samorim,
 Que destruir o Mundo não duvida,
 Vencerá co' o furor do ferro, e fogo:
 Em si verá Beadala o Marcio jogo.

LXVI.

Tendo assi limpa a India dos inimigos,
 Virá despois com sceptro a governá-la,
 Sem que ache resistencia, nem perigos,
 Que todos tremem delle, e nenhum fala.
 Só quiz provar os asperos castigos
 Batalá, que víra já Beadala:
 De fangue, e corpos mortos ficou chêa,
 E de fogo, e trovões desfeita, e fea.

LXVII.

Este será Martinho, que de Marte
 O nome tem co' as obras derivado;
 Tanto em armas illustre em toda parte,
 Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.
 Succeder-lhe-ha alli Castro, que o estendarte
 Portuguez terá sempre levantado;
 Conforme successor ao succedido,
 Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.

LXXI

LXVIII.

LXVIII.

Persas ferozes , Abassis , e Rumes ,
 Que trazido de Roma o nome tem ,
 Varios de gestos , varios de costumes ,
 Que mil nações ao cerco feras vem ;
 Faraõ dos Ceos ao Mundo váos queixumes ,
 Porque hũus poucos a terra lhe detém .
 Em sangue Portuguez juram descritos
 De banhar os bigodes retorcidos .

LXIX.

Basiliscos medonhos , e leões ,
 Trabucos feros , minas encobertas ,
 Sustenta Mascarenhas co' os Barões ,
 Que taõ ledos as mortes tem por certas :
 Até que nas maiores oppressões
 Castro libertador , fazendo ofertas
 Das vidas de seus filhos , quer que fiquem
 Com fama eterna , e a Deos se sacrificem .

LXX.

Fernando hum delles , ramo da alta pranta ,
 Onde o violento fogo com ruido ,
 Em pedaços os muros no ar levanta ,
 Será alli arrebatado , e ao Ceo subido .
 Alvaro quando o Inverno o Mundo espanta ,
 E tem o caminho humido impedido ,
 Abrindo-o , vence as ondas , e os perigos ,
 Os ventos , e depois os inimigos .

LXXI.

LXXI.

Eis vem despois o pai, que as ondas cotta
 Co' o restante da gente Lusitana;
 E com força, e saber, que mais importa,
 Baralha dá felice, e soberana.
 Húus paredes subindo escusam porta,
 Outros a abrem na féra esquadra infana.
 Feitos faraõ taõ dignos de memoria,
 Que não caibam em verso, ou larga historia.

LXXII.

Este despois em campo se a presenta
 Vencedor forte, e intrépido ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da féra multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydalcaõ do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa:
 Nem lhe escapou Pondá no fertoã posta.

LXXIII.

Estes, e outros Barões, por várias partes,
 Dignos todos de fama, e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Viraõ lograr os gostos desta Ilha;
 Varrendo triumphantes estandartes,
 Pelas ondas que corta a aguda quilha;
 E acharão estas Nymphas, e estas mesas,
 Que glorias, e honras saõ de arduas empresas.

LXXIII.

Affi cantava a Nympha, e as outras todas
 Com sonoroſo applauſo vozes davam,
 Com que feſtejam as alegres vodas,
 Que com tanto prazer ſe celebravam.
 Por mais que da fortuna andem as rodas,
 (N'huma cónſona voz todas ſoavam)
 Não vos haõ de faltar, gente famoſa,
 Honra, valor, e fama glorioſa.

LXXV.

Deſpois que a corporal neceſſidade
 Se ſatisfez do mantimento nobre,
 E na harmonia, e doce ſuavidade,
 Víram os altos feitos, que deſcobre;
 Tethys, de graça ornada, e gravidade,
 Para que com mais alta gloria dobre
 As feſtas deſte alegre, e claro dia,
 Para o felice Gama affi dizia:

LXXVI.

Faz-te mercê, Baraõ, a Sapiencia
 Suprema, de co' os olhos corporais
 Veres o que não pôde a vãa ſciencia
 Dos errados, e miſeros mortais,
 Sigue-me firme, e forte, com prudencia
 Por eſte monte eſpeſſo, tu co' os mais.
 Affi lhe diz: e o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.

LXXVII.

LXXVII.

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acháram, onde hum campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubijs, taes que presumie
 A vista, que divino chão pizava.
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetrava,
 De modo que o seu centro está evidente,
 Como a sua superficie, claramente.

LXXVIII.

Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga-se bem que está composto
 De varios orbes, que a divina Verga
 Compos, e hum centro a todos fô teno posto.
 Volvendo, ora se abaixe, ora se erga,
 Nunca se ergue, ou se abaixa; e hū mesmo rosto
 Por toda parte tem, e em toda parte
 Começa, e acaba, em fim, por divina arte.

LXXIX.

Uniforme, perfeito, em si fostido,
 Qual, em fim, o Archetypo, que o creou.
 Vendo o Gama este globo, commovido
 De espanto, e de desejo alli ficou.
 Diz-lhe a deosa: O tranfumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do Mundo aos olhos teus, para que vejas
 Por onde vás, e irás, e o que desejas.

LXXX.

Vês aqui a grande máchina do Mundo,
 Ethérea, e elemental, que fabricada
 Affi foi do saber alto, e profundo,
 Que he sem principio, e méta limitada,
 Quem cerca em de, redon este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada,
 He Deos: mas o q he Deos ninguém o entéde,
 Que a tanto o engenho humano não se estende.

LXXXI.

Este orbe que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil também;
 Empyreo se nomêa, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem,
 Tamanho, que elle só se entende, e alcança,
 De quem não ha no Mundo semelhança.

LXXXII.

Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão o porque eu, Saturno, e Jano,
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal, e cego engano.
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos; e se mais o trato humano
 Nos pôde dar, he só que o nome nosso
 Nestas estrellas poz o engenho vosso.

LXXXIII.

LXXXIII.

E tambem porque a santa Providencia,
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o Mundo todo, que sustenta.
 Ensina-o a prophetica sciencia,
 Em muitos dos exemplos, que apresenta:
 Os que são bõos, guiando favorecem,
 Os maos, em quanto pôdem, nos empecem.

LXXXIII.

Quer logo aqui a pintura que varia,
 Agora deleitando, ora ensinando,
 Dar-lhes nomes que a antigua Poesia
 A seus deoses já dera fabulando:
 Que os Anjos da celeste companhia
 Deoses o sacro verso está chamando;
 Nem nega que esse nome preeminente
 Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

LXXXV.

Em fim, que o summo Deos, q̄ por segundas
 Causas obra no Mundo, tudo manda;
 E tornando a contar-te das profundas
 Obras da Mão divina veneranda;
 Debaixo deste círculo, onde as mundas
 Almas divinas gozam, que não anda,
 Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
 Que não se enxerga: he o Mobile primeiro.

LXXXVI.

LXXXVII

Com este raptó, e grande movimento,
 Vaõ todos os que dentro tem no seio:
 Por obra deste, o Sol andando attento,
 O dia, e noute faz com curso alheio.
 Debaixo deste leve anda outro lento,
 Taõ lento, e fobjugado a duro freio,
 Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
 Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.

LXXXVIII

Olha est'outro debaixo, que esmaltado
 De corpos lisos anda, e radiantes,
 Que tambem nelle tem curso ordenado,
 E nos seus axes correm scintillantes.
 Bem vês como se veste, e faz ornado
 Co' o largo cinto de ouro, que estrellantes
 Animaes doze traz affigurados,
 Aposentos de Phebo limitados.

LXXXVIII.

Olha por outras partes a pintura
 Que as estrellas fulgentes vaõ fazendo:
 Olha a Carreta, attenta a Cynofura,
 Andromeda, e seu Pai, e o Drago horrendo,
 Vê de Cassiopéa a formosura,
 E de Oriente o gesto turbulento:
 Olha o Cysne morrendo, que suspira;
 A Lebre, os Cães, a Nao, e a doce Lira.

LXXXIX.

LXXXIX.

Debaixo deste grande Firmamento
 Vês o Ceo de Saturno, deos antigo;
 Jupiter logo faz o movimento,
 E Marte abaixo, bellico inimigo;
 O claro Olho do Ceo no quarto assento,
 E Venus, que os amores traz consigo;
 Mercurio de eloquencia soberana;
 Com tres rostos debaixo vai Diana.

LXC.

Em todos estes orbes diferente
 Curso verás; n'huus grave, e n'outros leve:
 Ora fogem do centro longamente,
 Ora da terra estaõ caminho breve;
 Bem como quiz o Padre Omnipotente,
 Que o fogo fez, e o ar, o vento, e neve;
 Os quaes verás que jazem mais adentro,
 E tem co' o mar a terra por seu centro.

LXCI.

Neste centro, poufada dos humanos,
 Que não somente, oufados, se contentam
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instabil experimentam;
 Verás as várias partes, que os infanos
 Mares dividem, e onde se aposentam
 Várias nações, que mandam varios Reis,
 Varios costumes seus, e várias leis.

XCII.

Vês Europa Christãa, mais alta, e clara,
 Que as outras em policia, e fortaleza:
 Vês Africa, dos bês do Mundo avara,
 Inculta, e toda chã de bruteza,
 Co' o Cabo, que atéqui se vos negara,
 Que assentou para o Austro a nauiteza;
 Olha essa terra toda, que se habita
 Desta gente sem lei, quasi infinita.

XCIII.

Vê do Benomotapa o grande Imperio,
 De selvática gente, negra, e nuia;
 Onde Gonçalo morte, e vituperio,
 Padecerá pela Fé sancta sua.
 Nasce por este incognito Hemispherio
 O metal porque mais a gente sua:
 Vê que do lago, donde se deprema
 O Nilo, também vindo está Cuama.

XCIII.

Olha as casas dos negros, como estão
 Sem portas, confiados em seus ninhos,
 Na justiça Real, e defensão,
 E na fidelidade dos vizinhos.
 Olha delles a bruta multidão,
 Qual bando espesso, e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaia com destreza.

XCIX

Olha lá as alagôas, onde o Nilo o extremo o
 Nasce, que não fouberam os antigos
 Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos
 Vê Méroe, que Ilha foi de antigua fama,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

XCVL

Nesta remota terra hum filho teu,
 Nas armas contra os Turcos será claro:
 Ha de ser Dom Christovaó, o nome seu,
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Vê cá a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gazalhofo, e charo:
 O rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Obi, entra em Quilmance.

XCVII.

O Cabo vê já Aromata chamado,
 E agora Guardafú dos moradores,
 Onde começa a boca do affamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as cotes.
 Este, como limite está lançado,
 Que divide Asia de Africa, e as melhores
 Povoações, que parte Africa tem:
 Maçua são, Arquico, e Suanquem.

XCVIII.

Vês o extremo Suéz, que antiguamente
 Dizem que foi dos Heroas da Cidade
 Outros dizem, que Arfinoe, e ao presente
 Tem das frotas do Egypto a potestade.
 Olha as aguas, nas quaes abrio patente
 Estrada o grão Moyfês na antiga idade.
 Asia começa aqui, que se apresenta,
 Em terras grande, e em Reinos opulenta.

XCIX.

Olha o monte Sinai, que se ennobrece
 Co' o sepulcro de Sancta Catharina:
 Olha Toro, e Gida, que lhe fallece
 Agua das fontes doce, e crySTALLINA.
 Olha as portas do Estreito, que fenece
 No Reino da secca Adem, que confina
 Com a Serra de Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos Ceos se não deriva.

C.

Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga, e baça,
 Donde vem os cavallos para a guerra
 Ligeiros, e ferozes, de alta raça.
 Olha a costa que corre até que cerra
 Outro Estreito de Persia, e faz a traça
 O Cabo, que co' o nome se appellida
 Da Cidade Fattaque alli sabida.

CI.

Olha Dofar insigne porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras :
 Mas attenta já cá de est'outra banda
 De Rozalgate , e praias sempre avaras :
 Começa o Reino Ormuz , que todo se anda
 Pelas ribeiras , que inda feraõ claras
 Quando as galés do Turco , e féra armada ,
 Virem de Castel-Branco nua a espada.

CII.

Olha o Cabo Afaboro , que chamado
 Agora he Moçandaõ dos navegantes :
 Por aqui entra o lago , que he fechado
 De Arabia , e Persia , terras abundantes.
 Attenta a Ilha Barem , que o fundo ornado
 Tem das suas perlas ricas , e imitantes
 A' côr da Aurora , e vê na agua falgada
 Ter o Tygris , e Euphrates huma entrada.

CIII.

Olha da grande Persia o Imperio nobre ,
 Sempre posto no campo , e nos cavallos ,
 Que se injuria de usar fundido cobre ,
 E de não ter das armas sempre os callos.
 Mas vê a Ilha Gerum , como descobre
 O que fazem do tempo os intervallos ,
 Que da Cidade Armuza , que alli esteve ,
 Ella o nome despois , e a gloria teve.

CIIII.

Aqui de Dom Philippe de Menezes
 Se mostrará a virtude em armas clara,
 Quando com muito poucos Portuguezes
 Os muitos Párseos vencerá de Lara:
 Virão provar os golpes, e revezes,
 De Dom Pedro de Sousa, que provára
 Já seu braço em Ampaza, que deixada
 Terá por terra á força só de espada.

CV.

Mas deixemos o Estreito, e o conhecido
 Cabo de Jasque, dito já Carpella,
 Com todo o seu terreno mal querido
 Da Natureza, e dões, usados della:
 Carmania teve já por appellido;
 Mas vês o famoso Indo, que de aquella
 Altura nasce, junto á qual tambem
 De outra altura correndo o Gange vem.

CVI.

Olha a terra de Uleinde fertilissima,
 E de Jaquete a íntima enseada;
 Do mar a enchente subita, grandissima,
 E a vasante que foge apresurada.
 A terra de Cambaia vê riquissima,
 Onde do mar o seio faz a entrada;
 Cidades outras mil, que vou passando,
 A vós outros aqui se estão guardando.

CVII.

Vês corre a costa célebre Indiana
 Para o Sul, até o Cabo Comori,
 Já chamado Cori, que Taprobana
 (Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
 Por este mar a gente Lusitana,
 Que com armas virá depois de ti,
 Terá victorias, terras, e Cidades,
 Nas quaes haõ de viver muitas idades.

CVIII.

As Provincias, que entre hũ, e o outro rio
 Vês com varias nações, saõ infinitas:
 Hum Reino Mahometa, outro Gentio,
 A quem tem o demonio leis escritas.
 Olha que de Narsinga o senhorio
 Tem as reliquias santas, e bemditas,
 Do corpo de Thomé, Baraõ sagrado,
 Que a Jesu Christo teve a mão no lado.

CIX.

Aqui a Cidade foi, que se chamava
 Mellapor, formosa, grande, e rica:
 Os idolos antigos adorava,
 Como inda agora faz a gente inica:
 Longe do mar naquelle tempo estava,
 Quando a Fé que no Mundo se publica,
 Thomé vinha pregando, e já passara
 Provincias mil do Mundo, que enimara.

CX.

Chegado aqui prégando, e junto dando
 A doentes faude, a mortos vida,
 Acafo traz hum dia o mar, vagando,
 Hum lenho de grandeza desmedida:
 Deseja o Rei, que andava edificando,
 Fazer delle madeira, e não duvida
 Poder tirá-lo á terra com possantes
 Forças d'homêes, de engenhos, de elephantes.

CXI.

Era tão grande o pezo do madeiro,
 Que só para abalar-se, nada basta:
 Mas o Nuncio de Christo verdadeiro,
 Menos trabalho em tal negocio gasta.
 Ata o cordão, que traz, por derradeiro
 No tronco, e facilmente o leva, e arrasta,
 Para onde faça hum sumptuoso Templo,
 Que ficasse aos futuros por exemplo.

CXII.

Sabia bem que se com fé formada
 Mandar a hum monte surdo, que se mova,
 Que obedecerá logo á vos sagrada,
 Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:
 A gente ficou disto alvoroçada,
 Os Brachmanes o tem por cousa nova:
 Vendo os milagres, vendo a sanctidade,
 Haõ medo de perder a authoridade.

CXIII.

São estes Sacerdotes dos Gentios ,
 Em quem mais penetrado tinha a inveja :
 Buscam maneiras mil , buscam desvios
 Com que Thomé não se ouça , ou morto seja.
 O principal , que ao peito traz os fios ,
 Hum caso horrendo faz , que o Mundo veja ;
 Que inimiga não ha tão dura , e fera ,
 Como a virtude falsa da fycera.

CXIII.

Hum filho proprio mata : logo accusa
 De homicidio a Thomé , que era innocente :
 Dá falsas testemunhas , como se usa ,
 Condemnáram-no à morte brevemente.
 O Sancto , que não vê melhor escusa ,
 Que appellar para o Padre Omnipotente ,
 Quer diante do Rei , e dos Senhores ,
 Que se faça hum milagre dos maiores.

CXV.

O corpo morto manda ser trazido ,
 Que resuscite , e seja perguntado ,
 Quem foi seu matador , e será crido
 Por testemunho o seu mais approvedo.
 Víram todos o moço vivo erguido
 Em nome de Jesu crucificado :
 Dá graças a Thomé , que lhe deo vida ,
 E descobre seu pai ser o homicida.

CXVI.

CXVI.

Este milagre fez tamanho espanto,
 Que o Rei se banha logo na agua santa,
 E muitos apoz elle: hum beija o manto,
 Outro louvor do Deos de Thomé canta.
 Os Brachmanes se enchêram de odio tanto,
 Com seu veneno os morde inveja tanta,
 Que persuadindo a isso o povo rudo,
 Determinam matá-lo, em fim de tudo.

CXVII.

Hú dia que prégando ao povo estava,
 Fingíram entre a gente hum arruido:
 Já Christo neste tempo lhe ordenava
 Que padecendo fosse ao Ceo subido.
 A multidaõ das pedras, que voava,
 No Sancto dá, já a tudo offerecido:
 Hú dos maos, por faltar-se mais depressa,
 Com crua lança o peito lhe atravessa.

CXVIII.

Choráram-te Thomé o Gange, e o Indo;
 Chorou-te toda a terra que pizaste;
 Mais te choram as almas que vestindo
 Se hiam na sancta Fé que lhe ensinaste:
 Mas os Anjos do Ceo cantando, e rindo,
 Te recebem na gloria que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.

CXIX.

CXIX.

E vós outros que os nomes usurpais
 De mandados de Deos, como Thomé,
 Dizei, se fois mandados, como estais
 Sem irdes a prégar a sancta Fé?
 Olhai, que se fois fal, e vos damnais
 Na patria, onde Propheta ninguem he,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infiéis deixo) tantas heresias?

CXX.

Mas passo esta materia perigosa,
 E tornemos á costa debuxada.
 Já com esta Cidade tão famosa,
 Se faz curva a Gangetica enseada.
 Corre Narlinga rica, e poderosa;
 Corre Orixá de roupas abastada;
 No fundo da enseada o illustre rio
 Ganges vem ao salgado senhorio.

CXXI.

Ganges, no qual os seus habitantes
 Morrem banhados, tendo por certeza,
 Que inda que sejam grandes peccadores,
 Esta agua sancta os lava, e dá pureza.
 Vê Cathigaõ, Cidade das melhores
 De Bengala, Provincia que se préza
 De abundante; mas olha que está posta
 Para o Austro de aqui virada a costa.

CXXII.

CXXII.

Olha o Reino Arracaõ , olha o assento
 De Pegú , que já monstros povoáram ;
 Monstros filhos do feo ajuntamento
 De hũa mulher , e hũ cam , que sós se acháram.
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geração costumam : o que ufáram
 Por manha da Rainha , que inventando
 Tal uso , deitou fóra o error nefando.

CXXIII.

Olha Tavai Cidade , onde começa
 De Siao largo o Imperio taõ comprido ;
 Tenassari , Quedá , que he só cabeça
 Das que pimenta alli tem produzido.
 Mais avante fareis que se conheça
 Malaca por Emporio ennobrecido ,
 Onde toda a Provincia do mar grande ,
 Suas mercadorias ricas mande.

CXXIII.

Dizem que desta terra , co' as possantes
 Ondas o mar entrando dividio
 A nobre Ilha Samatra , que já d'antes
 Juntas ambas a gente antiga vio.
 Chersoneso foi dita , e das prestantes
 Vêas de ouro , que a terra produzio ,
 Aurea por epitheto lhe ajuntáram ;
 Outros que fosse Ophir imagináram.

CXXV.

CXXV.

Mas na p̄nta da terra Cingapura
 Verás onde o caminho ás naos se estreita :
 De aqui tornando a costa á Cynofura ,
 Se encurva , e para a Aurora se endireita.
 Vês Pam , Patane , Reinos , e a longura
 De Siaõ , que estes , e outros mais sujeita :
 Olha o rio Menaõ , que se derrama
 Do grande lago , que Chiamai se chama.

CXXVI.

Vês neste gr̃ao terreno os differentes
 Nomes de mil nações nunca sabidas ;
 Os Laos em terra , e numero potentes ,
 Avás , Bramás , por serras taõ compridas.
 Vê nos remotos montes outras gentes ,
 Que Guecos se chamam , de selvagêes vidas ;
 Humana carne comem , mas a sua
 Pintam com ferro ardente ; ufança crua.

CXXVII.

Vês passa por Camboja Mecom rio ,
 Que Capitam das aguas se interpreta ;
 Tantas recebe de outro só no Estio ,
 Que alaga os campos largos , e inquieta.
 Tem as enchentes , quaes o Nilo frio :
 A gente delle crê , como indiscreta ,
 Que pena , e gloria tem depois da morte
 Os brutos animaes de toda sorte

CXXVIII.

CXXVIII.

Este receberá placido, e brando,
 No feu regaço os Cantos, que molhados
 Vem do naufragio triste, e miserando,
 Dos procellosos baixos escapados;
 Das fomes, dos perigos grandes, quando
 Será o injusto mando executado
 Naquelle, cuja lyra sonorosa
 Será mais affamada que ditosa.

CXXIX.

Vês corre a costa que Champá se chama,
 Cujá mata he do pao cheiroso ornada:
 Vês Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainaõ vê a incognita enseada:
 Aqui o soberbo Imperio, que se affama
 Com terras, e riqueza não cuidada,
 Da China corre, e occupa o senhorio
 Desde o Tropico ardente ao cinto frio.

CXXX.

Olha o muro, e edificio nunca crido,
 Que entre hum Imperio, e outro se edifica;
 Certissimo signal, e conhecido,
 Da potencia Real, soberba, e rica.
 Estes, o Rei que tem, não foi nascido
 Principe; nem dos pais aos filhos fica;
 Mas elegem aquelle que he famoso
 Por Cavalleiro fabio, e virtuoso.

CXXXI.

CXXXI.

Inda outra muita terra se te esconde ,
 Até que venha o tempo de mostrar-se.
 Mas não deixes no mar as Ilhas , onde
 A natureza quiz mais affamar-se.
 Esta meia escondida , que responde
 De longe á China , donde vem buscar-se ,
 He Japão , onde nasce a prata fina ,
 Que illustrada será co' a Lei Divina.

CXXXII.

Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas Ilhas espalhadas :
 Vê Tidore , e Ternate , co' o fervente
 Cume , que lança as flammas ondeadas :
 As arvores verás do cravo ardente ,
 Com sangue Portuguez inda compradas :
 Aqui ha as aureas aves , que não decem
 Nunca á terra , e só mortas apparecem.

CXXXIII.

Olha de Bandá as Ilhas , que se esmaltam
 Da vária côr que pinta o roxo fruto :
 As aves variadas , que alli faltam ,
 Da verde noz tomando seu tributo.
 Olha tambem Borneo , onde não faltam
 Lagrimas , no licor coalhado , e enxuto ,
 Das arvores , que Camphora he chamado ,
 Com que da Ilha o nome he celebrado.

CXXXIII.

CXXXIII.

Alli tambem Timor, que o lenho manda
Sandalo salutifero, e cheiroso.

Olha a Sunda taõ larga, que hũa banda
Esconde para o Sul difficuloso.

A gente do ferraõ, que as terras anda,
Hum rio diz que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao que nelle cae.

CXXXV.

Vê naquella que o tempo tornou Ilha,
Que tambem flammias trémulas vâpora,
A fonte que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras, na Arabia onde ella mora;
E vê que, tendo quanto as outras tem,
Branda seda, e fino ouro dá tambem.

CXXXVI.

Olha em Ceilaõ, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvêes passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Por a pedra em que está a pégada humana.
Nas Ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.

CXXXVII.

CXXXVII.

Verás defronte estar do roxo Estreito
 Socororá co' o amaro Aloe famosa ;
 Outras Ilhas no mar também sujeito
 A vós na costa de Africa arenosa ;
 Aonde sahe do cheiro mais perfeito
 A massa ao Mundo occulta , e preciosa :
 De São Lourenço vê a Ilha affamada ,
 Que Madagascar he de algũus chamada.

CXXXVIII.

Eis-aqui as novas partes do Oriente ,
 Que vós outros agora ao Mundo dais ,
 Abrindo a porta ao vasto mar patente ,
 Que com tão forte peito navegais.
 Mas he também razão , que no Ponente
 De hum Lusitano hum feito inda vejais ,
 Que de seu Rei mostrando-se aggravado ,
 Caminho ha de fazer nunca cuidado.

CXXXIX.

Vedes a grande terra que continua
 Vai de Callixto ao seu contrario Polo ,
 Que soberba a fará a luzente mina
 Do metal , que a côr tem do louro Apolo :
 Castella , vossa amiga , será d'ũa
 De lançar-lhe o colar ao rudo colo :
 Várias Provincias tem de várias gentes ,
 Em ritos , e costumes diferentes.

CXL.

Mas cá onde mais se alarga , alli tereis
 Parte tambem co' o pao vermelho nota :
 De Santa Cruz o nome lhe poreis ,
 Descobri-la-ha a primeira vossa frota :
 Ao longo desta costa que tereis ,
 Irá buscando a parte mais remota
 O Magalhães , no feito com verdade
 Portuguez , porém não na lealdade.

CXLI.

Desque passar a via mais que mēa ,
 Que ao Antárctico Polo vai da linha ,
 De hũa estatura quasi Gigantēa
 Homēes verá , da terra alli visinha.
 E mais avante o Estreito , que se arrēa
 Co' o nome d'elle agora ; o qual caminha
 Para outro mar , e terra , que fica onde
 Com suas frias azas o Austro a esconde.

CXLII.

Até aqui , Portuguezes , concedido
 Vos he saberdes os futuros feitos ,
 Que pelo mar que já deixais sabido ,
 Viraó fazer Barões de fortes peitos.
 Agora , pois , que tendes apreendido
 Trabalhos , que vos façam fer accentos
 A's esposas eternas , e formosas ,
 Que corôas vos tecem gloriosas :

CXLIII.

CXLIII.

Podeis-vos embarcar, que tendes tempo,
 E mar tranquillo para a patria amada.
 Assi lhes disse: e logo movimento
 Fazem da Ilha alegre, e namorada.
 Levam refresco, e nobre mantimento,
 Levam a companhia desejada
 Das Nymphas, que haõ de ter eternamente,
 Por mais tempo que o Sol o Mundo aquente.

CXLIII.

Assi foram cortando o mar sereno
 Com vento sempre manso, e nunca irado,
 Até que houveram vista do terreno
 Em que nascêram, sempre desejado.
 Entráram pela foz do Tejo ameno;
 E á sua patria, e Rei temido, e amado,
 O premio, e gloria daõ, porque mandou,
 E com titulos novos se illustrou.

CXLV.

Naõ mais, Musa, naõ mais, que a lyra tenho
 Destemperada, e a voz enrouquetida;
 E naõ do canto, mas de ver que venho
 Cantar a gente surda, e endurecida.
 O favor com que mais se accende o engenho,
 Naõ o dá a patria, naõ, que está metida
 No gosto da cobiça, e na rudeza
 De hũa austera, apagada, e vil tristeza.

CXLVI.

CXLVI.

E não sei porque influxo de destino
 Não tem hum lédo orgulho, e geral gosto,
 Que os animos levanta de contino,
 A ter para trabalhos lédo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no régio folio posto,
 Olhai que fois (e vede as outras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes.

CXLVII.

Olhai que lédos vão, por várias vias,
 Quaes rompentes leões, e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes, e a vigias,
 A ferro, a fogo, a séttas, e a pelouros:
 A quentes Regiões, a plagas frias;
 A golpes de Idolátras, e de Mouros;
 A perigos incognitos do Mundo;
 A naufragios, a peixes, ao profundo:

CXLVIII.

Por servir-vos a tudo aparelhados,
 De vós tão longe, sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos, e contentes.
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios, infernaes, negros, e ardentes,
 Cometterão comvosco, e não duvido
 Que vencedor vos façam, não vencido.

CXLIX.

Favorecei-os logo , e alegrai-os
 Com a presença , e léda humanidade ;
 De rigorosas leis desalivai-os ,
 Que assi se abre o caminho á sanctidade ;
 Os mais exprimentados levantai-os ,
 Se com a experiencia tem bondade ,
 Para vosso conselho , pois que sabem
 O como , o quando , e onde as cousas cabem.

CL.

Todos favorecei em seus officios ;
 Segundo tem das vidas o talento ;
 Tenham Religiosos , exercicios
 De rogarem por vosso regimento :
 Com jejúus , disciplinas , pelos vicios
 Commúus , toda ambição teraõ por vento ;
 Que o bom Religioso verdadeiro ,
 Gloria váa não pertende , nem dinheiro.

CLI.

Os Cavalleitos tende em muita estimação ;
 Pois com seu fangue intrépido , e fervente ,
 Estendem não sómente a Lei de cima ,
 Mas ainda vosso Imperio preeminente :
 Pois aquelles que a taõ temoto clima
 Vos vão servir com passo diligente ;
 Dous inimigos vencem ; húus os vivos ;
 E (o que he mais) os trabalhos excessivos.

CLII.

Fazei , Senhor , que nunca os admirados
 Alemães , Gallos , Italos , e Inglezes ,
 Possam dizer , que são para mandados ,
 Mais que para mandar , os Portuguezes.
 Tomai Conselhos só de experimentados ,
 Que víram largos annos , largos mezes ;
 Que postoque em scientes muito cabe ,
 Mais em particular o experto sabe.

CLIII.

De Phormião Philosopho elegante
 Vereis como Annibal escarnecia ,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava , e lia.
 A disciplina militar prestante ;
 Não se aprende , Senhor , na phantasia ,
 Sonhando , imaginando , ou estudando ;
 Senão vendo , tratando , e pelejando.

CLIIII.

Mas eu que fallo humilde , baixo , e rudo ,
 De vós não conhecido , nem sonhado ,
 Da boca dos pequenos sei com tudo ,
 Que o louvor sahe ás vezes acabado :
 Nem me falta na vida honesto estudo ,
 Com longa experiencia misturado ;
 Nem engenho , que aqui vereis presente ,
 Coufas que juntas se acham raramente.

CLV.

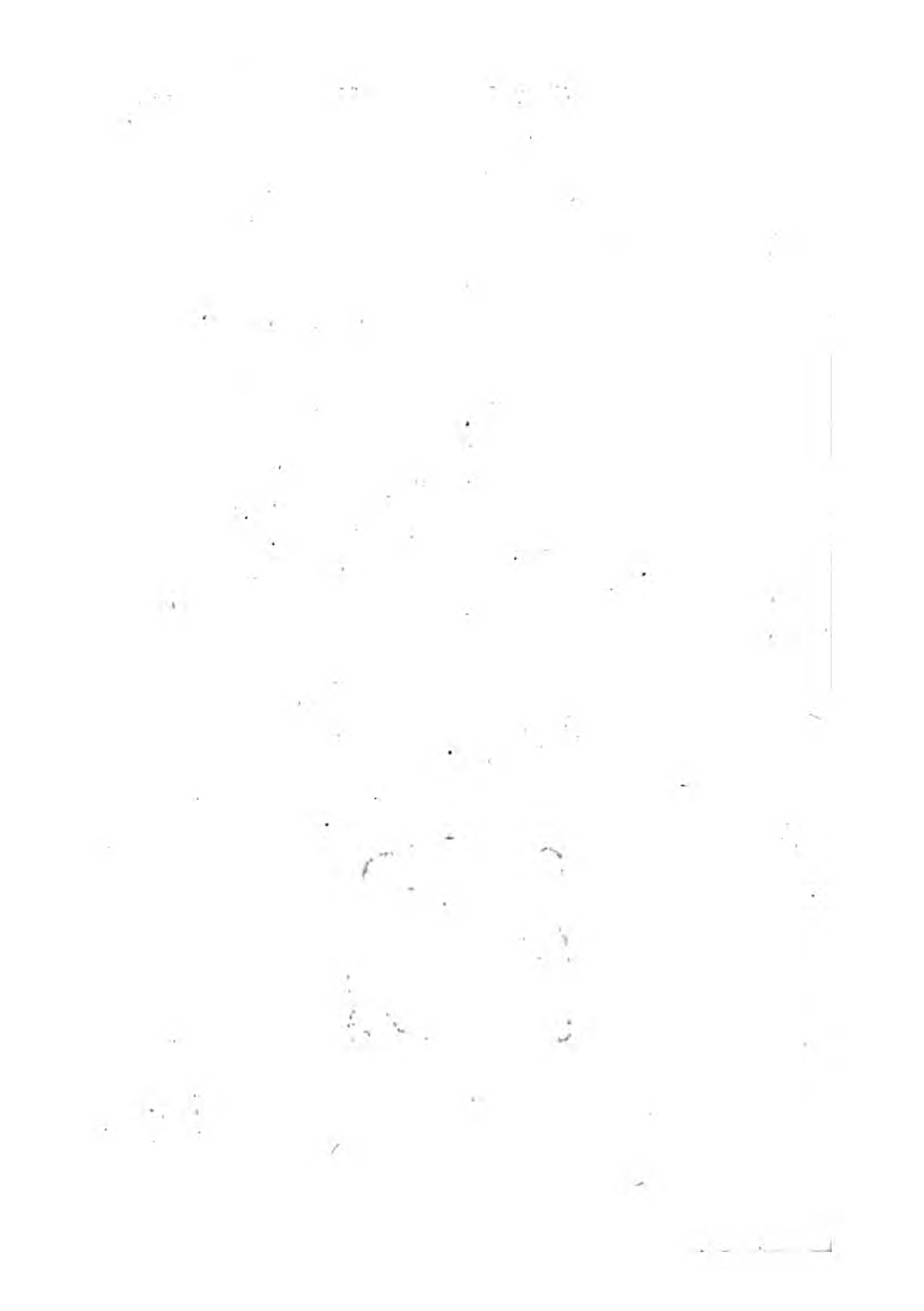
Para servir-vos, braço ás armas feito ;
Para cantar-vos, mente ás Mufas dada :
Só me fallece fer a vós acceito ,
De quem virtude deve fer prezada :
Se isto o Ceo me concede, e o voffo peito
Digna empreza tomar de fer cantada ,
Como a prefaga mente vaticina ,
Olhando a voffa inclinação divina :

CLVI.

Ou fazendo que mais que a de Medusa
A vista voffa tema o monte Atlante ,
Ou rompendo nos campos de Ampelusa
Os Mouros de Marrocos, e Trudante ;
A minha já eftimada e léda Musa ,
Fico que em todo o Mundo de vós cante ,
De fórte que Alexandro em vós fe veja ,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

Fim do Canto decimo.





I N D E X

DE TODOS OS NOMES PROPRIOS
que se contém em este Poema,

*Recolhidos e ordenados por João Franco
Barreto.*

A

A BASSIA , parte de Africa , dividida de Arabia com as portas do mar Roxo ; cujos Povos se chamam Abyxins , ou Abassis , sujeitos ao Preste João , hum dos grandes Reis do Oriente , e dos mais poderosos de Africa , porque tem debaixo de seu mando mais de quarenta Reinos.

Abrahaõ , primeiro Patriarca ; he a saber , o primeiro dos pais ; do qual , e de Agar sua escrava , dizem os Mouros que procede Masamede.

Abranches , Lugar , e Condado de Franca.

Abrantes , Villa de Portugal , junto do Rio Tejo.

Abyla , monte de Africa , sobre o qual está a Cidade Ceita , pertencente aos Reis de Portugal. Chamam os Authores a este monte Columna de Hercules.

Accias guerras , as que houve entre Augusto , e Marco Antonio , no Cabo Figalo , que os Antigos chamavam Accio ; em as quaes Marco Antonio , e

Cleopatra , Rainha de Egypto , foram desbaratados.

Achemenia , Região da Persia , onde se fazem as melhores alcatifas , e tapeçarja do Mundo,

Ache-

- Acheronte**, Rio Infernal, segundo fingem os Poetas.
- Achilles**, Principe Grego fortissimo filho de Peleo Rei de Thessalia, e de Thetys filha de Chiron. Matou-o Páris enganosamente em Troia, no templo de Apollo, onde havia ido sobre o concerto de casar com Policena, filha de Priamo.
- Acidalia**, sobrenome de Venus, dita assi por huma fonte deste nome, que está em Beocia, aonde se lavam as Graças, dedicadas a Venus.
- Acroceraunios**, montes de Epyro, a que hoje chamamos Albania. Os Poetas os chamam infames pelos naufragios que alli acontecem.
- Acrisio**, Rei dos Argivos, filho de Abante; o qual querendo ter a Danae sua filha recolhida, e guardada, a meteo n'huma torre, que alguns querem fosse de metal; porém nem isto lhe valeo, porque Jupiter convertido em chuva de ouro entrou na sua camara, e houve della a Perseo.
- Acteon**, filho de Aristeo, e Autono; do qual contam os Poetas, que chegando a beber em huma fonte, vio a Diana, que os Antigos tinham por deusa da caça, a qual se estava lavando com suas companheiras; e sentida de Acteon a ver em aquelle estado, o converteo em cervo; e logo visto de seus cães, foi por elles mesmos despedaçado.
- Adaõ**, primeiro homem, e primeira figura de Deos; viveo 930. annos, e esteve no Limbo 5231.
- Adamastor**, hum dos Gigantes filhos da terra; os quaes tendo guerra com Jupiter, foram vencidos, e sepultados debaixo de diversos montes, como Adamastor transformado no Cabo, e communmente chamado da Esperança. Do nome deste Gigante se lembrou Sidonio; e Carlos Estephano em seu Diccionario, aindaque Claudiano, e outros, o chamam Damastor. Alem

Adem, Cidade na Arabia Feliz, situada ao pé de húa ferra, a quem os naturaes chamam de Arzira, que he toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.

Adonis, bellissimo mancebo, filho de Cinara, e de sua filha Myrrha, a qual foi convertida em huma arvore de seu nome. Foi este muito amado de Venus.

Adriatica Veneza: chama-se assi esta Cidade por estar fundada no mar Adriatico, o qual se chama assi de huma Cidade por nome Adria, que antiguamente esteve entre as bocas do rio Pó, do que agora não ha rasto.

Africa, nome da terceira parte do Mundo, e de huma Cidade principal della.

Africo: he o vento que os marinheiros chamam Oeste-Sudueste.

Afonso. Cinco Reis teve Portugal deste nome, e todos de muito valor: o primeiro, filho do Conde D. Henrique: o segundo, filho d'ElRei D. Sanchinho primeiro: o terceiro, filho do mesmo Rei D. Afonso segundo: o quarto, filho d'ElRei D. Dinis: o quinto, filho d'ElRei D. Duarte.

Aganippe, fonte de Beocia, dedicada ás Musas.

Agar, escrava de Abrahão, da qual dizem os Mourgos que procedem, e assi se chamam netos de Agar, e Agarenos.

Agrippina, mãe do Imperador Nero.

Aiace, filho de Thelamon, e de Hesione, filha de Laomedonte. Foi o mais valeroso e esforçado de todos os Gregos, depois de Achilles. Do qual se diz, que como (Achilles morto) pedisse suas armas, e Ulysses com sua eloquencia movesse os animos dos Juizes Gregos para que a elle lhas dessem,

- endoudeceo de paixão ; e entendendo que matava a Ulyffes , e seus companheiros , matou muito gado , até que se matou a si mesmo ; de cujo sangue , dizem os Poetas , sahio a flor Hyaciutho.
- Ainaõ** , Ilha sita em huma ponta da terra da China , e na boca da enseada Cauchichina , em a qual se pesca aljofar , e pérolas.
- Alemquer** , Villa de Portugal.
- Albis** , hum rio de Germania , chamado vulgarmente Elva , ou Elba ; o qual nasce em os montes que dividem a Bohemia e Moravia , de Suevia , e penetrando a Saxonia entra no mar Oceano.
- Albuquerque** : he o grande Afonso de Albuquerque , que succedeo a D. Francisco de Almeida na governança da India.
- Alcaçar do Sal** , Villa de Alemtejo.
- Alcino** , Rei dos Pheacos , na Ilha Corciza , diligente cultivador de hortos , e pomares ; o qual recebeu em sua casa a Ulyffes affligido , com seus companheiros , humanissimamente.
- Alencastro** : foi este Duque sogro d'ElRei D. João o primeiro , e irmão d'ElRei Duarte de Inglaterra.
- Alexandro** , cognominado o Magno , foi filho de Philippo Rei de Macedonia , e foi liberalissimo.
- Alcides** , cognome de Hercules , do Alceo seu avô , ou de Alcy , dicção Grega , que significa vigor , ou força.
- Alcmena** , mãe de Hercules.
- Alcoraõ** : he entre os Mouros o livro de sua seita maldita , composto por Sergio Mónico , em o qual poz algumas cousas da Lei Mosaica , algumas da Evangelica , e muitas falsas.
- Alecto** , huma das tres furias Infernaes.
- Alemanha** , Provincia de Europa , bem conhecida ,
cheia

cheia de Principados potentísimos, de Cidades grossísimas, povos, e mantimento infinito. Primeiro foi chamada Germania.

Algarves, Reino annexo ao de Portugal.

Almeidas : estes foram Dom Francisco de Almeida, primeiro Visorrei da India, e D. Lourenço de Almeida seu filho.

Aloe, genero de páo, muito pezado, semelhante ao de Aquila.

Alpheo, Rio que nasce junto a Helis, Cidade de Arcadia, e corre até Achaia, e sumindo-se alli na terra, corre por baixo do chaõ, e do mar, larguíssimo espaço, e vai sahir á fonte Arethusa de Sicilia: diz-se agora vulgarmente Rosea.

Alvaro. De dous faz o Poeta menção: hum he Dom Alvaro de Castro, filho de Dom João de Castro, o qual deixando seu pai em Goa, foi no meio do Inverno a soccorrer Dio; e o outro, Alvaro de Braga, ou Alvaro Dias (que no sobrenome discordam Barros, e Goes) o qual com Diogo Dias, ou Correa, (em que tambem os sobreditos variam) ficáram em Calecut por feitores, em quanto se a fazenda vendia.

Amalthea, filha de Melisso, Rei de Grecia, foi ama de Jupiter, a qual tinha hum corno, chamado communmente Cornucopia, que tudo o que queriam achavam nelle.

Amasis, Rio de Alemanha, grande, e navegavel: corre entre o Rheno, e o Albis, entra no Oceano, junto a Emdem, Metropoli da Phrysia Oriental.

Ambrosia, especie de herva, semelhante ao Apio: manjar (segundo os Gentios) dos deoses.

Ampaza, Cidade da Persia, nos confins de Ormaz.

- Ampelusa**, Promontorio entre Ceita, e Tanger: chama-se hoje a ponta de Alcaçar.
- Amphióneas Thebas**: contam os Poetas, que foi Amphion hum musico taõ excellente, que em tocando a sua viola, e cantando, o seguiam as cousas insensiveis, como pedras, páos, e outras cousas semelhantes, e que desta maneira ajuntou a pedra, com que fez os muros a Thebas, Cidade de Beocia, que hoje se diz Estibes; e por esta razão os Poetas a chamam Amphiónea; na qual dizem nascer Baccho.
- Anchises**, filho de Capis, e pai de Enéas, ao qual houve na deosa Venus.
- Andaluzia**: segundo El Rei D. Afonso o Sabio, he toda aquella terra que está desde o Rio Guadiana, até o mar Mediterraneo, e desde o mar Oceano, até o Rio Xucar, assi como cabe no mar Mediterraneo.
- Andromeda**, filha de Cepheo, Rei de Ethiopia, e de Cassiope; e tambem hum Signo celeste.
- Annibal**, Capitam valerosissimo, natural de Carthago, Cidade antiga de Africa.
- Antaõ Vasques de Almada**, Portuguez valerosissimo, e hum dos doze Cavalleiros que foram a Inglaterra pedidos pelas Damas daquelle Reino, para as desaggravar de certos Cavalleiros Inglezes que as haviam publicamente affrontado.
- Antarctico Polo**: he o Sul.
- Antenor**, hum dos Principaes Troianos, que entregaram por traçaõ Troia aos Gregos; a qual queimada, se acolheo a Italia, e edificou no territorio de Veneza huma Cidade, que de seu nome se chamou Antenoria, e hoje Padua.
- Antheo**, Gigante filho da terra, e primeiro fundador de Tinge, que agora se diz Tanger.

Antonio: hum he Antonio da Sylveira, Capitam de Dio, a qual elle defendeo valerosamente de Solimaõ Baxá, Rei do Cano, que foi sobre ella com 63 vélas de Turcos, e 1200 homens, aos quaes desbaratou com muito pouco poder. O outro, Marco Antonio, Cidadão Romano principal, o qual em companhia de Marco Lepido, e de Cesar Oçtavianno, teve o governo do Romano Imperio. Delle se conta, que era taõ affeiçoado a musica, que por ouvir trovinhas, e chistes de Glaphira, deixava a sua mulher Fulvia.

Anubis: em lingua Egypcia significa cam, em cuja fôrma os Egypcios honrâram ao deos Mercurio.

Aonia, parte montuosa de Beocia, em a qual havia huã fonte, que todos os que bebiam della ficavaõ Poetas.

Apelles, Pintor eximio.

Apenino, monte altissimo, situado justamente no meio da Italia. Começa nos Alpes, e acaba no extremo de Calabria.

Apio, foi Governador de Roma, o qual por querer tomar huma Virginia a seu marido, acabou mal a vida, preso em ferros.

Apollo, filho de Jupiter, e de Latona, tido entre os Antigos por deos da sabedoria, dos Poetas, das Musas, e se torna ordinariamente pelo Sol.

Apulia, Regiaõ de Italia, visinha ao mar Adriatico.

Aquilo, vento Septentrional.

Ara, constelação celeste.

Arabia, Província entre Judéa, e Egypto.

Arabio, o natural de Arabia, donde dizem que era Mafamede.

Arabica lingua, a lingua dos Arabes, chamados corruptamente Alarves; e se falla, naõ só em Africa, mas na Persia, e muitas partes de Asia.

Ara-

Aragão, Reino de Hespanha, cuja Metropoli he Çaragoça.

Aralpas, hum certo Medo, a quem Cyro Rei dos Persas deo a guardar Panthea, mulher de Abradatas Rei dos Susos, que captivára no arraial dos Assyrios; e se houvera perder com ella, se o mesmo Cyro o não remediára, tirando-lha das mãos.

Arcadia, Provincia da Moréa, dita assi de Arcade, filho de Jupiter, sujeita hoje ao Grão Cam.

Archetypo, he o traslado primeiro, ou principal fórma de qualquer cousa; e o Poeta o toma por Deos Nosso Senhor, Creador de todas as cousas.

Arcturo, he hum estrellia, na parte Septentrional, que he o Norte.

Arethusa, fonte de Sicilia, junto a Çaragoça, em a qual foi convertida Arethusa, Nymfa de Diana, amada de Alpheo.

Argo, Cidade insigne de Grecia, dedicada á deosa Juno, dita assi do nome d'El Rei Argos, que reinou nella.

Argonautas, foram huns Cavalleiros Gregos, que em a não Argos foraõ na conquista do Vello cino de Colchos.

Argos, a primeira não que (segundo a Philosophia Ethnica) houve no Mundo, em a qual Jason e seus companheiros passáram a Colchos a roubar o Vello cino de ouro: aindaque segundo as Divinas Letras, primeiro foi a Arca de Noe. Houve tambem hum Pastor deste nome, filho de Aristeo, que dizem tinha cem olhos, e foi morto por Mercurio, andando por mandado de Juno em guarda de Io, amada de Jupiter. E he tambem Argos hum constellação celeste.

Aries, constellação na Zona torrida, a qual he hum dos doze Signos celestes.

Ar-

- Armenia**, Região de Asia, entre os montes Tauro, e Caucazo, a qual se divide em maior, e menor.
- Armusa**, Cidade antiga na terra de Magostaó, vizinha de Ormuz, da qual hoje não apparecem mais que as ruinas.
- Aromata**, he o cabo Guardafú, no fim da terra de Africa, e no principio de Asia.
- Arquico**, Lugar de Ethiopia, sujeito ao Preste Joáo, e unico porto de toda aquella costa.
- Arracaó**, Reino que confina com o de Bengala nas partes da India.
- Arronches**, Lugar de Alemtejo.
- Arsinario** cabo, he o que nós agora chamamos Verde.
- Arsinoe**, filha ou irmãa de Ptolemeo, Rei de Egypto, a qual fundou hum Lugar, que de seu nome se chamou Arsinoe, e agora Suez, na costa do mar Roxo.
- Artabro**, he o monte, a que hoje chamamos Cabo de finis terra.
- Arzira**, he huma serra na Arabia Feliz, toda de pedra viva, sem arvore, nem herva alguma.
- Asaboro**, he hum Cabo, a que os nossos chamam Moçandaó, no Reino de Ormuz.
- Asia**, a terceira parte da terra em número, aindaque a metade em cantidade.
- Affyria**, Provincia de Asia, dita vulgarmente Soria, ou Suria.
- Astianax**, filho unico de Heitor, e de Andromacha, ao qual Ulysses lançou de huma torre abaixo, quando os Gregos entráram na Cidade de Troia.
- Astréa**, filha de Astreo Gigante, e da Aurora; ou segundo outros de Jupiter, e Themis.
- Asturias**, Provincia de Hespanha, cuja Metropoli he Oviedo, aonde se salváram na inundação dos Arabes,

- bes , aquelles poucos Godos que escapáram , e com muitas reliquias de Santos.
- Athamante** , foi conduzido por Juno a tanta furia , que sahindo-lhe ao encontro feu filho Learco , o matou ; do que espantada e atemorizada Ino sua mulher , com outro filho Melicerta , se lançou no mar ; e foram convertidos em deoses marinhos.
- Athenas** , Cidade na Grecia , domicilio antiguamente de todas as doutrinas , aindaque hoje de todo destruida.
- Atila** , Rei dos Hunnos , e de Dacia , chamado açoute de Deos.
- Atlante** , filho de Japeto , e Clymene , ou Asia Nympha , e irmão de Prometheo , foi Rei de Mauritania , Provincia de Africa , do qual se diz que tem o Mundo em os hombros. Este , avisado do Oraculo que se precataffe de hum filho de Jupiter , não dava hospicio a pessoa alguma , o que soffrendo mal Perseo , filho de Jupiter , lhe mostrou a cabeça de Medusa , e logo foi convertido em hum monte de seu nome , o qual he na Mauritania , onde reinou , e hoje se chama Carena , tão alto , que seu cumenunca se mostra descoberto de nuvées.
- Atropos** , huma das tres Parcas. Vê Parcas.
- Avás** , Povos do Oriente , sujeitos ao Rei de Siaó.
- Augusto** , significa lugar venerando , e sacro , com alguma cerimonia : donde veio , que todos os successores de Cesar em o Imperio até estes tempos , são chamados Augustos , e o de quem o Poeta faz menção foi Octaviano.
- Aurea Chersoneso** , he Malaca.
- Aurora** , filha do Sol , e da terra , mulher de Titam , e mãe de Memnon , Rei de Ethiopia. He propriamente aquella claridade , que no Ceo apparece antes

tes que o Sol saia. E neste Poema havemos de entender por Reinos , terras , ou portos da Aurora , a India , por estar no Oriente.

Aufonia , foi antiguamente parte de Italia , hoje se toma por toda Italia.

Austro , vento da parte do Sul , chamado vulgarmente Vendaval.

Axio , rio , chamado hoje Brade , ou Varadi , o qual atravessa Macedonia.

Azenegues , Povos de Africa , dos quaes se começa a terra de Guiné : he terra muito falta de agua , e mantimentos.

B

B Abel , em vez de Babylonia.

Babylonia , Cidade dita a grande , onde foi a grande torre de Nembroth , pela qual foram divididas as linguas. Edificou-a , segundo algũus , Semiramis Rainha do Egypto , com taõ admiraveis edificios , que com razãõ foi contada entre as sete maravilhas do Mundo. Passa-lhe pelo meio o rio Euphrates , e antiguamente foi dita Memphis.

Baçaim , Lugar entre Chaul , e Dio , em cuja Fortaleza havia 400. peças de artilheria , quando o grande Nuno da Cunha a tomou no anno de 1533.

Bacanor , Lugar da India , na costa do Malabar , em cujo porto Lopo Vaz de Sampaio destruiu huma grande armada de paraos d'ElRei de Calecut.

Baccho , filho de Jupiter , e de Semele : foi o primeiro que achou o triumpho , e modo de comprar , e vender : a musica , e o uso do vinho , do qual os Antigos o fingiraõ deos.

Bactro , Rio na Regiaõ Bactriana de Asia , o qual
nas-

nasce no monte Tauro , e querem algũus que hoje se chame Bachara.

Badajoz , Cidade da Estremadura , fronteira a Elvas.

Baldoïno , hum esforçado Cavalleiro no tempo de Carlos II. Imperador dos Romanos , a quem furtou huma filha , por nome Juditha ; e o Imperador não sómente dissimulou a affronta , mas com ella lhe deo a terra de Frandes , que naquelle tempo era deserta , e elle a aproveitou , e povoou.

Banda , são cinco Ilhas , que contém este nome , habitadas de Mouros , e Gentios , entre Jaoa , e Maluco ; em as quaes ha muita noz noscada , cujas arvores são como loureiros.

Barbaria , terra de Africa ; onde antiguamente foi Rei Antheo , hum dos filhos da terra.

Barbora , lugar em Africa , muito abundante , em o qual o Capitam Antonio de Saldanha queimou muitas náos a Mouros.

Barem , huma Ilha de Ormuz , onde se pesca o aljofar.

Baticalá , Fortaleza na costa do Malabar , algumas 30 léguas de Goa.

Beadala , Cidade junto ao Comori , destruida por Martin Afonso de Sousa , Capitam mór do mar da India , em tempo do Governador Nuno da Cunha.

Beatriz , foi filha d'ElRei Dom Fernando de Portugal , casada com ElRei Dom Joáo de Castella.

Beja , Cidade de Portugal , na Provincia de Alemtejo.

Belém , acerca do nosso Poeta he a casa de Nossa Senhora de Belem , a que deu principio o Infante Dom Henrique ; ennobrecida despois por ElRei Dom Manoel , sita no Lugar chamado antiguamente Restello , donde partem neste Reino todas as armadas para fóra.

Belizario, valerosissimo Capitam de Justiniano Imperador, o qual houve grandes victorias em Persia, e em Italia, e pagou-lhe Justiniano com o prender, e desterrar.

Bellona, deosa das batalhas, irmã e cocheira de Marte.

Bengala, Reino Oriental, abundante, e rico; pelo meio do qual passa o rio Ganges.

Benjamin, Tribu entre os Hebreos, o qual por forcarem huma mulher do Tribu de Levi, acabou de todo, e a terra foi assolada.

Benomotapa, ou Menomotapa, he o mesmo que entre nós Imperador, e he nome do Senhor do grande Reino de Sofala.

Bethis, he o mesmo que Guadalquivir, rio de Hespanha.

Biblis, fonte de Mesopotamia, em a qual foi convertida Bibli, filha de Mileto, a qual amava muito ao irmão Cauno, de quem não era amada.

Bintaõ, Reino da India.

Bipur, Lugar na costa do Malabar.

Biscainho, o natural de Biscaia, Provincia de Hespanha, abundantissima de ferro.

Bohemios, são os de Bohemia, Provincia de Europa, a qual fez Reino o Imperador Federico.

Bolonhez: este Conde de que o Poeta faz menção, foi Dom Afonso, irmão d'ElRei Dom Sancho de Portugal.

Bootes, constellação celeste, chamada o sete estrello, e se toma pelas partes do Norte.

Boreas, he o vento que communmente chamam Nor-nordeste, e assi pelas partes Boreaes entenderemos as do Norte.

Borneo, Ilha muito grande, e muito fertil, e abun-

- dante de todas as cousas , principalmente de camphora.
- Brachmanes** : assi chamam os Malabares aos seus Religiosos , os quaes seguem a seita do Philosopho Pythagoras.
- Bramás** , Nação sujeita ao Rei de Siaó.
- Brasil** , Provincia na America , chamada por outro nome Sancta Cruz , o qual lhe deu Pedralves Cabral , que a descobrio no anno de 1500.
- Brava** , Cidade na costa de Melinde.
- Bretanha** , he Inglaterra.
- Briareo** , Gigante célebre , filho da terra , do qual dizem , tinha cincoenta corpos , e cem braços.
- Brigo** , segundo alguns , Rei de Hespanha.
- Brussios** , ou Barussios , Povos de Brussia , Provincia de Sarmacia.
- Busiris** , foi hum grande tyranno de Egypto , o qual sacrificava os hospedes a seus idolos.
- Byzancio** , he Constantinopla , Corte agora do Graó Turco.

C

Cadmo , filho de Agenor , Rei de Phenicia , o qual indo por mandado de seu pai buscar a Europa sua irmã , que Jupiter havia furtado ; como a não achasse , nem se atrevesse tornar a seu pai sem ella , fundou em Beocia a Cidade de Thebas ; e como seus companheiros fossem já todos mortos por huma grande serpente , que sahio de huma fonte , onde haviam ido por agua , Cadmo em vingança delles a matou , e semeando seus dentes , nascêrao delles homões armados ; os quaes pelejando entre si , se matárao ; excepto cinco , com que edificou a Cidade.

Cai-

Cairo, grandíssima e admiravel Cidade, edificada no coração de Egypto, a qual dizem tem de circuito 22. milhas, sem comprehender muitos e grandísimos arrabaldes. He terra de grande trato, e commercio de toda Asia, Africa, e Europa.

Calatrava, o Mestre de que o Poeta faz menção.

Calayate, Lugar de Socotorá para Ormuz.

Calecut, Cidade do Malabar, e a mais rica de toda a India; da qual se chama Calecut toda a terra de Malabar.

Callisto, filha de Licaon, Rei de Arcadia, mudada em Ursa por Juno, e depois em estrella por Jupiter, a qual se toma pelo Norte.

Calliope, huma das nove Musas, e a principal; e affi invocada dos Poetas nos versos heroicos.

Calpe, hum monte de Gibraltar, chamado Herculanho do Poeta, por se dizer huma das columnas de Hercules.

Calypso, filha de Tethys, e Oceano, grande espediçada de Ulysses, o qual a não largara nunca, se Jupiter, a requerimento de Pallas, o não obrigára.

Cambaia, Reino muito rico, e abastado, pelo qual entra o rio Indo.

Cambalo, he huma pequena Ilha junto a Cochim, onde Duarte Pacheco desbaratou tres vezes ao Samorim.

Camboja, Reino maritimo, sujeito ao Reino de Siao, pelo qual passa hum grandíssimo rio, chamado Mecom, que quer dizer Capitaõ das aguas, cujo nascimento he na China.

Camenas, nome das Musas.

Campaspe, huma das principaes concubinas de Alexandre Magno, o qual mandando-a retratar por

Apelles, vio o ao pintor taõ namorado, que lhã deo por mulher.

Canace, filha de Eolo, Rei dos ventos, a qual secretamente concebeo, e pario de Macareo seu irmão: e entendendo isto seu pai, mandou deitar os meninos aos cães, para que os despedaçassem: e tomando Canace huma espada n'huma mão, e a penna n'outra, escreveu a seu irmão aquella carta, que Ovidio refere entre as Heroidas.

Cananor, Reino da India, na costa do Malabar.

Canará, são os moradores do Reino Bisnagar.

Canareas, são doze Ilhas no mar Oceano, as quaes os Escriptores antigos chamavaõ Fortunadas.

Cancro, Signo celeste.

Candace, Rainha de Ethiopia, no tempo de Augusto; de taõ grande animo, e de tal merecimento entre os seus, que dalli por diante todas as Rainhas de Ethiopia foraõ chamadas Candaces.

Cannas, Lugar de Apulia, junto ao qual Annibal desbaratou os Consules Paulo Emilio, e Terencio Varraõ, com morte de 40000. Romanos, e foi taõ grande o número dos Cavalleiros mortos, que se tomaraõ tres alqueires de annéis, os quaes só a gente nobre podia trazer; e foi a maior perda que os Romanos tiveraõ em sua Monarchia.

Canusio, Lugar de Apulia, visinho de Cannas.

Cappadoces, os moradores de Cappadocia, parte de Natolia, que hoje chamamos Turquia.

Carlos: de dous faz o Poeta mençaõ. O primeiro chamado Magno, Rei de França, e Imperador Christianissimo, filho de Pipino, e de Berta, filha de Heraclio Imperador de Constantinopla. O segundo foi Carlos segundo, Imperador dos Romanos, pai de Juditha, que casou com Balduinos. Vide Balduino. Car-

Carmania, Região da India.

Carpella, he o cabo Jasque, fóra da garganta do estreito Persico.

Carthago, Cidade célebre de Africa, infesta aos Romanos, e em fim, vencida; da qual era natural e Rei hum dos musicos que o Poeta diz; he a saber, Iopas, hum dos competidores da Rainha Dido.

Caspia ferra, Caspios montes, e Caspios aposentos, tudo vem a ser huma cousa mesma, e finalmente huma Região de Scythia.

Cassiopéa, ou Cassiope, mulher de Cepheo, Rei de Ethiopia, a qual (contam) se quiz preferir em formosura ás Nymphas; pelo que ellas indignadas atáram sua filha Andrómeda a hum penhasco, para que huma besta marinha a comesse; mas Perseo a livrou, e casou com ella; e Cassiopéa, pelos merecimentos do genro, foi trasladada ao Ceo, e agora he huma imagem, ou constellacão delle.

Cassio Sceva, Capitam de huma companhia de Cesar, o qual estando á porta de hum Lugar de Macedonia, foi comettido por muitos inimigos, e tendo já hum olho quebrado, muito mal ferida huma coxa, e o braço, e o escudo despadaçado, com muitas feridas por todo o corpo, nunca se quiz render.

Castelbranco, foi Dom Pedro de Castelbranco, Capitam, de Ormuz, em cujos mares houve grandes victorias dos Turcos.

Castella, são duas Provincias de Hespanha, com este nome, e dividindo-se com huma montanha, que começa nos confijs de Navarra, e atravessa quasi toda Hespanha até o mar: se distingue tambem com os nomes de Velha, e Nova. Da Nova he cabeça Toledo, e da Velha Burgos.

Castro, foi Dom João de Castro, Vice-Rei da India,

- o qual teve muitas victorias contra El Rei de Cambaia , e contra o Hidalcaõ , e fez outras muitas cousas dignas de memoria.
- Catharina**, Virgem, e Martyr, sepultada no monte Sinai.
- Catilina**, Lucio Sergio Catilina, Consul Romano, o qual determinou, com outros de sua parcialidade, apoderar-se de Roma.
- Cauchichina**, he Reino Oriental junto a Cambaia, ao qual os naturaes chamam Cacho.
- Caudinas forcas**, aquellas, por onde os Samnites, Povos de huma Região de Italia, obrigaram passar sem armas aos Romanos, capitaneados pelo Consul Sp. Posthumo; affronta de que os Romanos se vingaram bem.
- Cezimbra**, Lugar maritimo de Portugal.
- Chaul**, Cidade no Reino Adecaõ, que corruptamente chamamos Daquem, distante da Cidade de Dio 50 leguas.
- Chersoneso Aurea**, he Malaca; Cabeça de todo o Reino assi chamado, cujo porto he muito bom, e frequentado de todas as Nações do Mundo, por ser muito abundante de todas as cousas.
- Chiamai**, lago donde nasce o Rio Menaõ, que fende de alto abaixo todo o Reino de Siaõ.
- Chimera**, monte de Lycia, o qual lança fogo pelo mais alto, e no tempo passado era muito povoado de leões, cabras montezas, serpes, e outros bichos venenosos, donde os Antigos fingiram ser hum monstro de tres cabeças, de leão, cabra, e dragão, por cujas bocas sahia muito fogo.
- China**, Imperio grande, e rico do Oriente, dividido em 15. Provincias: em as quaes se contém 245. Cidades notaveis, além de outras terras, Castellolos, Villas, e Lugares infinitos.

Dom Christovão, entende da Gama, o qual indo por mandado de Dom Estevão da Gama, Governador da India, em favor do Preste João, contra El Rei de Zeilá, desbaratou duas vezes os Mouros com 500. Portuguezes, que levava.

Cicero, he M. Tullio, filho de hum Tullio, e de Elbia sua mulher, Consul Romano, e per si assaz conhecido, e louvado.

Cicones, Povos de Thracia, os quaes tiveram muita guerra com Ulysses, depois da destruição de Troia.

Cilicios, são os de Cilicia, que hoje se chama Carmania, Região da menor Asia.

Cingapura, he hum Cabo de terra, defronte da Ilha de Samatra.

Cintra, Lugar de Portugal, na costa do mar Oceano, a cuja serra chama Varrao monte Tagro, e outros, e a serra da Lua.

Cinyras, Rei de Chypre, o qual de huma sua filha chamada Myrrha, teve Adonis, por onde o Poeta o chama filho e neto de Cinyras.

Cinyrea, he Myrrha, filha de Cinyras, a qual foi convertida em huma arvore do seu nome.

Circes, são as feiticeiras, porque Circe filha do Sol, e de Perse Nympha, o foi tão famosa, que com seus encantos e feiticarias transformou (segundo contam as fabulas) os companheiros de Ulysses em porcos.

Claudinas forcás, vide Caudinas forcás, que de hum modo, e outro, se póde ler este lugar, alludindo a Claudio Penciao Imperador dos Samnites, ou ao Lugar, chamado Gauda, onde foi o successo que o Poeta aponta, e atraz explicámos.

Cleoneo leão, he o que matou Hercules junto a huma

- Aldea chamada Cleone, entre Argos, e Corintho: e he o que por outro nome se chama Nemeo.
- Clicie, Nymphe, a quem Apollo foi muito affeccionado.
- Cloris: assi se chamava Flora, Rainha das flores, antes que se casasse com Zephyro.
- Cloto, hum das tres Parcas.
- Clymene, filha de Tethys, e do Oceano, a qual foi mãe de Phaetonte, que he o Sol.
- Cochim, Cabeça de hum Reino assi chamado, 30. leguas de Calecut, na costa do Malabar, com cujos Reis tiverão sempre os Portuguezes muita amizade.
- Cocles, foi Horacio Cocles, nobre Romano; o qual na guerra que Porfena, Rei de Hetruria, teve com os Romanos, pela restitução dos Tarquinos, soffteve o impeto dos inimigos, com dous companheiros sómente, querendo passar a ponte Sublicia sobre o Tevere, com tanto esforço, que os Romanos tiveram lugar de derribar a ponte; e estando já seus companheiros em salvo, armado como estava, se lançou ao rio, e a nado passou sem perigo algum aos seus, pelo que os Romanos lhe levantáram huma estátua.
- Cocyto, Rio do inferno, significa choro.
- Codro, Rei dos Athenienses, o qual por salvar sua patria, se entregou á morte.
- Coelho, he Nicolao Coelho, Capitam de hum dos cinco navios, com que Vasco da Gama foi em descobrimento da India.
- Colchos, Região de Asia, que hoje se chama Mingrelia, sujeita ao Graó Cam, Senhor dos Tartaros; em a qual diziam estava hum vello de ouro, chamado commummente o Vellocino.

Colosso, estatua de metal em Rhodas, dedicada ao Sol; a qual era de muito grande altura, e por este respeito tida por huma das sete maravilhas do Mundo.

Columbo, Lugar pequeno, mas o principal porto da Illha de Ceilaõ.

Comorim: he este Cabo defronte de Ceilaõ.

Conca, Cidade de Castella a Velha, donde nasce o Rio Tejo.

Congo, Reino antiquissimo de Africa.

Constantino: o primeiro foi por alcunha chamado Paleologo, o qual perdeu a Cidade de Constantinopla: o segundo, foi Constantino Magno, filho de Santa Helena, o qual fez a Constantinopla Cabeça do Imperio.

Constantinopla. Veja-se Byzancio.

Cordova, Cidade clarissima de Hespanha Bethica, Cabeça do Reino do mesmo nome, e patria dos dous Senecas, e Lucano.

Cori, he o mesmo que Comorim.

Coriolano, Varaõ illustre Romano, a que Cicero em muitos lugares compara com Themistocles; o qual sendo em humas dissensões lançado fóra de Roma, por vingar sua injúria, lhe fez depois muita guerra.

Corvino. Valerio Messalla, Tribuno de soldados, sahindo a desafio com hum Francez, teve em sua ajuda hum corvo; o qual pondo-se-lhe em cima do capacete, de quando em quando fazia dalli suas arremetidas contra o Francez, afferrando-lhe no rosto, e nos olhos, com que o Romano ficou vencedor, e dalli por diante com o appellido de Corvino.

Coulaõ, terra da Provincia do Malabar.

Coulete, outro Lugar na costa do Malabar, seis leguas de Calecut.

- Cranganor**, terra da mesma Provincia.
- Crocodilo**, animal grandissimo, da feição de lagarto.
- Cuama**, rio que nasce na alagôa do Nilo.
- Cunha**: hum he o grande Nuno da Cunha, e o outro Tristaõ da Cunha, o qual descobrio as Ilhas que hoje se chamam de seu nome.
- Cupido**, bem conhecido he de todos.
- Curcio**: este he Marco Curcio, taõ afeiçãoado á sua patria, que não receou perder a vida por amor della.
- Cutiale**, nome de hum Mouro, que viera de Meca á India, e tendo cento e trinta vélas muito bem artilhadas, Lopo Vaz de Sampaio o desbaratou com onze fômente.
- Cybele**, mãi dos deoses gentilicos, e mulher de Saturno, a qual dedicavam o pinho; por quanto **Atis**, a que foi muito afeiçãoada, foi convertido em esta arvore.
- Cyclopes**, foram tres, **Brontes**, **Steropes**, e **Piramon**, filhos de Neptuno; aos quaes fingem os Poetas obreiros de Vulcano, ferreiro de Jupiter seu pai, em a Ilha Lipara, huma das Eolidas, que estão entre Italia, e Sicilia.
- Cylleneo**, he Mercurio, chamado assi de Cyllene, monte de Arcadia, onde nasceu, e era venerado.
- Cyniphio**, rio de Africa.
- Cynosura**, constellação celeste, chamada por outro nome Ursa maior.
- Cyparisso**, filho de Telepho, matando por desastre hum cervo, a que elle amava muito, ficou taõ sentido, que Apollo, de quem foi muito amado, tendo piedade delle o converteo em cypreste.
- Cyphisio**, flor, he o lyrio, em que Narciso, filho da Nympha Lyriope, e do rio Cyphisio, foi convertido.

Cypria, deusa: he Venus, chamada assi de Cyprio, onde era venerada.

Cyprio, he a Ilha de Chypre, no mar Mediterraneo, sujeita ao Graó Turco.

Cyro, Rei dos Persas: veja-se Araspes, para entendimento do Poeta.

Cythéra, Ilha no Peloponezo, chamada hoje Cetige, dedicada a Venus, a quem por essa razão chamam Cytheréa.

D

D Abul, Lugar de Cambaia, que Dom Francisco de Almeida, Viso-Rei da India, entrou á força de armas, e o destruiu, sem ficar pedra sobre pedra, nem pessoa viva.

Dalmatas, os de Dalmacia, que agora communmente se chama Esclavonia.

Damaó, Cidade no Guzarate, Reino da India.

Damasceno, de Damasco, em cujo campo Deos Nosso Senhor creou o primeiro Homem.

Dano, he o morador de Dania, que agora chamamos Dinamarca.

Danubio, o maior, e mais celebrado Rio de toda Europa.

Daphne, Nympha, filha do Rio Peneo, convertida em louro por causa de Apollo.

Dardania, assi se chamou Troia, de Dardano Rei della.

Dario, Rei dos Persas.

David, Rei sanctissimo, e Propheta, cheio de Espirito Santo; de quem disse Deos, que achára hum homem conforme o seu coração: com tudo, namorado de Bethlabé mulher de Urias seu Cavalleiro,

veio

veio a commetter hum adulterio , hum homicidio , e huma treição ; de que deſpois arrependido cantou o Pſalmo Miſerere. Por filho de David, entenderemos a Chriſto Senhor Noſſo , phraſe , e termo de fallar Hebraico , por ſer da geſeração de David. Vide Saul.

Decanijs, ſão os do Reino do Hidalcaõ , em o qual eſtão Chaul , Dabul , Goa , e outros muitos Lugares , conhecidos já por fama.

Decios , Romanos fortiffimos , os quaes amáram tanto ſua patria , que ſe ſacrificáram por ella ; o pai na guerra Latina , o filho na Hetruſca , e o neto em a guerra que Pyrrho fez pelos Tarentinos.

Dedalea facultade , obra e artificio de Dedalo , Architecto famoso.

Deli , Reino muito grande no Oriente , ainda que hoje muito menor do que já foi.

Delio , he o Sol , chamado aſſi da Ilha Delos , onde dizem que nasceo.

Delos , Ilha no mar Egéo , ou Myrthoo , aonde Latona pario a Apollo , e a Diana , e deſde entã ficou firme , ſendo de antes inſtavel , e que andava vagando pelo mar : por outro nome ſe chama Ortygia.

Demodoco , Muſico e tangedor excellentiffimo da Ilha dos Pheaces , que he a que hoje chamamos Corfú , e outros Corcyra.

Diana , filha de Jupiter , e de Latona , deoſa da caſtidade , e da caça. E a meſma que Lúa no Ceo , e Proſerpina no inferno , e aſſi a pintavaõ os Antigos com tres roſtos.

Dina , filha de Jacob , a quem a furtou Sichem , filho de Hemor , por cuja cauſa foi morto , e todos os ſeus , e a terra deſtruyda.

Dinis, he Dom Dinis, Rei de Portugal, filho d'El-Rei D. Afonso o Terceiro.

Dio, ou **Diu**, Cidade maritima em o Reino de Cambaia, fertil, abundante, fadia, e de muito trato.

Diogo, hum dos dous feitores que Vasco da Gama em Calecut mandou a terra para vender as fazendas, aos quaes Joao de Barros chama Alvaro Dias, e Diogo Correia Goes, Diogo Dias, e Alvaro de Braga.

Diomedes, Tyranno cruelissimo de Thracia, o qual sustentava os cavallos com a carne e sangue dos hospedes que agasalhava.

Dione, maa de Venus, e filha do Oceano, e de Tethys. Algumas vezes se toma pela mesma Venus.

Dite, irmao de Jupiter, e Neptuno, deos dos infernos, (segundo os Poetas) chamado por outro nome Plutaõ.

Dofar, Cidade insigne em a costa de Arabia Feliz, donde vem o melhor incenso.

Dorcadas, chamadas por outro nome Gorgonas, querem algũs que sejam as Ilhas de S. Thomé, e Principe, junto a Manicongo.

Doris, Nympha do mar, filha do Oceano, e de Tethys, e maa de todas as Nymphas marinhas. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

Douro, o maior Rio de Hespanha.

Duarte, primeiro do nome, e undecimo Rei de Portugal: foi filho d'ElRei Dom Joao o Primeiro.

E

E Borenses campos, os de Evora Cidade.

Egas, foi Egas Moniz, aio d'ElRei Dom Afonso Henriques.

Egao, nome de hum Gigante, filho de Titano, e da terra.

Egy-

Egyptia terra, he o Egypto, Região junto de Africa, e parte de Asia, abundante pela inundação do rio Nilo, da qual era Rainha Cleópatra, famosa, mas pouco honesta.

Elvas, Cidade na arraia de Portugal, e Praça fronteira a Badajoz.

Elyfios, os campos Elyfios, onde os bemaventurados, depois de passar desta vida (conforme a opinião dos Ethnicos) hiam descansar e gozar de perpétua felicidade: hũus os põe nas partes de Andaluza, e outros em Beocia, junto da Cidade de Thebas.

Emathio, campo de Emathia, Região da Grecia, chamada por outro nome Theffalia, e Emonia, onde Pompeio foi vencido de Julio Cesar seu sogro.

Emodio, he hum esgalho do monte Tauro, o qual serve de termino pela parte do Norte, á terra a que chamamos India, e os naturaes e visinhos Indostan.

Encélado, Gigante grandissimo, filho de Titano, e da terra.

Enéas, Varaõ Troiano, filho de Anchises, e da deosa Venus, bem conhecido pelos versos de Virgilio.

Eniocos, povos de Sarmacia^a Asiatica, que hoje chamamos Moscovia.

Eolo, filho de Jupiter, e de Sergesta, Rei das Ilhas Eolias, dito Rei dos ventos, e das tempestades.

Eoo, he o mesmo que do Oriente.

Epicuria feita, a de Epicuro Philosopho de Athenas, ou Samos, o qual tinha por opinião, que a nossa alma era mortal, e corruptivel; e entre outros diabolicos erros, dizia mais, que toda a felicidade da vida estava nos deleites della, e que

- que não havia outro bem, mais que comer, e beber, e levar boa vida.
- Erycina**, he Venus, assi chamada de Eryx, ou Eryce, monte de Sicilia, que hoje se diz de S. Juliaõ, onde antiguamente era venerada.
- Erymantho**, Rio de Arcadia, que nasce de hum monte do mesmo nome, em o qual Hercules tomou hum javali, que destruiu toda a terra, e o levou vivo a El Rei Euristheo, por cujo mandado foi aquella empreza, crendo que morresse nella.
- Erythreas ondas**, as do mar Roxo, pelo qual o Povo de Israel passou a pé enxuto, fugindo de Pharaõ, que com toda sua gente se affogou nelle.
- Erythreo seio**, aquelle espaço de mar que fica das portas do dito mar Roxo para dentro.
- Escandinavia**, he huma Península, onde está o Reino de Suevia, e outros.
- Espanha**. Vide Hespanha.
- Estevaõ**, he Dom Estevaõ da Gama, o qual succedeo em o governo da India a Dom Garcia de Noronha, e a quem succedeo Martim Afonso de Sousa.
- Estrabo**, Philospho Cretense, e Geographo insigne nos tempos de Augusto.
- Estygio lago**, o que os Poetas fingem haver no inferno: o qual dizem haver sido taõ venerado dos proprios deuses, que quando juravam por elle, não ousavam quebrar o juramento.
- Esyre**, Nympha, filha do Oceano, e de Tethys.
- Ethiopia**, Regiaõ de Africa, entre Arabia, e Egypto.
- Etna**, monte altissimo de Sicilia, chamado hoje Mongibello, o qual deita de si chammas de fogo.
- Evora**, Cidade célebre de Portugal.
- Euphrates**, Rio célebre de Asia que corre por hum lado de Mesopotamia: he hum dos quatro Rios que
nas-

- nascem no Paraíso Terreal, como parece no Génesis, cap. 2.
- Europa, huma das quatro partes da terra.
- Euridice, mulher de Orpheo, musico, e tangedor excellentissimo, o qual com sua viola attrahia a si homões, pedras, arvores, e outras cousas insensiveis; e fazia que os rios se detivessem a ouvir sua musica.
- Eurysteo, Rei de Grecia; o qual á instancia de Juno, mandava Hercules a varias emprezas, todas muito perigosas, a fim de que em alguma perecesse.
- Euxino mar, he o que hoje chamam mar maior, onde está a grande Cidade de Constantinopla, pelo qual navegou a náó Argo, da qual tratámos já em seu lugar.

F

- F** Alerno, monte de Campania, em o qual se dão vinhos excellentissimos.
- Fartaque, Cidade principal na costa de Arabia Feliz; em a qual ha hum Cabo do mesmo nome.
- Favonio, vento Occidental, que por outro nome se diz Zéphyro, que quer dizer dador da vida, porque he brando, e amigo da natureza.
- Fernando, e Fernão, he o mesmo quanto ao nome; porém quanto ás pessoas, hum delles foi ElRei D. Fernando; primeiro, e ultimo do nome em Portugal, filho d'ElRei D. Pedro. Outro ElRei Dom Fernando, filho d'ElRei Dom João de Aragoá. Outro Fernão Martijs, a quem Goes chama Martin Afonso, e diz que era hum marinheiro, interprete de Vasco da Gama para a lingua Arabiga. E outro finalmente foi Dom Fernando de Castro, irmão de Dom Alvaro de Castro, Viso-Rei da India.
- Flora, tida entre os Antigos por deosa das flores.

Fran-

Francisco , foio Viso-Rei Dom Francisco de Almeida.

Frandes , Região da Gallia Belgica.

Fuas , Dom Fuas Roupinho , Cavalleiro Portuguez , e esforçadissimo.

Fulvia , mulher de Marco Antonio.

G

Gabelo , certo morador de Rages na Média , de quem indo Tobias por mandado de seu pai arrecadar hum pouco de dinheiro , e não se atrevendo ir sem companheiro , lhe appareceo o Archanjo São Raphael , e o acompanhou té o lugar onde hia.

Gaditano mar , he o Occidental , dito assi de Gades , que he a Ilha de Cadis , sita no Poente.

Galathea , Nympha do mar , filha de Nereo , e Doris , a qual foi muito amada do Gigante Polyphemo.

Galerno , he o mesmo que Favonio vento , ou Zephyro.

Gallegos , povos de Hespanha.

Gallia , he França.

Gallo , o Francez.

Gambea , rio de Africa , que alguns querem seja o Niger.

Ganges , rio da India , por outro nome Phison , hum dos quatro que nascem no Paraíso Terreal.

Gangetico , couza do Ganges.

Garumna , rio de França , o qual nasce nos montes Pyreneos , e dividindo a Gasconha de França , entra no mar Oceano.

Gate , monte do Reino de Narsinga , o qual serve aos Malabares de muro , contra os moradores de Bisnaga visinhos.

- Gedrosia**, Provincia de Africa, na Costa de Guiné.
- Georgianos**, povos de Asia menor, sujeita hoje ao Turco.
- Germano**, quer dizer Alemam.
- Gerum**, he huma pequena Ilha, onde está situada a Cidade Ormuz.
- Gidá**, a que outros chamam Judá, Cidade na Costa de Arabia, e porto da Cidade de Meca.
- Gigantea**, cousa de Gigante.
- Gigantes**, foram, segundo os Poetas, filhos de Titano, e da terra, os quaes determináram subir ao Ceo, e lançar a Jupiter fóra delle.
- Gil Fernandes**, por alcunha, ou sobrenome, de Elvas, foi falsamente preso por Paio Rodrigues Marinho, que era Alcaide mór de Campo Maior, o qual tinha a voz de Castella, mas resgatado se encontrou depois com elle, entre Elvas, e Campo Maior, onde Paio Rodrigues foi preso, e morto.
- Giraldo**, foi hum Cavalleiro Portuguez de muito esforço, e sem medo algum; pelo que era chamado, sem pavor, em tempo d'El Rei Dom Afonso Henriques, em cuja desgraça andava lançado com os Mouros; e por se reconciliar com Deos, e com El Rei, deo traça com que Evora se tomasse aos Mouros.
- Glaphyra**, por cujos ditos, chistes, e trovinhas, Marco Antonio deixava a sua mulher Fulvia.
- Gnido**, ou Cnido, Ilha do mar Carpathio.
- Goa**, Cidade Metropoli Archiepiscopal da India.
- Gofredo**, ou Godifredo, que commummente chamamos Godofre de Bulhaõ, foi filho de Eustachio, e de Ida, Duque de Letena, o qual ganhou a Corbana Persa a sancta Cidade de Hierusalem, onde foi acclamado Rei, anno de 1098.

Go-

DOS NOMES PROPRIOS. 227

Goliath, he o Gigante Philisteo, a quem o Sancto David matou com huma funda.

Gonçalo Ribeiro, chamava-se **Gonçalo Rodrigues Ribeiro**; o qual, com **Vasco Anes**, collaço da Rainha **Dona Maria de Castella**, e **Fernão Martijs de Santarem**, fizeram grandes cousas em França, onde passáram a ganhar fama, por sua cavallaria, como então se costumava; e vindo **Gonçalo Rodrigues** ter a **Castella**, matou em desafio a hum **Castelhano**, e em humas justas reaes, que **El Rei de Castella** fez á sua instancia, fizeram todos tres muitas vantagées.

Gonçalo: este foi o **Beato Gonçalo da Sylveira da Companhia de Jesus**.

Gotthica gente, os **Godos**, povos de **Scythia**, espanto antigamente de toda **Italia**, aonde fizeram grandes crueldades, seguindo a **Atila seu Rei**, e seu **Capitam**.

Granada, **Reino de Hespanha**, he huma **Cidade** assi chamada, na **Provincia** que he **Andaluzia**.

Granadil, o de **Granada**.

Grecia, **Região de Europa**, em todas as disciplinas antigamente celeberrima, hoje quasi sujeita ao **Turco**.

Grego sabio, he **Ulysses**, natural de **Grecia**.

Guadalquivir, he o **Bethis Rio**, que passa por **Sevilha**.

Guadiana, rio de **Hespanha**, que nasce junto á ferra de **Alcarraz**; e junto de hum Lugar que chamam **Puebla de Alcaçar**, se mete debaixo do chão, e vai sahir dahi nove ou dez leguas.

Guardafu, o **Cabo** a que os Antigos chamam **Aromata**, no fim da terra de **Africa**, e principio de **Asia**.

Gueos, povos sujeitos ao **Rei de Siaó**.

Guído, cognominava-se Lufigniano, e foi ultimo Rei de Hierusalem.

Guzarates, são os moradores do Reino de Cambaia, onde está Dio.

H

H Alcyoneas aves, são os maçaricos, em os quaes Halcyone, filha de Eolo, foi convertida.

Hammon, assi se chamava Jupiter em figura de carneiro, como era adorado em Libya.

Harpias; foram tres, Elo, Ocypite, e Celeno, que tambem se chama Podarge, das quaes contam os Poetas, que quando Phineo Rei de Thracia, por conselho de sua segunda mulher, tirou os olhos aos filhos da primeira, os deoses enojados disso lhe quebráram os seus, e para maior tormento, tudo quanto lhe punham diante para comer lhe tiravam as harpias, que eram humas aves muito çujas, e golosas.

Hebrea a mãe, entende Emina mãe de Mafamede, cujo pai foi Abdela, gentio de nação.

Hector, hum foi Hector da Sylveira, que desbaratou a Halixa Capitam mór da Armada de Dio; e o outro, a quem o Poeta o compara, Hector Troiano, filho de Priamo Rei de Troia, e de Hecuba sua mulher, o qual por muitas vezes desbaratou os Gregos no cerco de Troia.

Helicon, monte de Beocia, não longe de Parnaso, dedicado a Apollo, e ás Musas.

Helio Gabalo, Imperador Romano, o mais vicioso, e affeminado homem, que houve no Mundo.

Helle, filha de Athamante Rei de Thebas, e de Nepheles, a qual fugindo com seu irmão Phrixo, do odio

odio e traições de sua madrastra Ino , e indo para passar o Ponto em o carneiro de ouro que seu pai lhe dera , cahio no mar ; o qual por esta occasião se ficou dalli chamando Hellesponto.

Hellesponto , he hum braço de mar que divide Asia de Europa , chamado hoje o estreito de Galipoli , ou braço de S. Jorge.

Hemispherio , quer dizer meia esphera , que significa redondeza ; e assi chamam os Gregos ao Mundo , como os Latinos , Orbe.

Hemo , monte de Thracia altissimo , em o qual se diz estar o domicilio de Marte : hoje se chama cadeia do Mundo , e toda esta terra he sujeita ao Turco.

Henrique. O primeiro de que o Poeta faz menção , foi o Conde Dom Henrique , pai d'ElRei Dom Afonso

Henriques , primeiro de Portugal. O segundo , o Infante Dom Henrique , filho terceiro d'ElRei D. Joáo o primeiro , com que se achou na tomada de Ceita , e foi o primeiro que entrou as portas della , como o Poeta adiante diz no Canto 8. est. 37. O terceiro , foi hum Cavalleiro Alemam , o qual morreu nesta Cidade de Lisboa , quando foi tomada aos Mouros : ao longo de sua sepultura se conta que nasceo huma palmeira , com a qual , pela virtude deste santo Varaõ , se obravam muitas maravilhas. E o quarto , Dom Henrique de Menezes , por alcunha , o roxo , que succedeo no governo da India a Dom Vasco da Gama , e foi muito virtuoso , e esforçado Cavalleiro.

Hercules , filho de Jupiter , e Alcmena , do qual se escrevem grandes feitos , e se contam principalmente doze trabalhos ; dos quaes se explicam alguns , por diversos lugares deste Indice , onde convem para entender os do Poeta.

Her-

Hermo, Rio de Lydia, que divide a Eolia da Jonia, com o qual se mistura o Pactolo: ambos levam até as de ouro.

Heroas, e **Heroes**, chamavam os Antigos aos Varões illustres, e de grande valor, que por suas façanhas, e virtudes, mereceram ser tidos por iguaes aos deuses, e de ahí, couza heroica.

Heroftrato, hum louco, e perdido, o qual queimou o Templo de Diana Ephesia, só por adquirir fama immortal no Mundo.

Hespanha, ou **Espanha**, por outro nome dita **Hesperia**, Provincia de Europa, bem conhecida.

Hesperia: a última, ou menor, he Hespanha; a primeira, ou maior, Italia.

Hesperides, foram tres, Egle, Arethusa, e Hesperethusa, filhas de Hespero Rei de Africa. as quaes se diz tinham hum pomar que dava frutos de ouro, e era guardado por hum dragaõ, que nunca dormia, mas Hercules o matou, e levou os ditos pomos. Habitavam as Hesperides em humas Ilhas, que de seu nome, ou de Hespero seu pai, se chamavam Hesperides, e conforme a opiniaõ de algũus, saõ as que hoje dizemos do Cabõ Verde.

Hesperio, he o mesmo que Hespero.

Hidalcaõ, Principe poderosissimo da India, em o Reino Decan, onde está a Cidade de Goa, a quem o dito Hidalcaõ cercou no anno de 1572. com 7000. Infantes 3500. cavallos, 200. elephantes, e 250. peças de artilheria, sem lhe aproveitar nada.

Hierosolyma Cidade, de Hierusalem.

Hierusalem, Cidade principal, naõ só de Judéa, mas de todo o Mundo, e onde foi obrado o mystério principal de nossa Redempçaõ.

Hippocrene fonte de Beocia, nascida, como os Poetas

tas dizem , da ferida que o cavallo Pégaso alli fez com o pé ; a qual he dedicada ás Mufas.

Hircinia montanha , dizem fer hum bosque muito grande , e muito espesso , entre o qual , e a terra de Sarmacia , está Alemanha.

Homero , Poeta Grego , e Principe dos Poetas : e por elle fer este , depois de morto , contendêram muitas Cidades de Grecia sobre qual dellas era sua Patria.

Horizonte , no sentido do Poeta he aquella parte do Ceo onde o Sol começa mostrar seus raios.

Hunno , o Hunno fero , foi Atila.

Iyacinthinas flores , de Hyacintho , mancebo amado de Apollo , o qual se matou a si mesmo ; e não podendo Apollo remediar sua morte , o converteo em huma flor , com as letras A. I. que vem a dizer ai , em lembrança do que Hyacintho deo quando cahio morto.

Idaspe , ou Idaspe , rio da India , celebrado por sua grandeza.

Iymeneo , filho do deos Baccho , o da deosa Venus , honrado por deos das bodas , entre os Ethnicos , e assi se toma pelas mesmas bodas , e casamentos.

Hyperboreos montes , são hũus que ficam na parte Septentrional de Europa.

Hyperionio , he o mesmo Sol , do qual se finge , que depois de ter dado luz neste Hemispherio , se recolhe ao mar , e com Tethys senhora delle , passa a noite , descansando do trabalho do dia.

Hypotades , he Eolo Rei dos ventos ; por ser casado com Sergesta , filha de Hypotas Troiano.

I

Jano , Rei antiquissimo de Italia , ao qual pintavam com dous rostos.

Jaos , gente de Jaoa , Provincia do Oriente.

Japaõ , Ilha do Oriente , que dizem terá 600. leguas de comprimento , e 300. de largo , sujeita toda a hum só Rei , ao qual elles chamam Voo , e o que agoa reina se chama Tuxo Gunzama.

Japeto , Gigante , filho de Titano , e da terra , pai de Prometheo , do qual contam os Poetas , que fazia homões de barro , com tanto engenho , que pareciam vivos ; e vendo acaso Minerva a sua obra , lhe deo ajuda para subir ao Ceo , donde trouxe fogo , que tirou do carro do Sol , com que deo vida aos homões , que de barro fazia , e daqui vem que alguns hoje presumem ser filhos do mesmo Sol. Ma querendo Jupiter castigar este atrevimento , o mandou amarrar no monte Caucaço com huma aguia , a qual de continuo estivesse comendo-lhe as entranhas.

Jaquete , Lugar do Reino de Cambaia , ao longo da costa , junto ao qual faz o mar huma enseada muito metida pela terra dentro , em a qual o mar enche vasa com tanta pressa , que trastorna todo o navio , que não acha com a prôa para a corrente da agua.

Jasque , hum Cabo nas partes da India , chamado antigamente Carpella , cujo sertão he muito esteril , e foi dito Carmania.

Ibero , he o Ebro , Rio de Hespanha ; e assi terras Iberinas , terras de Hespanha.

Idalio , monte , bosque , e castello na Ilha de Chpre , dedicada a Venus.

Idaspe , vê Hydaspe.

Idéa selva, huma do monte Ida, junto a Troia, em a qual deo Páris o juizo das tres deusas, Juno, Pallas, e Venus.

Ignéz, foi Dona Ignéz de Castro, Senhora muito principal, cuja historia com ElRei Dom Pedro he mui sabida.

Illyricos, de Illyrico, ou Illyris, Região na costa do mar Adriatico.

India, fica entre o Meio dia, e o Oriente, Região saluberrima, e bem conhecida.

Indo, hum dos maiores rios do Mundo, que rega, e dá nome á India.

Inglaterra, Ilha no mar Oceano bem conhecida, cujos Reis entre outros titulos, tem o de Hierusalem.

Joaõ, ou Joanne: hum foi ElRei Dom Joaõ o Primeiro, chamado de boa memoria, filho d'ElRei Dom Pedro; o outro foi d'ElRei Dom Joaõ o Segundo, filho d'ElRei Dom Afonso Quinto; e o ultimo ElRei Dom Joaõ o Terceiro, filho d'ElRei Dom Manoel: e todos tres foram muito valerosos.

Iopas, hum grande musico de Africa, e tangedor excellentissimo.

Jordaõ Rio, que nasce ao pé do monte Libano, e o primeiro do Mundo pelas maravilhas que nelle foram feitas, e por haver sido baptizado nelle Christo Nosso Salvador, por S. Joaõ Baptista. A agua deste Rio escreve o Senhor de Vallemont Francez, em o livro que fez de suas viagées, que não se corrompe, nem se gasta jámais: o que experimentou por huma redoma, que cheia della trouxe desde Hierusalem até Veneza, distante mais de 700. leguas huma da outra, segundo o caminho que fez.

Ios, ou Chios, Ilha no mar Mirtoo, em a qual dizem estar sepultado o Poeta Homero.

- Ismael** , filho de Abrahaõ , e de Agar escrava sua , do qual os Mouros saõ chamados Ismaelitas.
- Ismar** , hum dos cinco Reis Mouros , a quem ElRei Dom Afonso Henriques venceu no campo de Ourique.
- Israel** , nome que o Anjo poz a Jacob.
- Istro** , Rio grandissimo de Europa , o qual por outro nome se diz Danubio.
- Italia** , nobilissima Regiaõ de Europa.
- Ithaco** , he Ulysses , chamado assi de Ithacá sua patria, Ilha do mar Egeo , vulgarmente dita Val dũ Compare , muito montuosa , e de pouco valor.
- Juba** , Rei antigo de Mauritania.
- Judaico Rei** , entende Ezechias , o qual estando já sentenciado por Deos á morte , foi milagrosamente por suas lagrimas remediado.
- Judéa** , Regiaõ de Syria na Asia maior , a qual he parte de Palestina , chamada na Escriptura terra de Promissaõ , em a qual está a Cidade santa de Hierusalem , e he toda sujeita ao Turco.
- Juditta** , vê Balduino.
- Juliana manha** , a que o Conde Dom Juliaõ teve para perder Hespanha , metendo por Ceita os Mouros nella.
- Juno** , filha de Saturno , e de Opis , irmãa , e mulher de Jupiter , deosa dos Reinos , e riquezas , a qual se diz presidir tambem nos casamentos , e partos , por cuja causa a chamáram Pronuba , e Lucina.
- Jupiter** , filho de Opis , e de Saturno , nascido de hum parto com Juno , ao qual os Antiguos veneravam pelo maior de todos os deoses.

L

- L** Actea via, ou Lacteo caminho, he o que chamamos communmente caminho de Sant-Iago.
- Lageia, he Cleopatra, Rainha de Egypto.
- Lamo, Cidade na costa de Melinde.
- Lampecia, irmã de Phaetonte, filho do Sol.
- Lampethusa, outra irmã do mesmo Phaetonte, a qual com suas irmãs fizeram tão grande pranto pela cabida de seu irmão Phaetonte, que movidos os deoses a piedade as convertêram em álamos.
- Laos, povos sujeitos ao Rei de Siao.
- Lappia, Provincia de Europa Septentrional.
- Lara, Cidade da Persia, nos confijs de Ormuz.
- Lariffa, entende-se Coronis Nympha filha de Leucippo, chamada por outro nome Arfinoe, a qual matou Apollo pelo adulterio que contra elle commetteo.
- Latona, mãe de Apollo, que he o Sol, e de Diana, que he a Lua.
- Leão, Reino de Hespanha, sujeito á Corôa de Castella.
- Leiria, Cidade de Portugal.
- Leoa, terra asperrissima na costa de Africa.
- Leonardo, chamava-se Leonardo Ribeiro, soldado de Vasco da Gama, o qual dizem era muito gracioso, e namorado.
- Leonor, foi Dona Leonor Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, a quem ElRei D. Fernando a tomou, e se casou com ella.
- Lepido, foi Marco Lepido, o qual com Cesar Octaviano, e Marco Antonio, sendo Consules, e inimigos entre si capitaes, vieram a dividir o Imperio Ro-

Romano, que juntos governáram doze annos, e fizeram huma liga, e concerto, em que cada hum delles entregasse seus inimigos: e assi Marco Antonio entregou a Lucio Antonio seu tio, irmão de seu pai; Marco Lepido, a Paulo seu irmão; Cesar Oçtaviano a Marco Tullio Cicero, a quem sempre chamára pai, e de quem fora sempre tratado como filho.

Levante, he onde o Sol nasce.

Leucate Promontorio no Epyro, que hoje se chama Albania, e perto de outro Cabo chamado Accio, entre os quaes foi aquella memoravel batalha entre Oçtaviano Augusto, e Marco Antonio, em a qual Marco Antonio, e Cleopatra Rainha do Egypto, foram desbaratados.

Loucothoe Nympha, filha de Orchamo, Rei de Babilonia, pela qual Apollo fez muitos extremos, que lhe não custaram menos que a vida. E assi Apollo a converteo despois em a arvore que dá o incenso.

Libitina, deosa dos sepulchros, e se toma pela mesma morte, segundo Ravisio Textor.

Libya, he o mesmo que Africa, terceira parte da terra, dita assi de Libya, filha de Epapho, e mãe de Busiris.

Lipuscua, ou Guipuzcoa, Provincia de Biscaia.

Lisboa, celeberrimo Emporio de Portugal, e Cabeça de todo elle.

Livonios, povos de huma Provincia de Sarmacia, chamada agora Livonia.

Londres, Cidade antiquissima de Inglaterra, e Cabeça de todo o Reino.

Lotharingia, Provincia de Europa, a qual antigamente se dizia a Austria, e Austrasia.

Lo-

DOS NOMES PROPRIOS. 237

Loto, arvore em que foi convertida huma Nympha deste nome ; cujo fructo he taõ saboroso , segundo os Poetas , que dizem que os que comem d'elle se esquecem de suas terras , mulheres , e filhos , como succedeo aos companheiros de Ulysses.

Lourenço : este he Dom Lourenço de Almeida , o qual defronte de Cananor , com onze vélas , em que hiam sómente 800. homêes , desbaratou huma armada do Samori , composta de 8 náos grossas , e 124 paraos , em que havia gente sem conto.

S. Lourenço , Ilha famosa na costa de Ethiopia , a que os da terra chamaõ Madagascar. Ha nella differentes Reis , hũus Mouros , outros Gentios.

Luis , foi nono do nome em França , e dos Reis 45. , filho de Luis oitavo , canonizado por Sancto na Igreja de Deos , pelo Papa Bonifacio VIII. anno de 1197.

Lusitania , he Portugal.

Luso. Vide Lyfa.

Lycia , Região da menor Asia , célebre pelo Oraculo de Apollo ; cujos moradores , dizem os Poetas , foram convertidos em rãas , por negarem agua a Latona , passando por alli , em tempo de grande calma , apertada da sede.

Lyeo , hum dos nomes que os Poetas daõ a Baccho , que os Antigos tinham por inventor do vinho , havendo-o sido o Patriarcha Noé.

Lynces , animaes que vem muito.

Lyfa , ou Luso , companheiro , ou filho de Baccho ; de cujo nome , Portugal se disse Lusitania.

M

Macedonia, Provincia de Europa, dita assi de Macedon filho de Osiris, célebre pelos dous Reis Philippe, e Alexandro. Tambem se disse Emacia, ou Emathia, e agora Turquesia.

Maçuá, Cidade posta em huma Ilha do mesmo nome na costa de Africa.

Madagascar, he a Ilha de S. Lourenço, de que atraz fica dito.

Mafoma, ou Mafamede, Arabo, Inventor e Principe da feita Mahometana. O qual dizem os Mouros proceder de Abrahaõ, e de Agar sua escrava: foi filho de Abdelá Gentio, e de Emina, Hebreia de naçaõ.

Mafra, Villa no termo de Cintra.

Magalhães, foi Fernaõ de Magalhães Portuguez; o qual aggravado d'ElRei Dom Manoel, se passou a Castella, donde partio com cinco vélas para as Ilhas de Maluco, em cuja viagem descobrio o Estreito, que de seu nome se chama de Magalhães.

Magos: em a lingua de Persia, Mago he o mesmo que na Grega Philosopho, e na nossa Sabio. Commummente se toma por qualquer feiticeiro, e assi

Magica Sciencia, a feitiçaria.

Magriço: assi se chamava de alcunha Alvaro Gonçalves Coutinho, filho do Marechal Gonçalo Vasques Coutinho, e irmaõ de Dom Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. O qual foi hum dos doze Portuguezes, que passáram a Inglaterra, em favor das doze Damas, cuja historia com tanta elegancia o Poeta conta.

Mahometa, cousa de Mouros, os quaes se chamaõ Mahometanos. Ma-

Malaca, Cidade nobilissima do Oriente, chamada **Aurea**, assi pelo muito ouro que nella ha, como por sua formosura, e abundancia de todas as boas coufas do Mundo. Diz-se por outro nome **Chersoneso**.

Malaios, os moradores, e povos de Malaca.

Malavar, Reino do Oriente, onde está situada a Cidade de **Calecut**.

Maldiva, huma das Ilhas deste nome, e principal de todas ellas, sitas defronte da costa da India: debaixo da agua tem arvores que dão o coco, que chamamos de **Maldiva**.

Maluco, são cinco Ilhas deste nome, em as quaes se dá o cravo.

Mandinga, Provincia grandissima de Negros, em a costa de Africa, a qual he muito abundante de ouro.

Manoel, foi ElRei Dom Manoel, primeiro do nome, e 15. dos Reis de Portugal, e filho do Infante Dom Fernando, em cujo felicissimo Reinado se descobrio e conquistou a India.

Marathonios campos, estão na Região Attica de Grecia, em os quaes **Melciades**, valerosissimo Capitão dos Athenienses, desbaratou a **Date**, Capitam de **Dario** Rei dos Persas.

Marcello, he **Marco Marcello**, Capitam Romano valerosissimo, o primeiro que venceo a **Annibal**, Capitam dos Carthaginenses.

Marcio jogo, he a guerra de **Marte**, a quem os Antiguos tinham por deos della.

Marcomanos, povos de Alemanha, chamados hoje **Moravos**.

Maria, foi a Rainha **Dona Maria**, filha d'ElRei Dom **Afonso**, o quarto do nome em Portugal, a qual foi casada com ElRei Dom **Afonso**, segundo do nome em **Castella**.

Mario, Capitam valeroso entre os Romanos, mas taõ cruel, e inhumano, que se matou com suas proprias mãos.

Marrocos, Cidade da Barbaria, e cabeça de hum Reino assi chamado.

Marte, filho de Jupiter, e de Juno, a que os Antiguos tinham por deos da guerra, e de ordinario se toma pela mesma guerra.

Martim Lopes, foi hum Fidalgo Portuguez muito esforçado, o qual na entrada que em Portugal fez Dom Pedro Fernandes de Castro, pessoa principal de Castella, o qual por amor dos Condes de Lara se havia lançado com os Mouros, e chegou a tomar Abrantes, com pouca gente, o desbaratou, e prendeo.

Martinho, foi este Martim Afonso de Sousa, excellentissimo Capitam, e sabio Governador na India, a quem succedeo Dom Joaõ de Castro, semelhante ao succedido.

Mascarenhas: de dous faz o Poeta mençaõ: hum foi Pedro Mascarenhas Capitam de Malaca, que por segunda via succedia a Dom Henrique de Menezes em o governo da India, mas por estar ausente, lhe naõ foi possivel. Este Fidalgo foi muito valeroso, e tomou a Ilha Bintaõ, sujeita aos Reis de Malaca, sendo que havia nella 300. peças de artilheria, e outros muitos petrechos, e invenções de guerra, além de huma armada d'ElRei de Pam. O outro, Dom Joaõ Mascarenhas, Capitam de Dio, no tempo de Dom Joaõ de Castro, o qual defendeo aquella fortaleza de mais de 30 mil homões, e 6 mil Turcos, com menos de 600 Portuguezes, por espaço de seis mezes, até que foi soccorrido, com que depois ganhou huma grande victoria em batalha campal.

Maf-

Mascate, Lugar, que está de Socotorá para Ormuz.
Massilia, he a que por outro nome chamamos Mauri-
 tanta, e communmente Barbaria.

Dom Mattheus, Bispo de Lisboa, dando batalha a qua-
 tro Reis Mouros; a saber, ao de Cordova, ao de
 Sevilha, ao de Badajoz, e ao de Jaem, que vinham
 a soccorrer os Mouros de Alcaçar, com muito me-
 nos gente os venceu, e os quatro Reis foram mor-
 tos, e muita de sua gente.

Mavorte, he o mesmo que Marte, deos da guerra.

Mavorcios perigos, os da guerra.

Meca, Cidade de Arabia, em a qual ha hum poço,
 com cuja agua dizem os Mouros se lavava Mafame-
 de, e por isso vão tantos a ella de diferentes par-
 tes em romarias, porque cuidam que este lavatorio
 sómente basta para sua salvação.

Mecom, Rio grandissimo, o qual nasce na China, e
 corre pelo Reino de Camboja. Interpreta-se Capi-
 tam das aguas.

Medea, filha de Eta, Rei de Colchos, grande feiti-
 ceira, e mui desperdiçada por Jason, por cujo amor
 matou a seu irmão, e fugindo de seu pai, lho hia
 lançando pelo caminho em pedaços, porque assi ti-
 vesse tempo para fugir, em quanto seu pai se deti-
 nha em os recolher.

Medina, Lugar pequeno de Arabia, em o qual dizem
 está o Çancarraõ, ou calcanhar do maldito Mafa-
 mede.

Mediterrano mar, he aquelle que divide a Africa de
 nossa Europa.

Medusa, filha de Phorco, e de hum monstro mari-
 nho, cujo rosto mudava a quem o via, em pedra,
 como succedeo a Atlante, Rei de Africa, o qual
 foi convertido em hum monte do mesmo nome.

- Megera**, filha de Acheronte, e da noite, huma das tres furias que os Poetas fingem haver no Inferno.
- Melciades**, Capitam famoso Atheniense, o qual com muito pouco poder desbaratou junto a hum Lugar chamado Marathona, Date General d'ElRei Dario.
- Meliapor**, ou Mailapur, Cidade no Reino de Narfinga, em a qual padeceo martyrio o Apostolo S. Thomé: que hoje está nella sepultado.
- Melinde**, Cidade na costa de Africa, cujo Rei foi sempre grande amigo dos Portuguezes.
- Melique Yaz**, hum Mouro, que de captivo de hum Mercador, veio a ser Senhor de Dio, Cidade rica, e bella da India.
- Mem Moniz**, filho de Egas Moniz, Aio, e amo d'El-Rei Dom Afonso Henriques, foi esforçadissimo Cavalleiro.
- Mem Rodrigues de Vasconcellos**, foi Fidalgo mui valeroso no tempo d'ElRei Dom João o Primeiro.
- Memnon**, filho de Titam, e da Aurora, de quem, morto por Achilles, foi convertido em ave.
- Memnonio**, he o mesmo que Memnon.
- Memphis**, he hoje a graõ Cidade do Cairo no Egypto.
- Memphitico**, quer dizer cousa do Egypto, onde Anubis Idolo era adorado em figura de cam.
- Menaõ**, Rio, (cujo nome na lingua dos naturaes quer dizer mãi das aguas) divide de alto abaixo o Reino de Siaõ, e dizem que tem de comprimento mais de 300. leguas.
- Menezes**: o primeiro foi Dom Duarte de Menezes, filho herdeiro de Dom João de Menezes Conde de Tarouca, Prior do Crato, da Ordem de S. João, Capitam de Tangere, e Mordomo mór da casa d'El-Rei Dom Manoel, e seu Alferes mór, pessoa notavel neste Reino, por seu sangue, e cavallaria. O
- se-

segundo foi Dom Henrique de Menezes, o roxo de alcunha, de que atraz fica feita menção, dicção Henrique.

Meotis, lagôa de Scythia na Região Septentrional, a que os Scythas chamáram Temerinda, que quer dizer, mãe do mar. Outros lhe chamam mar delle Zabaccho, mar della Tana, mar branco, e ultimamente Carpaloe.

Mercurio, filho de Jupiter, e de Maia, a quem os Poetas fazem nuncio dos deoses, e da sciencia, e lhe dão diversos nomes.

Meroe, Ilha grandissima do Nilo, em a qual ha huma Cidade do mesmo nome, que dizem foi edificada por Caribiz, e lhe poz o nome de huma sua irmã alli sepultada: hoje se chama Neba.

Mincio, Rio que passa junto a Mantua, patria do grande Poeta Virgilio.

Minerva, filha de Jupiter, e deosa da Sabedoria, e de todas as Artes.

Minho, Rio affaz conhecido em estas nossas partes.

Minias, Povos de Theffalja, os que passaram a Colchos em conquista do Vello de ouro, na não Argos, a qual dizem os Poetas foi a primeira que no Mundo houve; mas he falso, e contra toda a verdade.

Miralmuminim, na lingua Arabiga quer dizer Principe dos Scientes, e assi se intitulava hum Abedramon, Imperador dos Mouros, que dizem fundou a Cidade de Marrocos para Metropoli, e Cabeça de seu estado.

Mirhoçem, foi hum Capitam do Soldado do Egypto.

Moçambique, huma povoação pequena em a costa de Ethiopia; a qual he hoje a principal escala que as nossas náos tem na viagem da India.

- Mocandaõ**, he hum Cabo chamado por outro nome **Asaboro**, entre Arabia, e Pérsia.
- Mogor**, he o que communmente chamamos **Tartaro**.
- Moloso**, he o lebreo, chamado assi de **Molofia**, Provincia de Epyro, que hoje se diz **Albania**, donde vem os melhores.
- Mumbaça**, Lugar na costa de **Melinde**, em o qual he todo o mato de laranjaes.
- Moncaide**, foi hum Mouro natural de **Tunes**, o qual estava em **Calecut** quando **Vasco da Gama** allí chegou; e se fez taõ familiar dos Portuguezes, com que havia communicado em **Oraõ**, que se veio com elles a este Reino, onde recebeu a Fé de Nosso Senhor **Jesu Christo**, em a qual morreo.
- Mondego**, Rio entre nós bem conhecido: nasce e morre dentro deste Reino.
- Morphéo**, fingiram os Poetas ministro ou filho do **Comno**.
- Moscós**, os de **Moscovia**.
- Moscovia**, por outro nome a **Russia**, he hoje o Imperio do **Grão Duque**; em o qual ha o animal **Zebello**, cujas pelles são taõ prezadas como as **Marthas**; e se dizem communmente **Arminhos**.
- Moura**, Villa de Portugal, na Provincia de **Alemtejo**.
- Moyfés**, primeiro Legislador, e Doutor da **Lei Divina**.
- Muluca**, Rio do Reino de **Féz** em **Africa**.
- Murice**, certo marisco, do qual se tira a cór vermelha, que chamam **purpura**.
- Musas**, foram nove filhas de **Jupiter**, e **Mnemofyne**, as quaes se diz foram inventoras dos versos, e por taes invocadas dos Poetas.
- Myrrha**, filha de **Cynaro**, Rei de **Chypre**, e mãe de **Ado-**

Adonis , tão luxuriosa , que se deitou occultamente com seu proprio pai , e finalmente dizem foi convertida em a arvore de seu nome.

N

N Abatheos montes , ou Nabatheas ferras , são as terras do Oriente , onde he a Região Nabathea , chamada assi de Nabath , primogenito de Ismael , que nella reinou , cuja Metropoli he Petra.

Naiades , ou Naides , são as Nymphas das fontes , e dos rios.

Naires , sobrenome dos nobres entre os Malabares , gente da India.

Napoles , chamada Parthenope , de huma Sirena deste nome , he huma illustre e formosa Cidade na Campânia , Região de Italia , e Cabeça do Reino do mesmo nome.

Narsinga , Reino grande e rico do Oriente , o qual por outro nome se chama Bisnagá , da grandissima Cidade Bisnagá , Cabeça e Metropoli do Reino.

Navarra , parte e Reino septentrional de Hespanha.

Navarro , o de Navarra.

Nectar , dizem os Poetas , que he o beber dos deoses , como a Ambrosia , o comer.

Neméo , animal , he o leão , que Hercules matou no bosque Neméo em Achaia.

Nemesis , chamada por outro nome Rhamnusia , foi filha do Oceano , e da noite , e tida dos Antigos por deosa da Justiça.

Neptuno , filho de Saturno , e de Opis , foi entre os Antigos tido por deos do mar , e o principal de todos os deoses marinhos. Toma-se algumas vezes pelo mesmo mar.

- Nereidas**, as *Nymphas* filhas de *Nereo*, e de *Doris*.
Nereo, deos do mar, filho do *Oceano*, e *Tethys*, o qual da deusa *Doris* sua mulher teve grande numero de filhas, as quaes se dizem *Nereidas*; figuradamente se toma tambem pelo mesmo mar.
- Nero**, cruelissimo Imperador dos Romanos.
- Nhaia**, he *Pero da Nhaia*, Castelhana, mas casado em Portugal, e morador em Santarem, o qual fez a Fortaleza de *Sofala*, e matou o *Rei Mouro* da terra, que lho queria impedir.
- Nicoláo Sacro**, pelo bemaventurado *São Nicoláo*, grande advogado dos navegantes.
- Nicoláo Coelho**, Capitam de hum dos cinco navios com que *Vasco da Gama* foi em descobrimento da India.
- Nilo**, Rio grandissimo do *Egypto*, e hum dos maiores do Mundo, o qual nasce em hum monte da inferior *Mauritania*; e dividindo *Africa* de *Asia*, entra no mar por sete bocas.
- Niloticas enchentes**, as do *Nilo*.
- Nino**, filho de *Bello*, que foi o primeiro *Rei* de *Assyria*, e de *Semiramis*, a qual se diz que foi criada pelas pombas.
- Niobe**, filha de *Tantalo*, irmã de *Pelope*, e mulher de *Amphion*, *Rei* de *Thebas*, a qual por se querer preferir a *Latona*, foi convertida em pedra.
- Nisa**, Cidade da India, em a qual nasceo *Baccho*.
- Nise**, *Nympha* do mar, filha de *Nereo*.
- Noba**. Vide *Meroe*.
- Nocturno deos**, he *Erebo*, que os Poetas fazem casado com a noite, e dizem ser o porteiro do *Sol*.
- Noé**, pai de *Sem. Cam*; e *Japhet*, foi o primeiro Patriarcha da segunda idade, o qual depois do diluvio ensinou o modo de plantar as vinhas.

Noronha, he Dom Garcia de Noronha, Viso-Rei que foi da India.

Noruega, Provincia da Europa Septentrional.

Noto, he o vento Sul, ou Vendaval.

Nuno Alvares Pereira, Condestavel destes Reinos, e defensor delles; de cujas maravilhas está o Mundo cheio.

Nymphas, deusas que os Poetas fingem; das quaes as que presidem nas aguas se chamam Naiades; as que nos montes Oreadas; as que nas arvores e bosques Driades, Hamadriades, e Napéas.

O

O Bi, Rio do Oriente.

Obidos, Villa de Portugal.

Oceano, filho de Celo, e Vesta, deos do mar, casado com Tethys, e pai de todos os rios, e fontes.

Os Poetas o tomáram por qualquer mar.

Octaviano, Cesar Octaviano, Imperador de Roma.

Octavio, he o mesmo que Octaviano.

Ogygia, Ilha no mar Jonio.

Oja, Cidade na Costa de Melinde.

Olympica morada, he o Ceo.

Olympo, monte de Macedonia, chamado hoje de Sancta Cruz, pelo successo que alli teve Santa Helena vindo de Hierusalem. Diz-se que he tão alto, que passa a Região do ar, e ordinariamente se toma pelo mesmo Ceo.

Omphale, Rainha de Lydia, por quem Hercules fez grandes extremos, até fiar e lavar como mulher.

Ophir, Região célebre na sagrada Escripura, abundantissima de ouro, pelo que algúus tem para si, que he a Ilha Samatra junto a Malaca.

Orias

- Oriás**, Povos ao longo do Rio Ganges.
- Oriente**, onde o Sol nasce, e assi se toma pela India.
- Oriente**, Constellação, junto ao Signo de Tauro: os Poetas o fazem filho de Neptuno, e de Mercurio, gerado da ourina de ambos.
- Orithia**, nome de huma das Nymphas do mar, amada do vento Boreas.
- Orixa**: Reino do Oriente, o qual começa da terra de Narsinga, e acaba no Cabo Segogosa.
- Orlando**, por opiniaõ de Marco Antonio Sabellico foi verdadeiramente hum daquelles Paladinos valerosos e esforçados nas armas, os quaes em muitas emprezas tiveram singulares e gloriosas victorias. A este matou Geneleão á traiçaõ com outros muitos e fortissimos Capitães.
- Ormuz**, Cidade inclyta da India, situada em huma pequena Ilha, chamada Gerum, em a garganta do mar Persico.
- Orphéo**, filho de Apollo, e da Musa Calliope, Poeta excellentissimo, e amante de Eurydice.
- Ottomano**, nome dos Imperadores de Turquia.
- Ourique**, Lugar no Reino do Algarve.

P

- P** Acheco, he Duarte Pacheco Pereira, que venceu sete vezes o Imperador do Malabar, chamado entre elles Samori, vindo de todas com grande poder. Em satisfacaõ do que, despois de muitas perseguições, veio a morrer pelos hospitaes.
- Pactolo**, Rio de Lydia, que dizem levar arças de ouro.
- Padlo**, o mais famoso Rio de toda Italia: os Gregos lhe chamam Eridano, e nós vulgarmente o Pó.
- Paio**, he Dom Paio Correa, Portuguez de naçaõ,
Me-

- Mestre de Calatrava em Castella , grande Cavalleiro , e perseguidor de Infiéis.
- Pallas** , he Minerva.
- Palmella** , Villa de Portugal , e Cabeça dos Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago neste Reino.
- Pam** , neste Poema não he o deos dos Pastores , mas hum Reino do Oriente.
- Panane** , huma das principaes povoações d'ElRei de Calecut.
- Panchaia** , Região de Arabia , em a qual ha muitas arvores do incenso.
- Pannonios** , os de Pannonia , Região vastissima de Europa , agora dita Hungria.
- Panopéa** , Nympha do mar , filha de Nereo , e Doris.
- Panthea** , mulher de Abradatas , Rei dos Susos , formosa , e casta. Vide Araspas.
- Paphia** deosa , he Venus , de Paphos.
- Paphos** , Cidade da Ilha de Chypre , dedicada a Venus , donde foi chamada Paphia.
- Parcas** , são tres , Cloto , Lachesis , e Atropos , filhas de Erebo , e da noite , as quaes dizem os Poetas , que desde o nascimento de huma creatura dispõe de sua vida , como lhes parece , fiando ; e assi pintam Cloto com a roca , Lachesis fiando , Atropos cortando o fio.
- Pares** , eram doze Pessoas , seis Ecclesiasticos , e seis Seculares , que Carlos Magno Rei de França escolheo entre os Principaes do Reino , para os levar comfigo á guerra ; e chamou os Pares , que foi tanto como se os chamára iguaes. Por outro nome se dizem Paladinos.
- Parnaso** , monte de Phocis , dedicado ás Musas ; ao pé do qual está a fonte Castalia cuja agua tinha tal virtude , que os que bebiam della ficavam logo Poetas.
- Par-

Parfens, he o mesmo que **Perfas**.

Partenope. Vide **Napoles**.

Patanes, Povos da **India**, poderosos em gente, e terras.

Paulo: hum foi o bemaventurado **São Paulo**, Apostolo de **Christo**; o qual indo preso para **Roma**, teve no mar huma grandissima tormenta. O outro, **Paulo da Gama**, irmão de **Vasco da Gama**, descobridor da **India**.

Pedro: de muitos faz o Poeta menção. Seja o primeiro **S. Pedro**, Principe dos Apostolos. O segundo, **Dom Pedro**, Rei de **Portugal**, filho d'ElRei **Dom Afonso o Quarto**. O terceiro, o Infante **Dom Pedro**, filho d'ElRei **Dom João o Primeiro**, o qual foi Duque de **Coimbra**, e Governador destes Reinos em tempo d'ElRei **Dom Afonso o Terceiro**, seu sobrinho; o qual Infante esteve em **Alemanha**, onde fez muitas cousas memoraveis. O quarto, o Conde **Dom Pedro**, filho de **Dom João Afonso de Menezes**, Conde de **Viana**; foi o primeiro Capitam e Governador de **Ceita**, a qual defendeo de dous cercos valerosissimamente contra toda a **Barbaria**. O quinto, **Dom Pedro de Sousa**, Capitam de **Ormuz**, muito esforçado Cavalleiro. E o sexto, **Pedro Rodrigues**, chamado do **Alandroal**, por ser Alcaide mór desta **Villa**, Cavalleiro de muito valor, em tempo d'ElRei **Dom João o Primeiro**.

Pegú, Reino **Oriental**, em o qual ha muito ouro, e outras pedras preciosas, e abundancia de mantimentos.

Peleo, Rei de **Theffalia**, o qual foi casado com **Thetys**, senhora do mar.

Penates, os deoses, a que honravam os **Gentios** dentro de suas casas.

Peno

Peno asperrimo, he Annibal.

Perillo, hum homem de grande engenho, natural de Athenas, o qual inventou a Phalaris Tyranno hum genero de tormento para matar os homées, a que era naturalmente pouco inclinado, que foi hum touro de metal, em o qual metidos os homées, e posto debaixo fogo, bramavam como touros; e o primeiro que padeceo esta cruel morte, foi o mesmo Artifice.

Perithoo, filho de Ixiaó, intimo amigo de Theseo.

Perfas, são os moradores de Persia.

Persia, Região de Asia.

Phaeton, ou Phaetonte, filho do Sol, e de Climene, querendo governar o carro de seu pai, abrazou o Mundo, até que Jupiter o matou com hum raio.

Phalaris, Tyranno de Sicilia, o qual não passava o tempo mais que em inventar generos de tormentos, com que matar os vassallos, despois de lhes tirar as fazendas.

Pharaó, Rei de Egypto, o qual foi castigado de Deos, só por mandar lhe levasssem a casa Sara, mulher de Abrahaó.

Phasis, Rio grandissimo, que nasce no monte Caucaso, e passa por Colchos, Provincia de Asia, chamada hoje Mingrelia, sujeita ao Graó Cam, senhor de Tartaria.

Pheaces, Ilha, a que hoje chamamos Corfú, e outros Corcira, da qual era natural Demodoco, Mufico excellente.

Phebo, e Apollo, são nomes do Sol: o qual, e a Lua, dizem os Poetas ser filhos de Jupiter, e de Latona, nascidos ambos na Ilha Delos.

Phenix, ave unica, e só no Mundo, a qual dizem vive em Arabia.

Phi-

- Philaucia**, he o amor proprio.
- Dom Philippe de Menezes**, Capitam de Ormuz, o qual houve grandes victorias na India.
- Philippicos campos**, chamados assi da Cidade Philippos, em os quaes foi aquella batalha de Cesar, e Pompeio, e a de Octaviano, e Marco Antonio, contra Bruto Cassia, e outros conjurados.
- Philippo**, Rei de Macedonia, pai do grande Alexandre.
- Philomela**, he o rouxinol, em que foi convertida huma filha de Pandion deste nome.
- Phlegon**, hum dos cavallos do Sol.
- Phocas**, lobos marinhos.
- Phormiaõ**, Philosopho da seita dos Peripateticos, o qual indo hum dia Annibal ouvi-lo á sua escola, lhe fez huma larga Oraçaõ sobre o officio do bom Capitam, e cousas tocantes ao exercicio da guerra, com tanta eloquencia, que os circumstantes ficaram todos admirados, excepto Annibal, que só o teve por doudo.
- Phrygios**, he o mesmo que Troianos.
- Pindo**, monte de Macedonia, dedicado a Apollo, e ás Musas.
- Plinio**, dito Caio Plinio segundo, natural de Verona, viveo nos tempos de Vespasiano, cujos negocios administrava. Escreveo huma obra da natureza das cousas, e morreo no incendio do monte Vesuvio, querendo esquadrinhar a causa delle.
- Plutaõ**, Rei dos infernos, segundo os Poetas.
- Poleás**, são pela maior parte escravos dos Naires, em a India, e taõ vis entre elles, que o Naire que trata com Poleá, tem pena de morte; e o Poleá nunca póde medrar, nem ser mais, nem ter outro gráo de honra.

Poli-

Policena, filha de Priamo, Rei de Troia. Vide Pyrrho.

Polidoro, filho de Priamo Rei de Troia, ao qual matou Polimnestor, Rei de Thracia, por avareza.

Polimnestor, Rei de Thracia.

Polonios, os de Polonia, Provincia vastissima de Europa.

Polos, são dous pontos astrologicos, que communmente chamamos Norte, e Sul, e de ordinario este nome Polo se toma pelo Ceo.

Polyphemo, Cyclope, filho de Neptuno, e da terra, o qual dizem os Poetas tinha hum só olho na testa, tão grande como huma rodella. Este era fero, cruel, e comedor de carne humana.

Pomona, tinhaõ-na os Antiguos por deosa da fructa.

Pompeio, chamado Magno por suas victorias, e triumphos, foi vencido de Cesar, mas só nisto seu inferior.

Pompilio, foi Numa Pompilio, Rei dos Romanos, o qual depois de se aquietar com seus inimigos, se deo todo ao culto dos falsos deoses.

Pomponio, cognominado Mella, escreveo elegantemente de situ Orbis.

Pondá, fortaleza do Hidalcaõ, tres leguas de Goa pelo sertão dentro

Ponente, onde o Sol se põe, a nosso modo de fallar.

Poro, antigo Rei de Guzarate, grande Cavalleiro, muito esforçado, e muito bellicoso.

Prasso promontorio, he o que communmente chamamos Cabo das correntes.

Progne, filha de Pandiaõ, Rei de Athenas, e irmã de Philomela, a qual matou a seu filho, e o deo a comer a Tereo seu pai, convertida depois em andorinha.

Prometheo. Vide Japeto.

Protheo, monstro marinho, do qual contam os Poetas, que se transformava em varias fórmas. Este tem cuidado dos peixes do mar, que he o seu gado, e he grande adivinhador.

Ptolemeo, Astrologo insigne, natural de Egypto. Vide Arsinoe.

Pyrene, filha d'ElRei Bebryce, a qual morta pelas téras, foi sepultada em os montes, que de seu nome se chamáram Pyreneos, os quaes dividem a França de Hespanha.

Pyreneo. Vide Pyrene.

Pyrois, nome de hum dos cavallos do Sol.

Pyrrho, filho de Achilles, e de Deidamia, o qual por vingar a morte de seu pai, sacrificou em seu sepulchro a Policena, filha de Priamo, Rei de Troia.

Q

Quedá, Cidade do Reino de Siaõ.

Quilmance, Lugar situado na boca do Rio Raptó, chamado por outro nome Obi, junto ao Reino de Melinde.

Quiloa, Cidade na costa de Melinde, toda cercada de mar, a qual tem muitos palmares, e muitas arvores, e hortaliças, como as de Hespanha.

Quinto Fabio, cognominado Maximo, Dictador Romano, o qual com cautelas, e ardis, destruiu a Annibal sem lhe dar batalha.

Quirino, he Romulo, primeiro Fundador de Roma.

R

- R**egulo, foi Marco Accio Regulo Consul Romano, o qual quiz antes perder sua vida, que não que se perdesse sua patria.
- Repelim**, Cidade no Malabar.
- Rhamnusia**, he o mesmo que Nemesis, deusa da Justiça, inimiga dos soberbos, e grande sopeadora dos presumidos.
- Rhaudano**, chamado por outro nome Rhoſne, Rio que nasce nos Alpes, e faz o lago que dizem Loſanna, a cuja ribeira está Genova
- Rheno**, he hum pequeno Rio, que nasce do Apenino para Pistoia, e passa junto a Bolonha: chamou-se por outro nome Ebro, e hoje Rira.
- Rhodamonte**, hum famoso Paladino, em as Poefias de Orlando.
- Rhodas**, Ilha no mar Carpathio, antiguamente assento dos Cavalleiros de São João, hoje possuída dos Turcos.
- Rhodope**, monte de Thracia.
- Ripheos**, montes Septentrionaes de Scythia.
- Roçalgate**, Cabo insigne na Arabia Feliz, onde começa o Reino de Ormuz.
- Rodrigo**, entende-se Bivar, chamado commummente o Cid Rui Dias, que foi valeroso nas armas, e ganhou muitas terras aos Mouros, havendo muitas victorias delles.
- Rogeiro**, hum dos Paladinos, de que tratei na dicção Orlando.
- Roma**, Cidade a mais célebre e nomeada de todo o Mundo, por haver n'outro tempo subjugado, e metido debaixo de sua obediencia quasi todas as nações,

ções, e Provincias, que estão debaixo do Ceo, e por ser ao presente a Cidade Metropolitana de toda a Christandade.

Romanos, os de Roma.

Romulo, primeiro Fundador, e primeiro Rei de Roma.

Rui Pereira, Cavalleiro esforçado, e leal Portuguez.

Rumes, são os Turcos, chamados assi por virem (como o Poeta diz) da casta dos Romanos.

Ruthenos, chamados por outro nome Roxolanos, ou Russios, são os do Reino de Polonia.

S

S Abá, muito nomeada na Escriptura sagrada, foi Rainha do grande Imperio do Preste João na Ethiopia.

Sabeas costas, as de Arabia, onde está a Cidade Sabá: he terra abundante de incenso, e de especies odoríferas.

Salacia, deosa do mar, mulher de Neptuno.

Saladino, Soldão do Egypto, que ganhou a sancta Cidade de Hierusalem, anno 1187.

Salamina, Ilha no mar Euboico, defronte de Athenas, onde Xerxes, por valor de Temistocles, foi desbaratado: nesta terra querem os naturaes que nascesse o Poeta Homero.

Samaria, Cidade de Syria entre Judéa, e Galiléa.

Samatra, Ilha grandissima, e muito formosa, no Oriente, a qual dizem que antiguamente foi huma mesma cousa com Malaca.

Samnitico jugo. Vide Caudinas forcas.

Samori, he o nome appellativo do Senhor do Reino de Calecut, o qual soa tanto como Imperador, por elle ser o maior Rei de toda aquella costa.

Sam-

Sampaio, foi Lopo Vaz de Sampaio, Cavalleiro muito esforçado, Governador na India, onde fez coufas maravilhofas.

Sanagá, Rio que divide a terra dos Mouros Azenegues em Africa, dos primeiros negros de Guiné, chamados Gelofos.

Sancho: o primeiro foi ElRei D. Sancho, filho d'ElRei D. Afonso Henriques, muito esforçado, e valeroso; e o segundo, ElRei D. Sancho Segundo, chamado Capello, filho d'ElRei Dom Afonso o Segundo, remiffo, e descuidado.

Sansaõ, Hebreo de nação, filho de Manue, do Tribu de Dan, foi milagrosamente dado por Deos a Manue, sendo esteril sua mulher, para destruição dos Philistheos inimigos de seu povo. Tinha a fortaleza nos cabellos da cabeça.

Santarem, Villa nobre de Portugal, junto ao Tejo, quatorze leguas de Lisboa.

Sant-Iago, Apostolo sagrado, Padroeiro dos Hespanhoes.

Sara, mulher de Abrahaõ. Vide Pharaõ.

Sarama. Vide Perimal.

Sardanapalo, ultimo Rei dos Assyrios, monstro de sensualidade, e luxuria.

Sarmatas, os de Sarmacia, Provincia antiga, chamada agora Livonia.

Sarmacio Oceano, mar de Sarmacia.

Sarracenos, nome de que os Mouros se jaçtaõ muito, dizendo que procedem de Sara, mulher de Abrahaõ.

Saturno, filho de Celo, e Vesta, do qual fingem os Poetas que comia todos os filhos que Opis sua mulher paria, e alli he figura do tempo que tudo gasta.

Saul, sexto Rei de Edom, em cujo tempo o Sancto

- David matou aquelle soberbo Gigante Goliath , ou Golias.
- Saxones , Povos de Alemanha.
- Scabelicastro , he Santarem.
- Sceva : este foi Cassio Sceva , Capitão valerosissimo de huma companhia de Cesar.
- Scinis , ladrao mui esforçado , o qual costumava matar todos seus hospedes com hum grande genero de tormento.
- Scipião , foi Cornelio Publico Scipião , chamado o Africano , pelas grandes cavallarias que em Africa fez , principalmente na destruição de Carthago.
- Scylla : de duas faz o Poeta menção : huma foi filha de Phorco , amante e amada de Glauco , a qual foi convertida em hum cachopo , que está no estreito de Messina , entre Italia , e Sicilia , por arte e industria da ciosa Circe : a outra foi filha de Nito , Rei dos Magarenses , a qual foi occasião da morte de seu pai , por amor d'ElRei Minos , a quem ella muito queria.
- Scythas , os de Scythia , vastissima Região Septentrional : os quaes tiveram antiguamente grandes contendas com os Egypcios , sobre a antiguidade de suas patrias , e nações.
- Semele , mãe de Baccho.
- Semicapro peixe , he o que vulgarmente dizemos Capricornio , Signo celeste , o qual se pinta meio peixe , meio cabra.
- Semiramis , Rainha dos Assyrios , infame por sua luxuria , ainda que bella , e valerosa.
- Séquana , he o Rio Sena , que passa por meio da grão Cidade de Paris em França.
- Serpa , Villa de Portugal , na Comarca do Alemtejo.
- Septentrional , meta , he o Norte.

DOS NOMES PRÓPRIOS. 259

Sertorio, natural de Nursia, (que hoje chamamos Nezza em Italia) o qual recolhendo-se a Hespanha, fez grandes guerras aos Romanos, e lhes venceu muitos Capitães. Este fez seu assento em Evora, a que ennobreceo muito, e fez trazer a ella a agua da prata para seu ornato, e provimento.

Sevilha, Cidade célebre em Hespanha, pela qual passa o Rio Bethis.

Siaõ, Reino poderoso da India.

Sichem, filho de Hemor, foi morto, e todos os seus, e a terra destruida, por tomar Dina a Jacob seu pai.

Sicilia, Ilha famosa, e affaz conhecida, a qual foi antigamente junta com Calabria, e a dividio hum terremoto, pondo em meio aquelle mar chamado estreito de Messina. Foi mãi dos maiores tyrannos do Mundo.

Siculo mar, o de Sicilia.

Siene, Cidade de Egypto, em a qual dizem, que em certo tempo do'anno saõ nella taõ direitos á hora de meio dia os raios do Sol, que em nenhuma parte ha sombra.

Sinai, monte altissimo de Arabia, em o qual Deos Nosso Senhor deo a Lei a Moyés; e está hoje hum Mosteiro de Religiosos da vocação da Virgem e Martyr Santa Catharina, que nelle tem sua sepultura.

Sinon, Grego, traidor, celebrado de Virgilio em a destruição de Troia.

Sintra, terra de Portugal, taõ fresca, que no mesmo tempo em que muitos Lugares ao redor della estão ardendo em fogo, tem grandes orvalhados, e roscios.

Siqueira, foi Diogo Lopes de Siqueira, que succedeo

- deo na governança da India a Lopo Soares de Albergaria ; o qual entrou pelo estreito do mar Roxo com huma frota de 24 vélas.
- Siracusa , he o mesmo que Sicilia.
- Smirna , Cidade na menor Asia ; a qual , segundo a mais celebrada opiniaõ , foi patria de Homero , Principe dos Poetas.
- Soares , foi Lopo Soares de Albergaria , Governador da India ; o qual passou ao estreito do mar Roxo com 36 vélas , em que levava tres mil Portuguezes , com que meteo em grande temor e confusãõ aos daquellas partes.
- Socotorá , Ilha entre o Cabo de Fartaque , e o de Gardafú , em a qual se dá o páo Aloe , que he como o páo de Aguila , muito prezado.
- Sofala , povoação na costa de Mombaça.
- Soldaõ , titulo dos Reis de Egypto , sujeito hoje ao grão Turco.
- Sophenos , os de Sopheno , Provincia de Suria , gente molle , e affeminada.
- Strabo. Vide Estrabo.
- Suáquem , Cidade , e porto , o melhor de todo o estreito do mar Roxo , cercada do mar á maneira de Ilha ; a qual não occupa mais terra que a Cidade ; cujas casas são ao modo de Hespanha.
- Suecio , o de Suecia , Provincia de Escandinavia.
- Suez , Lugar pequeno , e nobre , na costa do mar Roxo , antiguamente dito Arsinoe ; de huma filha ou irmã de Ptolemeo , Rei do Egypto , que o fundou.
- Sumano , he o mesmo que Plutaõ , a que os Antiguos chamáram deos do Inferno.
- Sunda , Ilha do Oriente , além de Samatra , em a qual ha pimenta muito boa , e hum Rio , que não sofre sobre si cousa alguma por leve que seja.

Sylla, nobre Romano, da antiga familia dos Sci-
piões, mas cruel, e facinoroso: morreo coberto e
comida de piolhos.

Sylves, Cidade no Reino do Algarve.

T

T Agides, as Nymphas do Rio Tejo, chamado an-
tiguamente Tago.

Tanais, dito communmente Tana, Rio que nasce
nos montes Ripheos, e divide a Asia da Europa.

Tanor, Lugar na costa de Melinde.

Taprobana. Vide Ceilaõ.

Tarifa, Cidade de Andaluzia, dita antiguamente
Tarteso.

Tarpeia, huma donzella, filha de Tarpeo Romano,
Alcaide mór da fortaleza de Roma, a qual com co-
biça de humas manilhas que os Sabinos, inimigos
dos Romanos, lhe prometteram, deo ordem para
entrarem no castello, e em lugar de manilhas lhe
deram a morte.

Tarquino, foi Sexto Tarquino, filho de Tarquino
o soberbo de alcunha, por commetter adulterio
com Lucrecia, mulher de Collatino, acabou mal
fóra de Roma, e seu pai perdeu o Reino.

Tarragonéz, o da Provincia Tarragonense, huma das
tres em que Hespanha foi dividida: a qual se cha-
mou assi da Cidade Tarragona sua Metropoli.

Tartesios, são os Andaluzes, de Tarteso, que he
Tarifa, Cidade de Andaluzia.

Tavai, Cidade antiguamente do Reino de Siao, hoje
a ultima do Reino de Pegú.

Tavila, Lugar no Reino do Algarve.

Tauro, hum dos maiores montes do Mundo, o qual
abra-

abrange toda Asia, desde o Oceano Oriental até o Septentrional; mas com diferentes nomes, conforme as varias nações por onde passa.

Tejo, Rio mui celebrado dos Antiguos por suas ardeas de ouro: nasce nas serras de Conca, Cidade de Castella a velha, e entra no Oceano, quatro leguas de Lisboa.

Tenistitão, he nome da Cidade Mexico; na nova Hespanha.

Tenessari, Cidade do Reino de Siao, no Oriente, em a qual se dá a melhor pimenta do Mundo, como tambem em Quedá, Cidade do mesmo Reino.

Teresa, mulher do Conde Dom Henrique, pai d'El-Rei Dom Afonso Henriques, o primeiro de Portugal; a qual foi filha d'El-Rei Dom Afonso o Sexto, Imperador de Hespanha.

Ternate, huma das Ilhas do Maluco, da qual sahem chammas de fogo.

Tethys, filha de Celo, e Vesta, deosa do mar; e de ordinario se toma pelo mesmo mar.

Thaumante, pai de Iris, mensageira dos deuses, e principalmente de Juno; toma-se pelo arco celeste, que commummente dizemos da velha.

Thebano, he Baccho, porque sua mãe Semele foi de Thebas.

Themistocles, Capitão Atheniense de grande nome.

Theotonio, foi Dom Theotonio, Prior de Santa Cruz de Coimbra.

Thermodoonte, Rio de Themiscyra, pequena Região, vizinha de Capadocia, junto ao qual viviam antigamente as Amazonas.

Thermopylas, passo aspero, e estreito, que ao longo da praia faz o monte Oeta de Macedonia, Região de Grecia. O qual, Leonidas Rei de Macedonia,

nia,

DOS NOMES PROPRIOS. 263

Atenia, com pouca gente, defendeo de hum grandissimo exercito de Xerxes, Rei dos Persas.

Theseo, filho de Egeo, Rei de Athenas, Heroe clarissimo, emulo de Hercules, e amigo grande de Perithoo.

Thesiphonio, ou **Ctesiphonio**, Artifice famoso, que fez o Templo de Diana em Epheso.

Thomé, S. Thomé Apostolo de Nosso Senhor Jesu Christo, o qual esteve e padeceo martyrio na Cidade de Meliapor, onde está sepultado.

Thraces, os de Thracia, Região de Grecia, chamada hoje Romania.

Thyoneo, he Baccho.

Tibre, celeberrimo Rio de Italia, o qual aparta o Janiculo da Cidade de Roma.

Tidore, huma das Ilhas de Maluco na India.

Tigris, Rio famoso na menor Armenia, o qual entra no mar da Persia.

Timavo, Rio dos Venezianos, ao qual os Antiguos chamavam mar, por ter a agua salgada: entra no mar Adriatico com sete, ou nove bocas, e huma dellas de agua doce.

Timor, Ilha do Archipelago, onde estão as Malucas.

Tinge, Cidade na Mauritania, e edificada por Antheo, Rei da ultima parte de Mauritania; hoje se diz Tanger.

Tingitana terra, quer dizer terra de Barbaria.

Titam, fingem os Poetas pai da Aurora, que he a manhã.

Tito, filho de Vespasiano, o qual tomou a Hierusalem, e a assolou, e queimou, não deixando pedra sobre pedra.

Tobias, nome proprio, celebrado nas sagradas Letras pelo seu guiador se entende o Archanjo S. Raphael.

Tole-

- Toledo**, Reino de Hespanha, chamado assi de huma Cidade deste nome, sua Metropoli.
- Tonante**, he Jupiter.
- Tormentorio Cabo**, he o que commummente chamamos de Boa Esperança.
- Toro**, Lugar que fica dezoito leguas do Monte Sinai; muito falto de agua.
- Torquato**, chamava-se Tito Manlio, homem excellente, e taõ observador da disciplina militar, que fez morrer hum proprio filho, ajudaque vencedor, por haver vencido sem sua ordem.
- Torres Vedras**, Villa de Portugal.
- Trajano**, Imperador de Romanos, Hespanhol de Nação, o qual sujeitando varias Nações por mar, e por terra, conquistou até á India, mas não entrou nella.
- Trancoso**, Villa famosa de Portugal.
- Tritaõ**, filho de Neptuno, e de Salacia, senhores do mar, e seu trombeta.
- Troia**, Cidade antigamente célebre em a Phrygia, Provincia de Asia menor, junto do Hellesponto, a qual foi destruida pelos Gregos, sem ficar pedra sobre pedra.
- Tropico**, são os Tropicos, certas balizas, e terminos do Ceo, entre os quaes anda o Sol, sem passar nenhum delles. Hum se chama de Cancro, da banda do Norte; outro de Capricornio, da banda do Sul.
- Trudante**, Cidade populosa de Barbaria.
- Turcos**, os Povos de Turquia.
- Tuscões**, os mesmos que Toscanos, de Toscana, Região de Italia.
- Tutuãõ**, Lugar fronteiro de Africa.
- Tuy**, Cidade no Reino de Galliza.
- Typhcas armas**, são os raios de que Jupiter usava.

- Typhéo**, Gigante, filho de Titano, e da terra, inimigo capital de Jupiter, e dos outros falsos deoses.
- Tyria côr**, he a grãa, chamada alli de Tyro, Cidade de Phenicia, que hoje se chama Suria, onde se faz excellentissima.
- Tyrinthio**, he Hercules, chamado assi de Tyrinthia sua patria, em Grecia.
- Tyrios**, os da Cidade Tyro, de quem se diz foi fundada a Cidade de Cadiz.
- Tytiro**, pastor celebrado de Virgilio.

V

- V** Andalia, he Andaluzia, chamada assi dos Vandalos, Povos de Alemanha; que nella parte fizeram assento.
- Veneréo**, cousa de Venus.
- Veneza**, Cidade formosa, e rica, e de grandissimo trato, e commercio, edificada no mar, de que está cercada, e se anda toda por mar.
- Venus**, entre os Antiguos tida por deosa da formosura, e dos amores lascivos.
- Vespero**, ou Hespero, he o Planeta Venus, que nas partes Occidentaes, em se pondo o Sol, apparece primeiro que todas as Estrellas e Planetas, e antes que o Sol saia, se vê tambem no Ceo depois de escondidas as outras Estrellas.
- Vesta**, filha de Saturno, e de Opis, mãe de Tethys, senhora do mar.
- Viriato**, Portuguez valerosissimo, o qual de pastor, e depois de salteador, veio a levantar-se com toda Lusitania, por cuja defensão deo affaz em que entender aos Romanos, por espaço de 14 annos.
- Ulcinde**, Reino no Oriente, entre Persia, e Cambaia.

Ulyf-

266 INDEX DOS NOMES PROPRIOS.

Ulysses, o mais astuto e sabio de todos os Gregos, que foram á guerra Troiana: foi filho de Laertes, Rei de Ithaca, Ilha; e fundador de Lisboa.

Ulysseos muros, os de Lisboa.

Ungaro, ou Hungaro, o de Ungria, donde algúus dizem era o nosso Conde D. Henrique.

Urfas, são as que chamamos guardas do Norte.

Vulcano, filho de Jupiter, e Juno, entre os Antiguos venerado por deos do fogo, e se toma pelo mesmo fogo: e os Poetas dizem que elle fazia os raios a Jupiter seu pai. Foi casado com Venus, e fez tambem as armas a Enéas seu enteado.

X

X Fque, quer dizer Governador na lingua Arabiga.
Xerez, Lugar de Castella.

Xerxes, filho de Dario, o mais poderoso Rei dos Persas.

Z

Z Aire, Rio grandissimo de Africa, cuja fonte está no sertão do Reino de Congo.

Zebellinos animaes, são os que commummente chamamos arminhos.

Zeila, Lugar na costa de Africa.

Zelanda, terra do Norte.

Zéphyro, vento, que por outro nome chamamos Favonio, é viração, que corre no Verao. Os Poetas o fazem casado com Flora, deosa das flores.

Zona, circulo com que os Geographos dividem a terra, os quaes são cinco.

Zopyro, vassallo de Dario Rei dos Persas.

ESTANCIAS DESPREZADAS,
e omittidas

POR

LUIS DE CAMÕES,

Na primeira impressã do seu Poema.

AS Estancias que se seguem foram achadas por Manoel de Faria e Souza em dous differentes Manuscriptos, que felizmente descobrio do mesmo Poeta. No Discurso Preliminar, que vai ao principio, antes do Poema, fazemos mais particular e extensa menção destes dous Manuscriptos, e ahi poderá o Leitor inteirar-se cabalmente do seu indubitavel merecimento. Por ora só accrescentamos, que o mesmo Faria e Souza, nos seus Commentarios que publicou em Madrid; por Juan Sanches, anno de 1639., nos deixou impressas as referidas Estancias naquelles lugares do Commento onde respectivamente pertenciam; e que nós agora, extrahindo-as com toda a fidelidade, e accusando os lugares onde entravam, as lançamos no fim; tanto por não perturbarmos ou alterarmos consideravelmente a ordem e fórma que o Poeta deo ao seu Poema, como para que os mesmos Leitores, que não quizerem lê-las, possam omittir a sua lição. Em ultimo lugar advertimos, que o primeiro dos dous Manuscriptos, sendo (segundo o mesmo Faria) digno de toda a estima-

timação, comprehendia os primeiros seis Cantos do Poema; e que o segundo, que fora de Manoel Correa Montenegro, contemporaneo do mesmo Poeta, continha o Poema inteiro.

No Canto I., depois da Estancia 77., havia mais duas, e a mesma 77., com a mudança que aqui se verá.

Isto dizendo, irado, e quasi infano,
Sobre a Thebana parte descendeo,
Onde vestindo a forma, e gesto humano,
Para onde o Sol nasce se moveo.

Já atravessa o mar Mediterraneo,
Já de Cleopatra o Reino discorreo;
Já deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Libya circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente
Que o septemfluo Rio vai regando,
Onde reina o mui santo Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando:

Já passa a terra de aguas carecente,
Que estão as alagôas sustentando,
Donde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodilo.

Daqui ao Cabo Prasso vai direito,
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na forma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados semelhante.

E

*E como a seu Regente fosse acceito ,
Entrando hum pouco triste no semblante ,
Desta sorte o Thebano lhe fallava ,
Apartando-o dos outros com que estava.*

No mesmo Canto I. , depois da Estancia 80. ,
havia de mais a que se segue :

*E para que dês credito ao que fallo ,
Que este Capitam falso está ordenando ,
Sabe que quando foste a visitallo
Ouvi dous neste caso estar fallando :
No que digo não faças intervallo ,
Que eu te digo , sem falta , como , quando
Os podés destruir ; que he bem olhado
Que quem quer enganar fique enganado.*

No Canto III. , depois da Estancia 10. havia
de mais no Manuscripto a seguinte :

*Entre este mar , e as aguas onde vem
Correndo o largo Tánais de contino ,
Os Sarmatas estão , que se mantem
Bebendo o roxo sangue , e leite equino.
Aqui vivem os Missios , que tambem
Tem parte de Asia ; povo baixo , e indino ;
E os Abios que mulheres não recebem ,
E muitos mais , que o Borysthenes bebem.*

No mesmo Canto III. , em lugar da Estancia
29. havia esta :

Mas

270 ESTANCIAS DESPREZADAS ,

*Mas a iniqua mãe seguindo em tudo
Do peito feminino a condição,
Tomava por marido a Dom Bermudo,
E a Dom Bermudo a toma hum seu irmão.
Vede hum peccado grave, bruto, e rudo,
De outro nascido! Oh grande admiração!
Que o marido deixado vem a ter
Quem tem por enteada, e por mulher.*

No Canto III. á Estancia 2. se seguiam estas tres :

*Sempre foram bastardos valerosos
Por letras, ou por armas, ou por tudo:
Foram-no os mais dos deoses mentirosos,
Que celebrou o antigo Povo rudo.
Mercurio e o douto Apollo são famosos
Por sciencia diversa, e longo estudo:
Outros são por armas soberanos;
Hercules, e Lyeo, ambos Thebanos.*

*Bastardos são tambem Homero, e Orphéo,
Dous a quem tanto os versos illustráram;
E os dous de quem o Imperio procedeo,
Que Troia, e Roma em Italia edificáram.
Pois se he certo o que a fama já escreveo,
Se muitos a Philippo nomeáram
Por pai do Macedonico mancebo,
Outros lhe daõ o magno Nectanebo.*

*Assi o filho de Pedro Justicoso,
Sendo Governador alevantado*

Do

*Do Reino , foi nas armas tão ditoso ,
Que bem pôde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o Reino receoso
De ser do Castelhana subjogado ,
Aos seus o medo tira , que os alcança ,
Aos outros a falsifica esperança.*

No mesmo Canto III. , depois da Estancia 11.
havia a seguinte :

*Nem no Reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio :
Nem na Cidade nobre , que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados destros no exercicio :
Todos estes ajunta o Castelhana
Contra o pequeno Reino Lusitano.*

Ahi mesmo , depois da Estancia 13. se lia
est'outra :

*Oh inimigos maos da natureza
Que injuriais a propria geração !
Degenerantes , baixos ! Que fraqueza
De esforço , de saber , e de razão ,
Vos fez que a clara estirpe que se préza
De leal , fido , e limpo coração ,
Offendais dessa sorte ? Mas respeito
Que este dos grandes he o menor defeito.*

272 ESTANCIAS DESPREZADAS,

No mesmo Canto III. , em lugar da Estancia 21. apparecia no Manuscrito a seguinte:

*Qual o mancebo claro , no Romano
Senado , os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez , que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta ;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta ,
Que a patria duvidosa libertou ,
O que Fabio invejoso não cuidou.*

Pouco mais abaixo , depois da Estancia 27. apparecia esta :

*Já a fresca filha de Titam trazia
O sempre memorado dia , quando
As vesperas se cantam de Maria ,
Que este mez honra , o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado : logo , em branqueando
A alva no Ceo , os Reis se aparelhavam ,
E as gentes com palavras animavam.*

No mesmo Canto III. , depois da Estancia 35. appareciam as tres que se seguem , em que o Poeta fazia memoria de alguns Portuguezes que morreram na tal batalha.

*Passáram a Giraldo co' as entranhas
O grosso , e forte escudo , que tomára*

*A Perez que matou , que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.*

*Morrem Pedro , e Duarte , (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança : ambos mancebos , ambos fortes ,
Companheiros nas vidas , e nas mortes.*

*Morrem Lopo , e Vicente de Lisboa ,
Que estavam conjurados a acabarem ,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se affamarem.
Por cima do cavallo Afonso voa :
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco , que matára)
O vão privar assi da vida chara.*

*De tres lanças passado Hilario cai ;
Mas primeiro vingado a sua tinha ;
Não lhe peza porque a alma assi lhe sai ,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha :
O fugitivo espirito se lhe vai ,
E neste o pensamento que o fostinha ;
E sabinda da dama , a quem servia ,
O nome lhe cortou na boca fria.*

Neste mesmo Canto III. , em lugar da Estancia 39. , havia no Manuscrito a que aqui se segue :

*Favorecem os seus com grandes gritos
O successo do tiro ; e elle logo*

*Toma outra : (que jaziam infinitos
 Dos que as vidas perdêram neste jogo)
 Corre entrestando-a forte , e d'arte incita
 A brava guerra os seus , que ardendo em fogo
 Vaõ ferindo os cavallos de esporadas ,
 E os duros inimigos de lançadas .*

Depois desta , e depois da Estancia 40. deste Canto III. , havia no mesmo Original, as oito que se seguem aqui , nas quaes o Poeta fazia menção da morte de alguns Castelhanos.

*Velasques morre , e Sanches de Toledo ,
 Hum grande caçador , outro Letrado :
 Tambem perece Galbes , que sem medo
 Sempre dos companheiros foi chamado :
 Montanchez , Oropesa , Mondonbedo :
 (Qualquer destro nas armas , e esforçado)
 Todos por mãos de Antonio , moço forte ,
 Destro mais que elles , pois os trouxe á morte .*

*Guevara ronçador , que o rosto untava ,
 Mãos , e barba , do sangue que corria ;
 Por dizer que dos muitos que matava
 Saltava nelle o sangue , e o tingia :
 Quando destes abusos se jactava ,
 De travês lhe dá Pedro , que o ouvia ,
 Tal golpe , com que alli lhe foi partida
 Do corpo a vã cabeça , e a torpe vida .*

Pelo ar a cabeça lhe voou,
 Inda contando a historia de seus feitos:
 Pedro, do negro sangue que esguichou,
 Foi todo salpicado, rosto, e peitos;
 Justa vingança do que em vida usou.
 Logo com elle ao occaso vão direitos
 Carrilho, João da Lorca, com Robledo;
 Porque os outros fugindo, vão de medo.

Salazar, grão tãful, e o mais antigo
 Rustão que Sevilha entã sostinha;
 A quem a falsa amiga, que comsigo
 Trouxe, de noite só fugido tinha.
 Fugio-lhe a amiga, em fim, para outro amigo,
 Porque vio que o dinbeiro com que vinha,
 Perdeo todo de hum resto: e não perdera,
 Se huma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
 E o Mundo todo, a terra, e o Ceo vagante,
 Blasfemando ameaça, e determina
 De vingar-se em qualquer que achar diante.
 Encontra com Gaspar, (que Catharina
 Anã em excessu) e leva do montante,
 Que no ar fere fogo; e certa cria,
 Que hum monte da pancada fenderia.

Bem cuida de cortá-lo em dous pedaços,
 Porém Gaspar vendo o montante erguido,
 Cerra com elle, e leva-o nos braços:
 Comettimento destro, e atrevido.

276 ESTANCIAS DESPREZADAS,

Braceia o Castelhana, e de ameaças,
Se serve ainda; e estando já vencido,
O Portuguez forçoso, em breve mota,
Lhe leva a arma das mãos, e salta fóra.

E porque elle não lhe use a propria manha,
Que este lhe usára já, de ponta o fere,
Nos peitos o montante, em fim lhe banha,
Porque de outra vingança desespere.
Fugio-lhe a alma indignada, e na montanha
Tartarea inda blasphema; alli refere
Que mais não acontar a amiga ingrata,
Que os aqoutes de Alecto o pena, e mata.

E do metal de espadas aos damnados
Diz males, e blasphemias sem medida:
Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
E agora por entrar-lhe perde a vida.
Por pena quer Plutaõ de seis peccados,
Que se lhe mostre a amiga já fugida,
Em brincos de outro, e beijos enlevada:
Remette elle para elles, e acha nada.

Neste mesmo Canto IIII., depois da Estancia
44. havia no Original as duas seguintes:

Oh pensamento vão do peito humano!
Agora neste cego error cabisle?
Agora este formoso e ledo engano
Da sanguinosa e fera guerra viste?

Ago-

*Agora que com sangue, e proprio dano,
A dura experiencia acerba, e triste,
To tem mostrado. E agora que o provaste,
Os conselhos darás, que não tomaste.*

*Dos corpos dos inimigos Cavalleiros,
Do mato os animaes se apascentáram:
As fontes de mais perto nos primeiros
Dias sangue com agua destilláram.
Os pastores do campo, e os monteiros
Da vizinha montanha, não gostáram
As aves de rapina em mais de hum anno,
Por terem o sabor do corpo humano.*

Os ultimos quatro versos da Estância 49. do mesmo Canto III. estavaõ muito differentes no Manuscrito; e depois destes havia mais duas Estancias: tudo como se segue.

*Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno entãõ Protheo Propheta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus Reinos o grão sceptro tenha.*

*Já toma a forte porta inexpugnavel,
Que o Conde desleal primeiro abriu,
Por se vingar do amor inevitavel
Que a fortuna em Rodrigo permittio.
Mas não foi esta a causa detestavel
Que a populosa Hespanha destruiu:*

278 ESTANCIAS DESPREZADAS ,

*Fuizo de Deos foi por causa incerta ;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.*

*Já agora , ó nobre Hespanha , estás segura
(Se segurar te podem Cavalleiros)
De outra perda como esta , iniqua , e dura ,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deo á próspera ventura
Do Rei Joanne a terra , que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestára ;
E vencida ficou mais nobre , e clara.*

Na Estancia 61. deste mesmo Canto III. ,
eram os ultimos cinco versos no Manuscripto co-
mo aqui vão.

*Da próspera Cidade de Veneza :
Veneza , a qual os Povos que escaparam
Do Gotthico furor , e da crueza
De Attila edificáram pobrememente ,
E foi rica despois , e preeminente.*

Depois da Estancia 66. do mesmo Canto III.
havia no Original a seguinte :

*Naõ foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno , e governança ,
Este , de cujo illustre e forte peito
Depende humia grandissima esperanza :
Pois naõ havendo herdeiro mais direito
No Reino , e mais por esta confiança ,*

*Joanne o escolheo , que só o herdasse ,
 Não tendo filho herdeiro que reinasse.*

Quasi ao fim do mesmo Canto III. , depois da Estancia 86. havia no Manuscrito as duas seguintes :

*Alli lhe promettemos , se em socego
 Nos leva ás partes , onde Phebo nasce ,
 De , ou espalhar sua Fé no Mundo cego ,
 Ou o sangue do Povo pertinace.
 Fizemos para as almas santo emprego
 De fiel confissão , pura , e verace ,
 Em que , postoque Hereges a reprovam ,
 As almas , como a Phenix , se renovam.*

*Tomámos o divino mantimento ,
 Com cuja graça santa tantos dias ,
 Sem outro algum terrestre provimento ,
 Se sustentáram já Moysés , e Helias.
 Pam , de quem nenhum grande pensamento ,
 Nem subtis e profundas phantasia
 Alcançam o segredo , e virtude alta ,
 Se do juizo a Fé não suppre a falta.*

No Canto VI. , depois da Estancia 7. se achava no mesmo Original mais huma , que Manoel de Faria e Sousa reputou admiravel ; e por isso se admira muito de que o Poeta a omitisse. He , pois ; como se se ve :

280 ESTANCIAS DESPREZADAS,

*Lá na sublime Italia hum celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o Capitam Troiano ousado
A's negras sombras foi do escuro inferno.
Por alli ha tambem hum desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno
Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por alli foi descendo Baccho agora.*

Depois da Estancia 24. do mesmo Canto VI.
havia a que se segue:

*A dor do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, o seu senão tem culpa a parte;
Porque se a coisa amada vos engeita,
Vingança busca s' de qualquer arte.
Porém quem ourem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que per outro o negue,
Se sempre foge amor de quem o sigue?*

Ahi mesmo, depois da Estancia 40., havia as
cinco seguintes, em que Leonardo proseguia a sua
narração.

*De que serve contar grandes historias
De Capitães, de guerras affamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheas subjugadas?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:*

*Eu as farei , se for no Mundo ouvido ;
De como só de huns olhos fui vencido.*

*Naõ foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia , vigiando ;
Que com quanto era duro , e bellicoso ,
Amor o tinha feito manso , e brando.
Taõ concertado vive este enganoso
Moço co' a natureza , que tratando
Os corações taõ doce , e brandamente ,
Naõ deixa de ser forte quem o sente.*

*Contai (disse) . Senhor , contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas ,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas.
Concederam os mais vigiadores ,
Que alli fossem de todos referidas
As historias que já de amor passáram ;
E assi sua vigia começáram.*

*Disse entãõ Leonardo : Naõ espere
Ninguem que conte fábulas antigas :
Que quem alheas lagrimas refere ,
Das proprias vive isento , e sem fadigas.
Porque despois que amor co' os olhos fere ,
Nunca por taõ suaves inimigas ,
Como a mi só no Mundo tem ferido
Pyramo , nem o nadador de Abido.*

282 ESTANCIAS DESPREZADAS,

*Fortuna que no Mundo pôde tanto ,
Me deitou longe já da patria minha ,
Onde taõ longo tempo vivi , quanto
Bastou para perder hum bem que tinha.
Livre vivia entaõ , mas não me espanto ,
Senaõ que sendo livre , não fostinha
Deixar de ser captivo , que o cuidado ,
Sem porque , tive sempre namorado.*

Depois destas cinco , e da Estancia 80. , seguiu-se a 81. com esta differença :

*Divina Guarda , Angelica , Celeste ,
Que o Astrifero Polo senhoreas ;
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das aguas Erythreas :
Se por mores perigos me trouxeste ,
Que ao Itacense Ulysses , ou a Eneas ,
Passando os largos terminos de Apolo ,
Pelas furias de Tethys , e de Eolo.*

Ao fim deste mesmo Canto VI. , depois da Estancia 94. , continuavam no primeiro Manuscrito as seguintes fete :

*Olhai como despois de hum grande medo ,
Taõ desejado bem logo se alcança ;
Assi tambem detraz de estado ledo
Tristeza está , certissima mudança.
Quem quizesse alcançar este segredo
De não se ver nas cousas segurança ,*

Cre-

Creio, se escudrinhá-lo bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoidecesse.

Não respondo a quem disse, que a fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deos ao Mundo por columna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opinião das gentes importuna
He ter, que o homem aos Anjos semelhante,
Por quem já Deos fez tanto, se puzesse
Nas mãos do leve caso que o regesse.

Mas quem diz que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá, se os maos vir sublimados?
Que me dirá, se os bõos vir abatidos?
Se alguém me diz, que nascem destinados,
Parece razão aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado a meu destino,
Que mais me val ser Santo, que malino.

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o número accrescenta
Dos naufragios, na Costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

284 ESTANCIAS DESPREZADAS,

*Se havia de perde-la em breve instante,
 O salva-la primeiro, que lhe val?
 Fortuna alli, se he habil: e prestante,
 Porque não dava hum bem detraz de hum mal?
 Bem dizia o Philosopho elegante
 Simonides, ficando em hum portal
 Salvo, donde os amigos morrer vira,
 Na sala arruinada, que cabira.*

*Oh poder da fortuna tão pezado,
 Que tantos n'hum momento assi mataste!
 Para que maior mal me tões guardado,
 Se deste que he tamanho me guardaste?
 Bem sabia que o Ceo estava irado;
 Não ha damno que o seu furor abaste;
 Nem fez hum mal tamanho, que não tenha
 Outro muito maior, que logo venha.*

*Mui bem sei que não falta quem me dêsse
 Razões subtis, que o engenho lhe assegura;
 Nem quem segundas causas revolvesse;
 Materias altas, que o juizo apura.
 Eu lhe fico que a todos respondesse,
 Mas não o soffre a força da escriptura:
 Respondo só, que a longa experiencia
 Enlea muitas vezes a sciencia.*

Atéqui as Estancias que se achavam no primeiro Manuscrito. Continuum agora as do segundo, que fora de Manoel Correa Montenegro.

No Canto VIII., depois da Estancia 32.; ha-
via as tres seguintes:

*Este deo grão principio á sublimada
Illustrissima Casa de Bragança,
Em estado, e grandeza avantajada
A quantas o Hespanhol Imperio alcança.
Ves aquelle, que vai com forte armada
Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
O valeroso intento que pertende,
E a Villa de Azamor combate, e rende?*

*He o Duque Dom Gemes, derivado
Do tronco antigo, e successor famoso,
Que o grande feito emprende, e acabado
A Portugal dá volta victorioso;
Deixando desta vez taõ admirado
A todo o Mundo, e o Mouro taõ medroso;
Que inda atégora nunca ha despedido
O grão temor entonces concebido.*

*E se o famoso Duque mais avante
Não passa co' a Catholica conquista,
Nos muros de Marrocos, e Trudante,
E outros lugares mil á escala vista;
Não he por falta de animo constante,
Nem de esforço, e vontade prompta, e lista;
Mas foi por não passar o limitado
Termino, por seu Rei assignalado.*

286 ESTANCIAS DESPREZADAS,

Depois da Estancia 36., neste mesmo Canto VIII., havia mais huma, como se segue:

*Achou-se nesta desigual batalha
Hum dos nossos, de inimigos rodeado;
Mas elle de valor, mais que de malba,
E militar esforço acompanhado;
Do primeiro o cavallo mata, e talha
O colo a seu Senhor, com desusado
Golpe de espada; e passo a passo andando,
Os torvados contrarios vai deixando.*

No Canto X., depois da Estancia 72., havia dez no Manuscrito de Montenegro, as quaes são como se seguem:

*Verá-se, em fim, toda a India conjurada,
Com bellico aparelho; varias gentes,
Chaul, Goa, e Malaca ter cercada
Em hum tempo lugares differentes.
Mas vê como Chaul quasi tomada,
O mar com suas ondas eminentes,
Vai soccorrer a gente Portugueza,
Que só de Deos espera já defeza.*

*Vês qual o Rei Gentio presuroso
Ande, cerca, discorre, e anda listo,
Incitando o exercito espantoso
A destruir hum esquadrão de Christo?
Mas nota o ponto de honra generoso,
Em cerco, nem batalha nunca visto;*

Os Soldados fugindo do seguro,
Passar-se ao posto perigoso, e duro.

Alli o prudentissimo Ataide,
Confortado da ajuda soberana,
Onde a necessidade e tempo o pide,
Socorrerá com força mais que humana.
Até que com seus damnos se despide
Do crú intento a gente vil, profana,
Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
Virão a pedir paz arrependidos.

Em quanto isto passar cá na luminosa
Costa de Asia, e America sombria,
Não menos lá na Europa bellicosa,
E nas terras da inculta Barbaria;
Mostrará a gente Elysia valerosa
Seu preço, de temor tornando fria
A Zona ardente, em ver que hum conquista
Lhe não faz que das outras tres desista.

Veraõ o valentissimo (*) Barriga,
Adail de Zafim, grande, affamado,
Sem

(*) Falla aqui o Poeta de Lopo Barriga que foi hum dos mais esforçados Portuguezes que militaram em Africa. Delle fazem illustre memoria as nossas Historias, e com especialidade Damiam de Goes em varios lugares da Chronica d'ElRei Dom Manoel, e Dom Antonio Gaetano de Sousa, na Historia Genealogica da Casa Real Portugueza, Tom. XI. p. 699.

288 ESTANCIAS DESPREZADAS,

*Sem ter por armas quem lho contradiga,
Correr de Mauritania ferra, e prado.
Mas ve como a infiel gente inimiga
O prende por hum caso desastrado,
E com elle outra gente leva presa;
Que em tal caso não pode ter defesa.*

*Mas passado este trance perigoso,
Olha onde preso vai, como arrebatado
A lança de hum dos Mouros, e furioso
Com ella a seu Senhor derriba, e mata.
E revolvendo o braço poderoso,
Os seus livra, e os inimigos desbarata:
E assi todos alegres, e triumphantes,
Se tornam donde foram presos antes.*

*Ei-lo cá por engano outra vez preso,
Está na escura e vil estrebaria,
Carregado de ferros, de tal peso,
Que de hum lugar mover-se não podia.
Ve-lo de generoso fogo acceso,
Que o páo ensanguentado sacudia,
Com que no soberbo Mouro a morte dá,
Que em sua honrada barba a mão puzera?*

*Mas vê como os infidos Agarenos,
Por mandado lhe dão do Rei descrido,
Tanto açoute por isto, que em pequenos
Lhe fazem sobre as costas o vestido,
Sem que ao forte Varaõ vozes, nem menos
Ouysem dar hum íntimo gemido:*

Já

*Já vai a Portugal despedaçado
O vestido a pedir ser resgatado.*

*Olha Cabo de Aguer aqui tomado
Por culpa dos Soldados de socorro :
Ves-o grande Carvalho alli cercado
De inimigos, como touro em duro corro ;
De trinta Mouros mortos rodeado ,
Revolvendo o montante, diz : Aois morro ,
Celebrem mortos minha morte escura ,
E façam-me de mortos sepultura.*

*Ambas pernas quebradas, que passando
Hum tiro, despedaçado lhas havia ;
Dos gíolhos e braços se ajudando ,
Com nunca visto esforço, e valentia :
Em torno pelo campo retirando ,
Vai a Agarena, dura Companhia ,
Que com dardos, e settas, que tiravam,
De longe dar-lhe a morte procuravam.*

Neste mesmo Canto X. appareciam no referido Manuscripto de Montenegro, depois da Estancia 73. as onze seguintes:

*Com taes obras, e feitos excellentes
De valor nunca visto, nem cuidado ,
Alcançareis aquellas preeminentes
Excellencias, que o Geo tem reservado
Para vósoutros, entre quantas gentes
O Sol aquecta, e cerca o humor salgado :
Tom. I. Part. II. T Que*

290 ESTANCIAS DESPREZADAS,

Que em poucos se acham poucas repartidas,
E em nenhuma Nação juntas, e unidas.

Religião, a primeira, sublimada,
De pio e santo zelo revestida;
Ao culto divinal somente dada,
E em seu serviço e obras embebida.
Nesta, a gente no Elysio campo nada,
Se mostrou sempre tal em morte, e vida,
Que pôde pertender a primazia
Da Illustre e Religiosa Monarchia.

Lealdade he segunda, que engrandece,
Sobre todas, o nobre peito humano;
Com a qual semelhante ser parece
Ao Coro celestial, e soberano.
Nesta por todo o Mundo se conhece
Por tão illustre o Povo Lusitano,
Que jámais a seu Deos, e Rei jurado,
A fé devida e pública ha negado.

Fortaleza vem logo, que os Authores
Tanto do antigo Luso magnificam,
Que os vossos Portuguezes com maiores
Obras, ser verdadeira certificam:
Dando materia a novos Escriptores,
Com feitos, que em memoria eterna ficam;
E vencendo do Mundo os mais subidos,
Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta , que no Imperio
 Portuguez só reside com possança :
 Pois no sublime e no infimo Hemispherio
 As quatro partes só do mundo alcança :
 E as quatro Nações dellas por mysterio
 Com que conquista , e tem certa esperança ,
 Que Christãos , Mouros , Turcos , e Gentios ,
 Juntaráõ n'huma lei seus senhorios.

Descobrimento he quinta , que bem certo
 A' gente Lusitana só se deve ,
 Pois tendo Norte a Sur já descoberto ,
 Adonde o dia he grande , e adonde breve :
 E por caminho desusado , incerto ,
 De Ponente a Levante , inda se atreve
 Cercar o Mundo em torno por direito :
 Feito despois , nem antes , nunca feito.

Deixo de referir a piedade
 Do peito Portuguez , e cortezia ,
 Temperança , fé , zelo , e caridade ,
 Com outras muitas , que contar podia.
 Pois asegundo o ponto da verdade ,
 E regras da mortal Philosophia ,
 Não pode conservar-se huma virtude ,
 Sem que das outras todas se arme , e ajude.

Mas destas , como base , e fundamento
 Daquellas cinco insignes excellencias ,

292 ESTANCIAS DESPREZADAS ;

*Em que ellas tem seu natural assento ,
E de quem tomam suas dependencias :
Nãõ quero aqui tratar , que meu intento
Nãõ he descer a todas menudencias ,
Que geraes sãõ no mundo a muita gente ,
Senãõ das que em vós se acham tamfõmente.*

*Mas nãõ será de todo tempo , e puro ,
O curso desigual de vossa historia :
Tal he a condiçãõ do estado escuro
Da humana vida , fragil , transitoria :
Que mortes , perdições , trabalho duro
Agnarãõ grandemente vossa gloria ;
Mas nãõ poderá algum successo , ou fado ,
Derribar-vos deste alto e honroso estado.*

*Tempo virá , que entrambos Hemispherios
Descobertos por vós , e conquistados ,
E com batalhas , mortes , captiverios ,
Os varios Povos delles sujeitados :
De Hespanha os dous grandissimos Imperios
Serãõ n'hum senhorio só juntados ,
Ficando por Metropoli , e Senhora ,
A Cidade que cá vos manda agora.*

*Ora , pois , gente illustre , que no Mundo
Deos no gremio Catholico conserva ,
Redemidos da pena do profundo ,
Que para os condemnados se reserva ,
Por vos dotar o que perdeo o immundo
Lusbel , com sua infame e vil caterva ;*

Pois

*Pois sabeis alcançar a gloria humana ,
Fazei por não perder a soberana.*

Ultimamente , depois da Estancia 141. deste Canto X. , se achou no Manuscrito de Montenegro mais esta que aqui vai :

*Daqui sabindo irá , onde acabada
Sua vida será na fatal Ilha :
Mas proseguindo a venturosa armada
A volta de tão grande maravilha ;
Veraõ a não Victoria celebrada
Ir tomar porto junto de Sevilha ,
Despois de baver cercado o mar profundo ,
Dando huma volta em claro a todo o Mundo.*

Porquê se não percam totalmente composições do nosso Poeta , com summo gosto fizemos aqui memoria destas Estancias , convencidos de que ellas são hum monumento digno da posteridade , e de ser vingado daquelle esquecimento , em que o tinha posto a incuria , negligencia , e descuido de hum grande numero de Editores , á excepção de Manoel de Faria e Sousa , verdadeiro estimador destas cousas.

Seguem-se as Lições várias , achadas tambem pelo mesmo Faria , na conferencia dos dous Manuscritos , oom hum exemplar da primeira edição. O que vai de redondo he o que o Poeta desprezou ; e o que se achar de grifo he o que im-

294 ESTANCIAS DESPREZADAS,

imprimio. Os numeros são os das Estancias. Cre-
mos que o Leitor estudioso da lição Poetica tira-
rá huma não pequena instrucção, se cuidadosa-
mente se applicar a fazer as devidas e convenien-
tes reflexões sobre as mesmas emendas. As que
se seguem são as do primeiro Manuscipio.

LIÇÕES VARIAS.

CANTO I.

E St. 4. E vós Tagides Mufas. *E vós Tagides minbas.*

Pois sempre. *Se sempre.*

5. Que Marte. *Que a Marte.*

8. Vós ó sagrado Rei. *Vó poderoso Rei.*

Do torpe Mauritano. Do torpe Ismaelita.

10. Vereis o peitò. *vereis o nome.*

11. Commúus façanhas. *Com vãas façanhas.*

12. Os onze. *Os doze.*

14. Albuquerque invencibil. *Albuquerque terribil.*

Entende-se que o Poeta (que nada escrevia sem ponderação) fez esta mudança , depois que soube que Affonso de Albuquerque mandára matar hum soldado , por certo delicto , que ou podia ser perdoado , ou devia ser punido com menor pena.

18. Muito mais do que os vossos o desejam.

De regerdes os povos , que o desejam.

20. Quatro versos no meio desta Estancia achavam-se no Manuscripto trocados desta maneira:

Pizando o crystallino Ceo formoso

Pelo caminho Lacteo excellente ,

Se juntam em Concilio glorioso

Sobre as cousas futuras do Oriente.

{ Com

22. Com hum gesto fevero. *Com gesto alto fevero.*
23. Os outros mais abaixo. *Mais abaixo os menores.*
24. Deve-vos de ser noto, e evidente. *Deveis de ter sabido claramente.*
25. Contra o Brigio duro. *Contra o Castelbano.*
 Quasi todas as vezes que Camões nomeava os Castelhanos, dizia *Brigios*, fundado talvez em que Garibay, lib. 4., cap. 8., Julian del Castillo, nos seus Reis Godos, lib. 20., Gieronymo Martel, na sua Chronologia, part. 1. e outros, chamavam a Castella *Briga*, ou *Brigia*, de *Brigo*, seu Rei, que fora neto de Tubal; porém mudou o Poeta de parecer; e, segundo se lia nos Manuscriptos, á excepção de hum só lugar do seu Poema, em que conservou a palavra *Brigios*, em todos os outros onde tinha *Brigio*, e *Brigios*, escreveu *Castelbano*, e *Castelhanos*.
26. Por Capitam Geral o peregrino, que achou
Hum por seu Capitam, que peregrino fingio.
32. Esta Estancia não estava no Manuscripto, e o Poeta a compoz depois.
33. Por quanta semelhança. *Por quantas calidades.*
34. A alma dea. *A clara dea.*
38. Cujo valor. *Cuja valia.* E colhe-se daqui, que *valia* em Portuguez era synonymo de valor; e como tal apparece na Est. 82. do Cant. III.

- Juiz perfeito. *Juiz direito.*
42. Ilha Madagascar. *Ilha de São Lourenço.*
43. Donde tomam as ondas. *Na Costa da Ethio-
pia.*
44. O grande Capitam. *O forte Capitam.*
Que toda a armada manda , e lhe obedece.
Que a tamanhas empresas se offerece.
48. A ancora o mar ferindo. *Da ancora o mar
ferido.*
54. He o nome da Ilha. *Chama-se a pequena
Ilha.*
58. Os ventos defabridos. *Os furiosos ventos.*
61. Conserva doce excellente , co' o purpureo li-
cor que Baccho cria. *Conserva doce , dá-lhe o
ardente , não usado licor , que dá alegria.*
64. Da India valerosa. *Da India tão famosa.*
67. Maças bravas. *Chuças bravas.* Fez o Poeta
esta mudança , porque já naquelle tempo usa-
vam pouco das maças.
71. Que aos da armada. *Que aos estrangeiros.*
72. Do inimigo. *Do obsequente.* Ao regio apo-
sento. *Ao cognito aposento.*
79. Tem discorrido. *Tem destruido.* Contra nós
lá nos altos pensamentos. *Contra nós , e que
todos seus intentos. Para nos destruirem. São
para nos matarem.*
81. Instruto. *Astuto.*
86. Qual em cavallo ardente. *Hum de escudo
embraçado.* E está mudado , e emendado , com
a advertencia de que alli não havia cavallos.
Na mão , qual arco curvo. *Outro de arco encur-
vado.*

87. Andam na escaramuça polvorosa. *Andam pela ribeira alva arenosa. Com a lança. Com a hastea.*
88. Corre, falta, affovia. *Salta, corre, sibila.*
92. Os fortes paraos. *Os pangaios subtijs.*
A má tenção contrária. *A vil malicia perfida.*
98. Povo Christão habita. *Povo antiguo Christão sempre habitou.*
104. Na figura do Mouro. *Na forma de outro Mouro.*

CANTO II.

- Est. 1. Humida. *Lenta. Infidas. Fingidas.*
4. Ou rubí fino, ou duro diamante. *O rubi fino, • rigido diamante.*
5. Que porque a noite o Sol esconde. *Que porque o Sol no mar se esconde.*
11. Co' as linguas. *Das linguas.*
12. Bromio. *Baccho.*
13. Da filha. *Da moça.*
14. Falso rio. *Salso rio.*
16. Gama Illustre. *Nobre Gama.*
19. Lindas filhas. *Alvas filhas.*
20. Fresca. *Crespa. Levantadas. Encurvadas.*
24. Trabalhando. *Atravessando.*
26. E por salvar-se a nado arremetiam. *Saltando na agua, a nado se acolhiam.*
28. Agua clara. *Agua amara.*
29. O Capitam claro. *O Gama attentado.*
30. Insperado. *Inopinado. Acudir á fraca gente.*
A' fraca força.

Que

34. Que aos deoses. *Que ás estrellas.*
36. Os frescos. *Os crespos.*
39. Te achasse amigo brando. *Te achasse brando ,
affavel. A algum celeste. A algum contrario.*
41. Como irosa. *De mimosa.*
44. Nem que outro algum celeste. *Nem que nin-
guem comigo. Que esses olhos. Que esses cho-
rosos olhos.*
45. Nesta Estancia estavam no Manuscrito os
dous versos de Enéas antepostos aos de Ante-
nor, desta forte :
- Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia Ilha eterno escravo ;
E se o piedoso Enéas navegou
De Scylla , e de Charybdis o mar bravo ;
E se Antenor os feios penetrou
Illyricos , e a fonte de Timavo ;
Os vossos mores cousas intentando ,
Novos Mundos ao Mundo iraõ mostrando.
46. Postas. *Dadas.*
50. Estar Mavorte. *O grão Mavorte.*
52. Vereis mais. *E vereis.*
53. Nas Accias guerras forte , e venturoso. *Nas
civis Accias guerras animoso.*
58. E claro. *E raro.* Nesta Est. estava o ultimo
verso , primeiro que o penultimo.
61. Manso o vento. *Sereno o tempo.*
64. Vê ferir. *Ve ferida.*
68. Suspiram. *Respiram.* Mansamente. *Branda-
mente.*
70. Como o Illustre Gama. *Como o Gama muito.*
Cof-

74. Costa atrás. *Serra atrás.*
77. Lá de longe tinha. *De longe trazia.* Excelente: *Côr ardente.* Com o coral puniceo tem. *O ramoso coral fino , e prezado.*
80. Famosa. *Soberba.* Nomeadas. *Apartadas.*
86. Nenhum temor , ou medo. *Nenhum frio temor.*
95. De obra subtil de poucos alcançada. *Onde a materia da obra he superada.* O pyropo na adaga. *Na cinta a rica adaga.*
96. Ao Sol ardente veda. *A solar quentura veda.* E de outrem não sabido. *Horrisono no ouvido.*
98. Co'a pluma a gorra. *Pluma na gorra.*
101. Já no batel entrava o Capitam do Rei. *Já no batel entrou do Capitam o Rei.*
104. O Sol revolve. *O Ceo revolvem.*
106. As bandeiras. *As bombardas.*
107. O Illustre Gama. *Forte Gama.*
111. Que quem he o que ignora , e não conhece as famas. *Que quem ha que por fama não conhece as obras.*
112. Trabalho estranho. *Trabalho illustre.*

C A N T O III.

- Est. 1. Docta dama. *Linda dama.* O amor divino. *O amor devido.*
3. O Capitam claro. *O sublime Gama.*
10. Fria Dania. *Lappia fria.* Os Hunnos , a grão Gothia. *Escandinavia Ilha , &c.* O defabrido. *O congelado.* Grão parte. *Hum braço.* Pe-
le

- lo Baltico, Ruffio, e Lithiano. *Pelo Brussio, Suecio, e frio Dano.*
14. Da agua a que tem humilde. *Das aguas que tão baixa.* O Mundo todo. *Nações varias.*
16. França. *Gallia.*
17. Belligeros. *Bellicosos.*
18. Estreito claro. *Sabido estreito.*
20. O Sol. *Phebo.* Com que ao proprio Mauritano deitou dos propios fjs. *Contra o torpe Mauritano, deitando-o de si fóra.*
21. Esta he aquella. *Esta he a ditosa.* Que torne vivo. *Que eu sem perigo.* Com tamanha empreza. *Com esta empreza já.* Serme-ha gosto entre os homens excessivo. *Acabe-se esta luz alli comigo.* Que do antigo Divo Baccho Thebano. *Que de Baccho antigo.* Foram companheiros. *Filhos foram parece, ou.* Nella parece. *E nella entaõ.*
22. Daqui o Pastor. *Desto o.* A eterna Roma. *A grande Roma.*
24. Com este. *Com hum Rei.* Afonso. Premios, e galardões. *Premio digno, e dões.*
25. Lhe deram Portugal, que entaõ. *Portugal houve em sorte, que no Mundo entaõ.* Não era conhecido. *Não era illustre.*
27. De Christo. *De Deos.*
31. A inquieta. *A soberba.*
33. Sentimento. *Entendimento.*
34. Convocado da. *Para vingar a.* O tão fraco. *O tão raro.*
35. Toma o Castelhana. *Foi refazer-se o inimigo.*
- Do

36. Do Lusitano. *Do moço illustre.*
 37. De Castella. *Castelhano.*
 38. Segurança. *Confiança.*
 40. Inclinado. *Já entregado.* Submettido. *Offre-*
cido.
 42. Orgulhoso. *Ditoso.*
 43. Naquelle Deos. *No summo Deos.* Por muito
 mais doudice. *Por mais temeridade.*
 44. Reis são os Mouros. *Reis Mouros são.*
 45. Ao Principe. *A Afonso.*
 46. Por Dom Afonso Rei. *Por Afonso alto Rei.*
 49. O cego mato. *O seco mato.* Estiondó. *Es-*
tridor.
 51. Que podiam mover. *Para se desfazer.*
 55. A secca Arronches. *A forte Arronches.*
 56. Fortes. *Nobres.* Forte Mafra. *Tambem Ma-*
fra.
 58. Povos. *Muitos.* Mouros. *Muros.*
 59. Claro. *Cheio.*
 60. Que o Rheno, Albis, e Ibero. *Que o Ibero*
o rio, e o Tejo.
 62. Sobre humano. *Mais que humano.*
 65. Vence hum grande. *Desbarata hum.*
 66. Sessenta mil peões de seda. *Innumeros peões*
de armas. Valentes. *Guerreiros.*
 67. Dava o Principe indignado. *Affonso subito*
mostrado. Na gente que passava. *Na gente dá,*
que passa. Húus captiva, outros mata. *Fere*
mata, derriba. Já foge o Rei que só. *Foge o*
Rei Mouro, e só.
 68. Paz Augusta. *Badajoz.*

77. Dura: tuba. *Ronca tuba.*
79. Força. *Esforço.* Daqui se colhe, que todas as vezes que o Poeta usa da palavra *força* entende por ella *fortificação*, ou *cópia.*
83. Próspero. *Principe.*
88. Famosa. *Formosa.* Que trouxera o contraste. *Que viera por contraste.*
89. Gallega. *Soberba.*
90. Que de antes os perros. *Porque d' antes os Mouros. O deixáram. O pagáram.*
93. Sublimado. *Costumado.* E de Senhores. *A Senhores. Não he. Não for.*
96. No Reino já tranquillo. *Na terra já tranquilla.*
97. Delphico. *Soberbo.*
99. Que nunca foi. *Porque não he.*
100. Exército. *Barbaro.*
101. Muita. *Grande.*
102. Paternos. *Paternaes.*
105. Os versos desta Est. tinham no Manuscrito a seguinte collocação:
- Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Moluco se congela;
Se esse gesto que mostras claro, e lédo,
De pai o verdadeiro amor assela;
Rompe toda a tardança: acude cedo
A' miseranda gente de Castela;
Acude, corre, pai; que senão corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.
106. A bella Venus. *A triste Venas.*
107. Trilhados. *Coalhados.*

111. O fraco e gentil Pastor. *O Pastor inermes es-*
tar. O santo. O fraco.
112. A gente. *Ao Reino.*
113. A que. *Alli.*
114. Tamanha presteza. *Esforço tamanho.*
 Não lhe val elmo, malha. *Sem lhe valer de-*
feza. O duro. O forte.
115. Altos Reis. *Fortes Reis.*
116. Terça parte. *Quarta parte. Tres moios. Al-*
queires tres.
117. Esta Est. não se via no Manuscripto ; e o
 Poeta a accrescentou depois.
120. Lédo. *Doce. Doce. Lédo. Só o foídofo*
campo. Nos campos saúdosos.
 Pondera Manoel de Faria e Sousa neste lugar ,
 que em tempos mais antigos senão dizia em
 Portuguez *saúdofo* , e *saúdade* , mas sim *soí-*
doso , e *soídade* , termos que elle tem por mais
 expressivos : diz mais , que no seu tempo se
 conservava ainda na plebe o uso destas duas ul-
 timas palavras ; concluindo , que a impertinen-
 te e affectada elegancia dos cultos , antes que
 a humilde e syncera simplicidade da plebe , era
 quem corrompia , e pervertia mais o uso natu-
 ral dos Idiomas.
123. Por tirar ao. *Por lhe tirar o. Do poder Mou-*
ro seja. Do furor Mauro fosse.
124. Baixa. *Crua. Saúdosas. Piedosas.*
125. Que já as. *Porque as.*
130. Por bõos taes feitos. *Por bom tal feito alli.*
Feros. Feroces,

132. Duros. *Brutos*. Na marmorea columna. No colo de alabastro. Fingindo. *Banhando*.
133. Crua. *Sceva*.
134. Affi está morta a misera. *Tal está morta a pallida*. Linda. *Viva*.
135. Longamente. *Longo tempo*. Gentil. *Fresca*.
136. Pedro não viffe. *Não viffe Pedro*.
138. Viciofissimo. *Sem cuidado algum*.
139. Hum fraco. *Hum baixo*.
140. , 141. Estas duas Estancias não estavam no Manuscripto , e foram depois accrescentadas pelo Poeta.
142. De hum vulto Meduseo , sereno ardente. *Vulto de Medusa propriamente*.
143. Riso. *Gesto*.

C A N T O IV.

1. Rei perdido. *Rei Fernando*.
 2. Da fraqueza , ou descuido. *Descuido remisso*. Poucos dias. *Pouco tempo*. Que este só era então do Reino. *Por Rei como de Pedro unico*.
 4. Tambem. *Então*.
 7. Se o morto Conde Andeiro. *Se a corrompida fama*.
 8. Que do antigo Brigo o nome tomou , depois mudado. *Que de hum Brigo , se foi , já teve o nome derivado*. Das Cidades , e Villas , que. *Das terras que Fernando , e que*. Com tanta honra ganhou. *Ganháram do Tyranno*.
 9. Divisas. *Insignias*.
- Tom. I. Part. II. U To-

10. Toledo, obra antiga de Bruto. *Toledo, Cidade nobre, e antiga.*
11. A guerra movem as tres. *Movem da guerra as negras. Moradores. Matadores.*
15. O bravo. *O patrio.*
16. Claros. *Feros. Vencêram. Vencestes.*
17. Celebrados. *Sublimados.*
19. Os Brigios. *Estes.*
21. Aquella gente esforça Nuno. *Desta arte a gente força, e esforça Nuno.*
22. Cada hum se armava, como lhe. *Arma-se cada qual como.*
24. Gallos. *Francezes.*
25. Antão Vaz de Almada o. *Antão Vasques de Almada he. Abrantes. Abranches. Claro. Forte.*
26. Gloriosas. *Bellicosas. A' vista. Defronte. Mas maior he o medo que. E todas grande diuida.*
28. Lusitana. *Castelhana. Terrifico. Terrivel.*
29. A vida. *Da vida.*
32. Julio Magno. *Julio, e Magno.*
33. O forte. *O nobre.*
36. Ferida. *Parida.*
37. O monte bello, e os Sete Irmãos. *Os montes Sete Irmãos atroa, e.*
41. Do vulgo, em fim, que não tem. *Tambem do vulgo vil sem. Do Brigo. Do inimigo.*
44. A intaufa sede. *A sede dura.*
48. A Fé de Christo, a Fé. *A Lei de Christo, a Lei.*
51. Nesta Estancia faltava no Manuscripto o verso 6. Por-

53. Porque Hespanha não perecesse. *Porque se Hespanha não temesse.*
54. Vencer-se de ninguem. *Poder ninguem vencer.*
58. No Reino. *Nos Reinos.*
61. Com presteza. *Celebrada.*
62. As ondas Adriaticas. *Pelo mar alto Siculo.*
Pelo mar de Canopo ás costas. *E dalli as ribeiras altas. Sobem-se a. Sobem-se. á.*
63. E vendo as altas. *Ficam-lhe atraz.* Detraz o monte Caspio lhe ficou. *Que o filho de Ismael co' o nome ornou.* Vendo-a a Felice a. *Feliz, deixando a.*
67. E como nunca já do. *O qual como do nobre.* Deixasse de ser hora, nem. *Naõ deixasse de ser hum.*
69. Debaixo. *Diante.* Largas. *Claras.*
74. Primeiro. *Com tudo.*
75. Caro. *Escuro.* Rubicunda. *Pudibunda.*
82. Entrambos de ousadia. *Ambos são de valia.*
Primor. Furor.
84. Rica arêa. *Branca arêa.*
85. Nos Ceos. *No Olympo.*
86. Ante. *Para.*
88. Dos Frades neste officio. *De mil Religiosos.*
95. Hum vento. *Huma aura.*
96. Chamaste. *Chamam-te.*
98. Deixou. *Deitou.*
100. Comnosco. *Comtigo.* Elle nas. *Elle por.*
102. Facundo. *Profundo.*
103. A todo o. *Para o.* De entendimento. *De altos desejos.*

CANTO V.

13. Esta Estancia não estava no Manuscrito , e o Poeta a compoz de novo.
18. Falsas aguas. *Altas ondas.*
19. No mar. *No ar.*
22. Toma. *Tira.*
27. Depressa. *Por força.*
28. Que o rudo. *Que o bruto.*
31. Diz. *Cre.*
33. *A resposta lhe démos taõ crescida.* Neste lugar diz Manoel de Faria e Sousa , que tanto na primeira Edição , como no Manuscrito de que usava , se lia em lugar de *crescida* , *tecida* ; mas que elle , por não entender bem o que fosse *resposta tecida* , e por attribuir isto a erro de Impressão , ou de Amanuenses , emendára , e puzera em lugar de *tecida* , *crescida*. Em obsequio da verdade , e da obrigação em que estamos a este insigne Escriptor , cuja memoria será sempre respeitada entre os Sabios ; confessaremos em todo o tempo , que Manoel de Faria e Sousa foi quem mais trabalhou e se cansou para que tivessemos huma Edição a mais certa , e a mais exacta das obras deste Poeta ; mas tambem não soffreremos nos diga absolutamente , que elle neste lugar emendára , e puzera. Todos sabem que a primeira Impressão deste Poema se fez em Lisboa no anno de 1572. em quarto , e que logo no mesmo anno ,

no , e na mesma Cidade , se fez segunda Imprensa , mais correcta , e emendada , tambem em quarto. No anno de 1584. , doze annos depois da primeira e segunda Imprensa , e cinco depois da morte de Luis de Camões , em Lisboa , por Manoel de Lyra , sahio o mesmo Poema impresso em oitavo , com humas breves notas. Crêmos que esta fosse a terceira Edição , da qual presentemente temos hum exemplar diante dos olhos , onde no Canto V. , Estancia 33. , verso 4. , se acha :

A resposta lhe demos tão crescida.

Poucos annos depois , que foi no de 1613 , sahio posthumo o chamado Commento de Manoel Correa ; e esta Edição , que tambem temos presente : nos mostra o mesmo verso , da mesma sorte impresso :

A resposta lhe demos tão crescida.

Todas as outras Edições , (trabalhadas mais pelo interesse de sórdidos Impressores , que pelo zelo do credito do Poeta , ou da Nação) das quaes temos presentemente a maior parte , nos deram sempre o referido verso com a palavra *tecida* , em lugar de *crescida* ; admirando-nos não pouco , de que tambem assim se ache na impressão de 1609. dedicada por Domingos Fernandes a D. Rodrigo da Cunha , que depois foi Arcebispo de Lisboa ; por ser esta sem controversia a melhor , a mais certa , e a mais completa , (á excepção da do mesmo Faria) que se fez deste Poema. De tudo o que fica dito

fará

fará o Leitor seu juizo ; advertindo ser prova-
vel , que aquelles dous Editores de 1584. , e
1613. , como contemporaneos do Poeta , achaf-
sem originaes seus , ou pelo menos vissem co-
pias immediata e fielmente extrahidas delles ,
e que por isso nos désssem naquelle lugar a pa-
lavra *crescida* , em lugar de *tecida*.

39. No mar. *No ar.*

43. Sabei. *Sabe.* Vós fazeis. *Tu fazes.*

45. A dura Quiloa asperrima. *A destruida Quiloa
com.*

49. Temeroso , e ronco. *Espantoso , e grande.*

51. As costas. *As ondas.*

53. Por guerra. *Por armas.*

54. Não soube. *Não pude.*

55. Linda Tethys inclyta. *Branca Tethys unica.*

57. Vergonha. *Deshonra.*

60. Toou. *Soon.* Me. *Nos.* Attendeo aqui o Poe-
ta a ser guia de Vasco da Gama , particular-
mente o Anjo São Raphael , cuja imagem , co-
mo devoto seu , levava no navio , que tambem
tinha este nome.

61. Rutilante. *Radiante.*

67. Co' o mar tamanho espaço estava. *Co' o mar
parece , tanto estava.* Romper. *Vencer.*

74. Invenção do sagrado. *Encommendado ao sa-
cro.*

76. Algũus nomes Arabios. *Palavra alguma Ara-
bia.*

88. Que cantando. *Que co' o canto.*

91. Da nao. *Do mar.*

93. Como a vez. *Como a voz.* E diz Faria que foi erro da penna.

C A N T O VI.

1. Mouro os famosos. *Pagaõ os fortes.*
2. Serenõ Rei. *Famoso Rei.*
3. Do Mouro. *Do Pagaõ.*
6. A forte Lusitania. *A gente Lusitana.*
8. Deofes muitos. *Deofes do mar.*
9. Rutilante. *Radiante.*
10. Da qual e. *Na qual do.* A mui. *A taõ.*
14. Esperando. *Aguardando.*
18. Mexilhões. *Breguigões.*
25. Enriquecem os. *Em riquissimos.*
26. Faltavam os versos 5., e 6., que o Poeta accrescentou.
28. N'outro tempo. *Com razaõ.*
29. Taõ grandissimas. *E insolencias taes.*
30. Que de hum meu Capitam. *Que de hum vasfallo meu.*
31. Aquelles. *Os Minias.*
33. Que Jupiter. *Que o grãõ Senhor.* Naõ por razaõ fenaõ por caso o. *Como lhe bem parece o baixo.*
38. Fundo ponto. *Fundo aquoso.* Rica. *Lassa.*
39. Bem. *Mal.* Seus. *Mil.*
40. Enganar. *Passar.*
70. Desta arte arrazoavam vigiando, quando. *Mas neste passo assim promptos estando, eis.*
71. A rasgam. *A fazem.*

72. Tardando. *Cessando.*
 73. Rijos. *Duros.*
 75. Brados. *Gritos.*
 81. O Astrifero Polo. *Os Ceos, e mar, e terra.*
 92. Baixa. *Alta.*

Aqui dão fim as Lições várias do primeiro Manuscrito : seguem-se agora as do segundo ; no qual , não obstante estar viciado por Manoel Correa Montenegro , de quem havia sido , sempre Manoel de Faria observou as mudanças que se seguem.

CANTO I.

4. Musas do Tejo. *Tagides minhas.*
 9. Bello gesto. *Tenro gesto.*
 10. Materno. *Paterno. Paterno. Superno.*
 16. Remate. *Exicio. O colo mostra. Mostra o pescoço.*
 21. O Antárctico Polo. *O Austro tem.*
 22. Sereno. *Severo.*
 49. De prata. *De vidro.*
 58. De Phebe. *Da Lua.*
 62. Nautica. *Maritima.*
 67. Béstas. *Arcos.*
 89. Estouro. *Brado.*
 106. Verme. *Bicho.*

C A N T O II.

1. Deos Neptuno. *Deos Nocturno.*
 43. Segredos. *As entranhas.*
 52. Hum coração taõ inclyto , e valente. *Tanto hum peito soberbo , e insolente.*
 53. Nas intestinas guerras venturoso. *Nas Civis Accias , &c.*
 56. Manda o bem fallado. *Manda o consagrado.*

C A N T O III.

49. O gado. *O fato.* Fato aqui está pelo mesmo gado , porque em phrase pastoril isso mesmo significa. O mesmo Poeta na Eclog. VI. diz :
Do seu gado , e pobre fato.
 71. Que teu sogro victoria alcance indina. *Ter teu sogro de ti victoria dina.*
 84. Os faudosos campos. *Os semeados campos.*
 97. O supremo exercicio. *O valeroso officio.*
 126. Em cruentas rapinas. *Nas rapinas aereas.*
 140. Deste vicio. *Do peccado.*

C A N T O IV.

1. Traz ás vezes o Sol. *Traz a manhãa serena.*
 16. Vencêram. *Vencestes.*
 39. O fangue ardente. *O fogo ardente.*

CANTO VI.

21. Alabastrino. *Crystallino.*
80. Firmes. *Velhas.*

CANTO VII.

74. Verme. *Bicho.*
77. *De hum velho, de semblante soberano.* Este verso assim deve ler-se, e não como vai no seu lugar.

CANTO VIII.

5. Esquadras. *Batalhas.*
62. Preciosos. *Valerosos.* Liga. *Lia.*
64. Que o espirito divino lhe infundia. *Que Venus, &c.*

CANTO IX.

7. Sulphureos tiros. *Trovões horrendos.*
10. Outros volvem co' o peito a dura barra. *Outros quebram co' o peito duro a barra.*
17. Que não lhe cabe o coração no peito. *Que o coração para elle he vaso estreito.*
21. Grandes dúvidas, e contendas, houve em todos os tempos, entre os Commentadores, e Editores deste Poema, sobre a verdadeira, e genuína lição do verso 6. da Estancia 21. do
Can-

Canto IX. E principiando pelo Manuscripto de Manoel Correa Montenegro , com cujas lições várias vamos continuando ; nelle , affirma o mesmo Faria e Souza , que se lia o tal verso desta maneira : *Co' o terreno que cerca o grão Proteo.* Na primeira Edição , que foi em 1572. , se lê : *Da primeira co' o terreno seio.* Na segunda , feita no mesmo anno : *Da mãe primeira co' o terreno seio.* Na de Manoel de Lyra em 1584. : *Da primeira co' o terreno seio.* Na de Domingos Fernandes em 1609. , dedicada a D. Rodrigo da Cunha , que depois foi Arcebispo de Lisboa , que he a mais estimavel , e correctã , e de que já acima fallamos : *Da mãe primeira co' o terreno seio.* Depois em 1613. veio o celebrado Commento (assim chamado) de Manoel Correa , que se imprimio posthumo ; onde sobre esta Estancia novamente teimou o mesmo Correa , que havia de ler-se : *Da primeira co' o terreno seio ;* porém reconhecendo que o verso ficava desconcertado , e perdido , para sustentar o seu delirio , sahio por outra veréda ; e sem mais se embarçar , nem dar alguma satisfação , em quanto á intelligencia do lugar , e ao sentido e contexto d'elle , que fica ainda mais perdido do que o mesmo verso , passou a dizer , que o verso para ficar certo , se haviam de escrever e pronunciar separadamente as duas vogaes que constituem o diphthongo *ei* na palavra *primeira*. Notavel capricho ! Na verdade que a ninguém

guem veio ainda ao pensamento , que se haviam de pronunciar com dous sons diversos , duas vogaes em hum diphthongo. Pertendia este Author , por estas contas , que o tal verso se escrevesse e pronunciasse desta sorte : *Da prime-ira co' o terreno seio*. Com estes e semelhantes defatinos concluiu o bom Correa , que assim o tinha ouvido ao mesmo Poeta.

Depois da Edição de Manoel Correa notavelmente se multiplicáram as Edições até aos nossos tempos ; e como a má semente pega , e produz com facilidade , em quasi todas ellas se lê este verso com esta mesma alteração , e com este mesmo vicio. Alguns que quizeram fugir d'elle , ainda cahiram em erro maior , e depraváram mais aquelle lugar do Poeta , produzindo-o desta maneira : *Com a primeira do terreno seio*. Assim se acha na Edição de Paris de 1759. , e em outra que posteriormente se fez logo em Lisboa. Mas oxalá que só a este se reduzissem os innumeraveis erros destas duas ultimas Edições ! He digno de particular attenção , e de muitos louvores , o judicioso Traductor Italiano Carlos Antonio Paggi , porque havendo de passar este Poema para o seu Idioma , senão fiou ahi de qualquer exemplar ; mas teve a advertencia , e prevenção , de procurar hum dos mais certos , e mais correctos , (que soube escolher , merecendo-nos por isso esta especial memoria) e que lhe dêsse huma lição a mais legitima , e verdadeira. Da Traducção dos
qua-

os quatro versos ultimos desta Estancia o colhe-
mos, que he como se segue:

*Che nel Règno hà pur molte, a cui confina
De la madre primiera il terren piano,
Oltre di quelle, che le diè la sorte
Di sommo pregio entro l' Erculee porte.*

Naõ se póde certamente dizer outro tanto da traducção Latina, que deste mesmo Poema fez Fr. Thomé de Faria, aliàs benemerito em outros estudos, e em outras Faculdades; pois procurando-se nella este e outros lugares do Poema, em lugar de se achar o que o Poeta escreveo, acham-se cousas que talvez lhe naõ passariam pela imaginaçãõ.

No meio de todas estas desordens, destas negligencias, e destes descuidos typographicos, appareceo no Mundo Manoel de Faria e Souza, Varaõ (a pezar da inveja, e da malevolencia) verdadeiramente consummado em todo o genero de erudiçãõ; o qual, depois de contumir mais de vinte e cinco annos, como elle mesmo confessa, em trabalho, e estudo, para poder entender e commentar este Poeta; e depois de ter visto e examinado tudo o que podia conduzir para o fim que se havia proposto, deixou assaz provado, e estabelecido, que o verso de que tratamos se devia ler: *Da mãi primeira co' o terreno seio*; visto que o contexto naõ pedia outra cousa; visto ser este modo de dizer proprio do estylo do Poeta; visto que assim se lia na segunda Ediçãõ do Poema;

e visto ser esta muito mais estimavel, que a primeira; porque além de ter tambem a assistencia do Poeta, que entao se achava já em Lisboa, se observava tinha sahido consideravelmente emendada dos muitos erros, e faltas, que, ou por malícia, ou por ignorancia, lhe tinham deixado ir na primeira. O mesmo que Manoel de Faria practicou com este lugar, observou em outros muitos do Poema, e Rhythmas do mesmo Poeta, restituindo-os á sua primitiva e legítima inteireza, e tirando-os daquelle estado depravado, e corrupto, em que os tinha posto o desleixamento e incuria de Impressores barbaros, e imperitos. Mas que se seguiu de todas estas fadigas litterarias, com que Manoel de Faria e Sousa illustrou a este Poeta, e a Patria? Por ventura esses lugares restituídos á sua legítima lição, passaram com a mesma integridade ás Edições que posteriormente se fizeram? *Iterum ad lapidem.* Foram amontoando erros sobre erros, de sorte que em huma das Impressões, que ultimamente se fizeram em Lisboa, houve curioso, que só no primeiro Canto do Poema numerou cento e tantos erros, entre os quaes (como vimos) havia não poucos de versos inteiros.

Não nos parece justo molestar o Leitor com mais largos discursos a este respeito; maiormente advertindo-nos a pouca efficacia das nossas palavras, do pouco fructo que tiraremos nesta parte. Certificados disto, contentar-nos-hemos,
já

já que a debilidade das nossas forças nos não permite conseguir outra cousa, com que haja huns poucos, os quaes, reconhecendo este nosso trabalho, ao menos nos louvem o zelo com que sahimos a campo, para pôr na sua devida inteireza o credito do nosso Poeta, tantas vezes arruinado nos innumeraveis erros de pessi-
 mas Edições. Só por fim accrescentaremos, em quanto para a intelligencia do presente lugar, que o que Venus dizia a seu filho, tinha para recreio dos Portuguezes, depois dos immensos trabalhos de huma tão dilatada e perigosa der-
 rota, era huma das muitas Ilhas, que ella do-
 minava naquelles mares Orientaes, (a que chama Reino, e o he de Neptuno para com os Poetas) que *confinavam com o terreno seio da primeira mãe*. Mais claro; (para ver se de huma vez a ignorancia deixa de ser ignorancia) *que confinavam com o Paraíso Terreal*, onde esteve Eva, primeira mãe do genero humano. Seguia o Poeta a opiniaõ de muitos Authores, e ainda Santos Padres, que fundando-se em algumas razões de congruencia, se convencêram, e affirmáram, que o Paraíso Terreal fora naquella parte do Mundo, que depois se chamou Ásia.

43. Entaõ pudico. *E impudico.*

49. Faça quanto a virtude lhe amoesta. *Faça quanto lhe Venus amoesta.*

59. Escondei-vos dos damnos; que co' os bicos. *Entregai-vos ao damno, que co' os bicos. Fa-
 zem*

zem na fructa os passaros inicos. *Em vós fazem os passaros inicos.*

O texto dos quatro versos ultimos desta Estancia se ordena desta maneira: *E vós, peras pyramidaes, se quizerdes viver na vossa fecunda planta, entregai-vos ao damno, que com os seus bicos vos fazem os passaros travessos.* Tres figuras Rhetoricas observou o Commentador Faria que o Poeta usara neste lugar; *Apostrophe*, tornando a fallar com as peras; *Prosopeia*, fallando com o insensivel, e inanimado, como se tivera alma; e *Sarcasmos*, especie de ironia picante, dizendo ás mesmas peras que se entregassem ao damno, quando o intento do Poeta era persuadir-lhes que fugissem delle.

76. A fortaleza. *A natureza.*

91. Que Neptuno. *Que Jupiter.*

95. Da fama. *De Venus.*

C A N T O X.

4. Nectar. *Ambrosia.*

88. Tremendo. *Turbulento.*

104. Deitada. *Deixada.*

Fim da Parte segunda, e do Tomo primeiro.

ERRATAS.

Na Prefação.

Pag.	Regr.	Erros	Emendas
5	5	perfoadindo-se	persuadindo-se
16	21	dificuldade	difficuldade
57	11	<i>equiquis</i>	<i>è quibus</i>
142	15	<i>facto</i>	<i>fato</i>

Na segunda Parte.

Pag.	Regr.	Erro	Emenda
108	11	Thetis	Tethys

E R R A T A

No. 1000.

Page	Reg.	Words	Correction
142	42	photo	photo
147	11	enlarged	enlarged
150	21	6. 1. 1. 1. 1.	6. 1. 1. 1. 1.
152	2	1. 1. 1. 1. 1.	1. 1. 1. 1. 1.

No. 1000. Part.

Page	Reg.	Words	Correction
107	11	Photo	Photo

